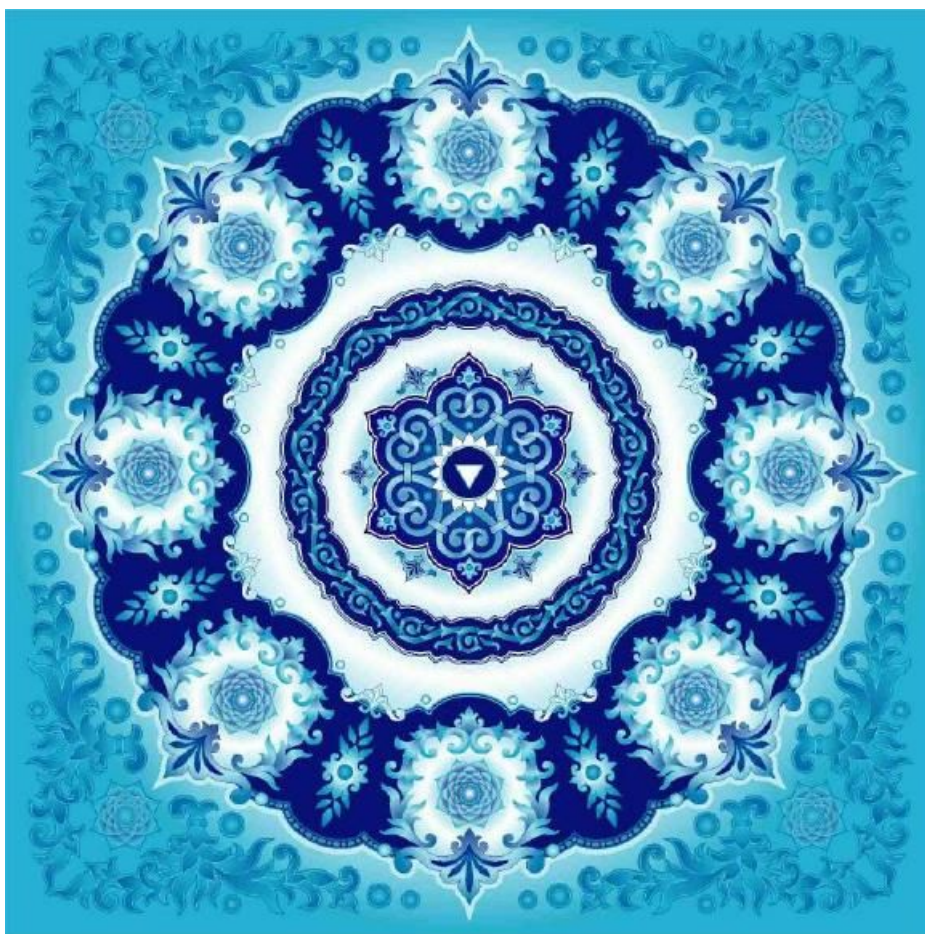


Deus

Temas Herméticos - Livro Segundo



José Laércio do Egito
Agosto -2008

© Notas de Copyright

Esta é não é uma obra do Domínio Público, embora seja disponibilizada de forma gratuita, com exclusividade, na Internet.

É proibida a reprodução parcial ou total do seu conteúdo, em quaisquer meios, impressos ou eletrônicos, sem a prévia e expressa autorização do seu Autor.



ÍNDICE GERAL	PÁGINA
A DUPLA FACE DO PODER	3
O DEUS DOS HEBREUS	6
A ALIANÇA DOS DEUSES	12
OS ENIGMÁTICOS DEUSES	18
DEUS NÃO ESTÁ MORTO	22
AYIN E A CONSCIÊNCIA CÓSMICA	29
CARACTERÍSTICAS DE DEUS INFINITO	32
DEUS QUE GOVERNA E O DEUS PRINCÍPIO	36
O DEUS TRANSCENDENTE	40
O PRINCÍPIO ÚNICO	44
ASPECTOS IMANENTES DE DEUS	47
ASPECTOS TRANSCENDENTES DE DEUS	51
O TRANSCENDENTE ABSOLUTO	54
RECONHECER DEUS	57
DEUSES CRIADOS	61
IMAGENS DE DEUS	65
DEUSES FRAGMENTÁRIOS	68
A IMPERSONALIDADE DO ABSOLUTO	71
A TUMULTUADA DINÂMICA CÓSMICA	74
A DIFÍCIL ARTE DE VIVER NA TERRA	77
O TEMOR A DEUS	80
DEUS É O LIMITE	83
LABIRINTO TEOGÔNICO	86
MANIFESTAÇÕES DIVINAS NA TERRA	89
FORMAS DE REPRESENTAÇÕES DIVINAS	92
ASPECTOS DAS REPRESENTAÇÕES DIVINAS	94
MANIFESTAÇÃO DE DEUS	97
PLANOS DE PERCEPÇÃO DE DEUS	100
A PERFEIÇÃO DIVINA	103
OS SETE CÉUS	106
O QUERER E O INEFÁVEL	109
DEUSES E EGRÉGORAS	112
ELO DE UNIÃO ENTRE AS MANIFESTAÇÕES DE DEUS	115
SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE DEUS	118
DEUS E A ANDROGENIA	120
O ANDRÓGINO DIVINO	122
DEUS CREADOR	125
DEUSES CREADORES	128
SOBRE A UNICIDADE DA MENTE CREADORA	131
CONCEITOS HERMÉTICOS SOBRE DEUS	133
DEUS DE BONDADE	136
DEUS DE JUSTIÇA E O CARMA	139
O DEUS QUE NÃO CONDENA	142
EGRÉGORA E FORMAS DE PENSAMENTO	145

A DUPLA FACE DO PODER

" EU ORDENEI QUE NAS ALTURAS UM VISÍVEL
DERIVASSE DO INVISÍVEL, E DESCENDEU O IMENSO
ADOEL. EU O CONSIDEREI E EIS EM SEU CORPO
UMA GRANDE LUZ E QUE DE TI SE TORNE VISÍVEL
UMA COISA LIMITADA... SAIU DA LUZ UMA GRAN-
DE EON. "
DO LIVRO SECRETO DE HENOC.



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO.

1993

TEMA 0.1 2 4



Após uma série de palestras básicas já podemos penetrar mais alto da Gênese e entender um pouco mais a respeito da criação.

Esta palestra é uma continuação do TEMA 03 aonde vimos que tudo quanto há na natureza surgiu do NADA IMANIFESTO.

No primeiro momento três ocorrências se deram: SURGIMENTO DO TEMPO CRONOLÓGICO, DO ESPAÇO E DA LUZ. Estes 3 elementos que formam uma TRINDADE estavam potencialmente no NADA, no PODER SUPERIOR IMANIFESTO. No NADA não existia manifestação alguma, nem LUZ (de onde toda criação deriva), nem TEMPO (pois coisa alguma havia para se manifestar) e nem ESPAÇO (pois não havia coisas para ocupá-lo).

"E DESCEU O IMENSO ADOEL, E EU ORDENEI E EIS EM SEU CORPO UMA GRANDE LUZ".

Do nada emanou a LUZ, do oceano de MA pela ação de RA comandado pelo QUERER DO INEFÁVEL surgiu a vibração, algo conscientizável a LUZ.

Essa referência constante dos livros de algumas doutrinas secretas e religiões atuais batem perfeitamente com os mais recentes conhecimentos da Cosmologia Científica expressa na Teoria do Big- Bang. Esta teoria diz que nos primórdios do Universo nada existia e que a partir de um “ponto matemático” (algo sem dimensão e conseqüentemente sem ocupar espaço algum, mas contendo toda a energia do universo), num dado momento uma eclosão fenomenal de energia se fez sentir e daí começou a se expandir gerando espaço e nascendo "Krono", o tempo. Aquela energia foi diminuindo de temperatura e formando sucessivamente todas as estruturas do universo que até o presente, 20 bilhões

de anos depois, vêm evoluindo e se afastando uma das outras constituindo o Universo tal como se nos apresenta.

Naquele ponto estava, portanto, contido tudo quanto há, quer sob a forma de energia, quer sob a forma de sentimentos e todas as qualidades possíveis. Tudo, absolutamente tudo deveria já estar ali contido porque não existe outra origem.

É interessante que pensemos, mesmo a ciência materialista não consegue responder de onde surgiram os sentimentos, as emoções, as qualidades subjetivas dos seres, as coisas essencialmente abstratas. Se foram geradas pela própria matéria, neste caso então é uma qualidade inerente à ela e conseqüentemente já estava contido no ponto inicial da criação. Mesmo que sejam características da matéria orgânica assim mesmo tudo já devia estar contido ali, portanto tudo veio daquele ponto que chamamos UM.

Surgindo a Luz ela se irradiou e houve o por onde ela estava se irradiando, constituindo portanto o Espaço, e essa expansão exigindo certo Tempo (um aparente fluir, uma cronologia). Eis uma segunda Trindade.

" TUDO O QUE TU VISTE ENOC EU CRIEI DO NADA E DO INVISÍVEL FEITO VISÍVEL "

"DEUS DESEJOU VER DEUS"

Esse é um dos preceitos básicos da Cabala zelosamente guardado pela Tradição.

Evidentemente é ser ousado em demasia aquele que pretende saber o porquê do querer do Creador. O que o PODER SUPERIOR pretendia ou pretende com a criação é a maior das incógnitas do Universo. Aquele "desejo de ver a SI próprio" possivelmente só serve para atender nossa curiosidade, para nos dar um ponto inicial, um propósito básico para se pensar sobre a Criação, mas na verdade somente quando voltarmos ao estado de pureza é que poderemos penetrar nesse infinito mistério.

Mesmo sendo uma hipótese vaga vamos nos sustentar nela para entender a problemática da existência da individualidade espiritual e tudo aquilo que veio acontecer ao espírito humano.

A PRIMEIRA LUZ É DEUS que também primeira manifestação da Criação. Tudo aquilo que se manifesta no Universo derivou dessa LUZ incomensurável. Igualmente, como diz a ciência, todas as coisas foram se formando na medida em que aquela energia primordial foi diminuindo de frequência. Para a ciência ela foi “esfriando”, mas para o místico apenas diminuindo de frequência vibratória.

Dentro do plano de Criação do PODER SUPERIOR estava implícita a necessidade de uma individualização da consciência, exatamente para através das unidades formadas.

Se o PODER SUPERIOR, segundo a Cabala, visava conhecer, ver a si próprio, por isso Ele teve que se manifestar para ser objetivamente conscientizado por SI mesmo. Não se poder ver aquilo que não está manifesto, assim teve que haver a manifestação das coisas para Deus poder “ser visto”. Antes tudo estava em potencial imanifesto, mas para se tornar visto era preciso se tornar manifesto. Assim O Poder Criou o Universo e ao mesmo tempo destacou as unidades de consciência para tomarem ciência de tudo aquilo que viesse a ser criado.

Como tudo estava contido no UM por incrível que pareça como potencial nele estava o mal como o resultado da polarização do BEM. Na realidade na PRIMEIRA LUZ Só existia as coisas positivas, mas como o universo foi criado mediante a lei da polarização, logo o oposto de tudo e estava contido. (Vide a palestra O ENIGMA DO MAL) como mostra o símbolo do TAO que mostra as duas polaridades do universo.



AS DUAS POLARIDADES DA NATUREZA



“Para “ver” a si mesmo o Poder Superior tinha que “ver” tanto a sua face positiva quando a apostá; “ver” tanto a “presença” quanto a “ausência”.

Uma peculiaridade comum no Universo, nem tudo está explícito, uma infinidade de coisas existem como potencial da Lei da Polarização. Devido a isso é que no Poder Superior as coisas negativas não estão presentes como tal. O mal não está manifesto Nele, somente o bem ¹. Mas quando ocorre o afastamento do bem o mal se manifesta naquela situação. O PODER é LUZ e não trevas, mas quando algo se afasta da luz passa a existir como trevas. A treva não existe por si mesma. Uma luz pode ser transportada, acesa, modificada, porque ela existe como atualidade. A treva não, para se produzir, alterar, modificar, etc. tem que haver manipulação da luz. Para que ocorra uma treva é preciso que seja afastado a luz e para afastar a treva é preciso que se traga a luz. Na presença da luz a treva não pode existir. A treva não foge, não muda de lugar, simplesmente ela deixa de se manifestar porque ela é um dos pólos e se estiver manifesto o outro, que é a luz, aquele outro polo evidentemente estará imanifesto. Portanto a treva é ausência e a LUZ é presença.

Desta maneira também é como as coisas negativas se apresentam no **PODER SUPERIOR**. Nele tudo é positivo. A negatividade decorre do afastamento de uma consciência do lado positivo do Poder.

Por outro lado, tem que ser levado em conta que o mal e o Bem são condições muito relativas, assim sendo, algo que conste do **PODER SUPERIOR** e que julgamos ser um mal na realidade pode não sê-lo para outro ser. Dai decorre que o sentido de mal e de bem é próprio de cada um. Sendo assim, se analisarmos com precisão chegaremos à conclusão de que no **PODER SUPERIOR** não tem sentido algum o mal e o bem. Não são condições manifestas NELE, são potenciais, são polarizações que se manifestam como tal ou como qual, segundo o momento, segundo o ser e a situação.

Diante dessa afirmativa, por certo se o **DEUS** quis ver a si mesmo e por isso criou o universo, Ele não quis ver o mal e o bem, simplesmente quis ver a **SI** mesmo, e para tanto criou as situações que podem ser levadas para um ou outro lado segundo cada ser.

Essa relatividade das coisas polarizadas no Universo é que fazem com que o símbolo do **TAO** se apresente daquela forma. Em cada uma das polaridades está contido a outra porque essencialmente uma é a ausência da outra, mas não algo diferente.



¹ Mal e bem são apenas conceitos humanos. O mal em um momento no outro pode ser bem; o mal para um pode ser o bem para outra pessoa.

O DEUS DOS HEBREUS

" A HISTÓRIA É UMA PÁGINA EM BRANCO
QUE OS HOMENS TÊM A LIBERDADE DE
PREENCHER À SUA VONTADE ".
BAUDIN

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO, FRC.

1994 - 1975 - 3330

TEMA 0.2.2.3



Os Hebreus e seus descendentes têm o grande mérito de haverem salvo grande parte da história da humanidade, de haverem guardado muitos conhecimentos da Tradição, no Ocidente praticamente os conhecimentos sobre a Criação foram conhecidos através deles. Isso é o que, de uma maneira geral se sabe, mas existem muitas coisas secretas que poucos sabem e que em parte serão abordadas nestas palestras, pelo menos o quanto suficiente para que se possam compreender melhor muitos enigmas da história humana e do comportamento de muitos povos.

Se, por um lado, os hebreus trouxeram para o Ocidente muitos dados sobre a origem do homem e sobre a sua natureza, influenciaram e revelaram muito da história oculta da humanidade, sobre a criação, por outro lado muitas coisas erradas foram divulgadas a partir deles, pois de forma alguma ficaram livres da influência malévola do lado negativo da natureza que modificou em parte muito dos aspectos da criação. Dentre aquelas influências negativas de início podemos citar a criação (Gênesis) onde Adão é colocado no lugar de um desobediente e Eva como uma pecadora, quando na realidade isto não corresponde à verdade. De uma forma lata e parcial aquela estória diz respeito não a origem do homem na terra e sim à origem dos espíritos quando da Separação e a subsequente queda dos Espíritos, e não ao Primeiro Patriarca.

Segundo a Tradição Hebraica afirma, na humanidade, representada pelo povo hebreu, houve 5 grandes Patriarcas: *Adão Noé, Abraão, Isaac e Jacó*. Segundo aquela Tradição a história humana estaria contida em 10 linhagens genealógicas colocando toda a história humana dentro de um intervalo de tempo de menos de 6.000 anos. Já podemos afirmar que esse período representa tão somente a história do povo hebreu e não da humanidade como um todo. Nem ao menos representa o atual ciclo de civilização, pois a Atlântida, onde se estabeleceu o ciclo anterior, afundou numa época duas vezes mais distante.

Dos cinco patriarcas apenas um, o primeiro ser humano pelo que pode ser considerado pai de toda a humanidade e não só do povo hebreu pode ser considerado de natureza divina. Este patriarca es-

teve encarnado na terra num período muito remoto. Como primeiro homem Ele aqui esteve encarnado num período que se pode contar como era geológica e não como ano propriamente.

Na realidade Adão, deve ser considerado o primeiro patriarca não especialmente do povo hebreu, mas de toda a humanidade, portanto na citação hebraica e bíblica o período que ELE esteve na terra deve ser colocado numa época remotíssima e nunca dentro dos limites de menos de 10.000 anos como foi astuciosamente colocado no livro de Gênesis, referido na Bíblia e dali difundido em todo mundo ocidental.

Depois de Adão, num período extremamente distante, já dentro desse atual ciclo de civilização veio NOÉ, de Quem veio toda a atual geração. Também NOÉ não está ligado diretamente ao povo hebreu e sim a toda a humanidade.

Desta maneira somente dos 5 Patriarcas citados somente 3 deles estão diretamente ligados ao povo hebreu e que, portanto, pode-se dizer que realmente viveram na terra dentro dos 6.000 citados pela tabela genealógica citada na Bíblia como sendo a idade da geração humana. Isto, por certo, é fruto das alterações feitas na história sagrada de todos os povos pelo OBSCURANTISMO e outros interesses visando apagar a existência de outros ciclos de civilização. Na realidade aquele período bíblico diz respeito unicamente à existência do povo hebreu.

Desta forma tudo fica colocado no seu devido lugar e o incompreensível, o ilógico toma sentido. As listas genealógicas da Bíblia dizem respeito ao povo hebreu e não à humanidade geral por isso é que não há concordância entre o que diz a Bíblia e o que diz a ciência que, como vimos em palestra anterior à ciência já estendeu o limite da humanidade para além dos 100 mil anos enquanto a Bíblia coloca-o em menos de 6.000 anos e, na realidade nem mesmo aquele limite estabelecido pela ciência é exato pois o surgimento da humanidade data de um período ainda incomensurável, bem anterior, portanto, a datação que é proposta pela ciência baseada especialmente em dados arqueológicos.

A história do povo Hebreu antes de Abraão na realidade é pouco conhecida e em grande parte se confunde com a história da Babilônia cujos documentos em muitos pontos apresentam similitude com a história bíblica, como é o caso do dilúvio em que a Bíblia cita Noé e os babilônios citam GILGAMÉS.

Por sua vez Abrão nasceu há cerca de 2.000 anos antes de Jesus na cidade de UR na Caldéia, e podemos dizer que a história esotérica da religião hebraica começa verdadeiramente aquele patriarca.

É preciso que, a pessoa que tenha interesse real de conhecer a verdade sobre a problemática humana, deixe de lado preconceitos religiosos, mantenha a mente aberta e receptiva, para se defrontar com situações que podem ser deveras chocantes. É preciso que, com isenção de ânimos leia a própria Bíblia numa atitude de análise crítica positiva e construtiva. Se assim for feito, com bastante clareza, se verá a presença de duas forças atuando nos bastidores da história do povo hebreu, da mesma formas em todas as civilizações.

Aquele povo, como todos os outros até os nossos dias incorporaram conhecimentos autênticos oriundos da TRADIÇÃO assim como informações infundidas pela própria natureza inferior. Os seres das trevas, como já dissemos antes, atuam com muita intensidade no plano material, na humanidade, e disto resulta que as religiões, assim como a história de todos os povos sempre foram marcadas por informações conflitantes, atitudes negativas e positivas. Em todas as crenças e em todos os povos de todos os tempos a dualidade da natureza esteve presente. Assim sendo na história do povo hebreu aquela influencia não poderia estar ausente.

O povo hebreu trouxe um cabedal muito grande de conhecimentos sobre a criação bem explícito naquilo que em data muito distante foi estruturado como CABALA (= CONHECIMENTO) mas, por outro lado, também um conteúdo muito marcante de desinformações e ingerências do outro lado da natureza.

Como dissemos antes, a história do povo hebreu anterior a Abrão é nebulosa em dados históricos e na realidade ela não apresenta muito de especial até o nascimento daquele Patriarca. Isto que vamos revelar agora é muito chocante, muito doloroso mesmo, mas nem por isso deixa de ser verdadeiro. Abrão foi uma das vítimas da divisão de poderes sobre a humanidade e de forma alguma pode ser tido como uma pessoa santa, como um espírito puro que representasse o lado positivo da natureza. Também não estamos dizendo que haja ele sido uma presença da força negativa na terra e sim que sofreu desta grande interferência. Ele foi influenciado, sem dúvida alguma, e para que se constate isso com suficiente clareza basta que se examine o que diz a própria Bíblia e que se tenha em mente o sentido de justiça, de luz, de amor que são atributos do Ser Superior.

Tanto Adão quanto Noé não foram atingidos pelo lado negativo da natureza, mas o mesmo não podemos dizer com referência a Abrão. A história exotérica hebraica tenta apresentar Abrão como um justo, como um verdadeiro representante de Deus na terra enquanto Adão como um ser vítima do lado negativo da natureza. Na realidade a ordem deve ser exatamente a inversa, Adão jamais foi envolvido pelo lado negativo o que não aconteceu com Abrão. A situação atribuída a Adão e Eva diz respeito à queda dos espíritos após a criação deles e não à criação do homem na terra. Isto foi feito pela própria força negativa a fim de tirar de si a culpa.

É fácil isto ser percebido pela própria Bíblia que Abrão foi orientado diretamente por um ser que o dirigiu durante toda a sua vida e que se observe o tipo de orientação que lhe foi dado.

Gênesis capítulo 12 e seguintes descreve assim: O "Senhor" manda que Abrão saia de Ur na Caldéia, sua terra Natal, e seguir para a terra de Canaã e depois para o Egito. Diz a descrição bíblica que Abrão com medo que fosse morto disse que a sua esposa era sua irmã e como tal de certa forma a entregou ao faraó do Egito. Abrão tinha como esposa Saara e como ela era uma mulher de grande beleza Abrão acreditou que os egípcios a desejassem e sendo ele o esposo dela por certo lhes matariam para tomar-lhe a mulher. Agindo assim Abrão instruiu Saara para se dizer sua irmã, e assim aconteceu e ela foi usada.

Gênesis 12.11 e seguintes - ***"Quando estava perto de entrar no Egito, disse a Saara, sua mulher; Conheço que és uma mulher formosa, e que, quando os egípcios te virem, dirão: É sua mulher, e matar-me-ão, conservando-te a ti. Dizei, pois, te peço, que és minha irmã, para que eu seja bem tratado por causa de ti, e me conservem a vida, em atenção a ti."***

(Obs. Vejam o tipo de atitude de Abrão e julguem o que tal significa).

Gênesis 12.14 - ***Tendo, pois, Abrão entrado no Egito, viram os egípcios que aquela mulher era muito formosa e os príncipes fizeram-no saber ao faraó, e louvaram-na muito diante dele, e a mulher foi levada ao palácio do faraó. E trataram bem Abrão, por causa dela; e ele teve ovelhas e bois e jumentos, e servos e servas, de jumentas e camelos. O Senhor, porém, feriu o faraó e a sua casa com pragas, por causa de Saara. E o faraó chamou Abrão e disse-lhe: Por que te houveste comigo desta sorte? Por que não declaraste que ela era tua mulher? Por que dissestes que ela era tua irmã, para que eu a tomasse por minha mulher? Agora, pois, aí tens a tua mulher, toma-a, e vai-te. E o faraó deu ordens a seus homens para cuidarem de Abrão; e eles o acompanharam até a saída do Egito com sua mulher e com tudo o que possuía."***

Quem está mais próximo de Deus numa situação daquela, Abrão ou o faraó?

Segue-se a estória de Abrão com guerras, lutas, matanças de povos, rituais de sangue (sacrifícios de animais) etc. tudo orientado pelo senhor deus de Abrão. Não é fácil associar, pelas orientações dadas a Abrão por aquele senhor, à idéia que temos do Poder Superior, de Deus verdadeiro, com o de Abrão.

Outro ponto citado (Gênesis 14.17) diz respeito à bênção dada por *Melquisedec* pelos atos de Abrão (*Melquisedec* significa em hebraico Rei de Justiça, e *Salém* significa Paz). Mais uma vez nos defrontamos com uma adulteração de datas, algo localizado fora de época. É colocado *Melquisedec* numa posição tal como aquela em que colocaram Adão.

O Capítulo 15 diz respeito aos primeiros acordos e conchavos entre Abrão e o "senhor" em que são negociados bens materiais, poderes terrenos em troca de fidelidade. Em nenhum momento os acordos dizem respeito a valores espirituais e sim tão somente a poderes efêmeros, materiais.

Gênesis 17 - *"Mas, quando Abrão chegou à idade de noventa e nove anos, o senhor apareceu-lhe, e disse-lhe: Eu sou o Deus onipotente; anda em minha presença, e sê perfeito, e eu farei a minha aliança entre mim e ti, e te multiplicarei extraordinariamente. Abrão prostrou-se com o rosto por terra. E deus disse-lhe : Eu sou e a minha aliança será contigo, e tu serás pai de muitas gentes. E não mais serás chamado de Abrão, mas chamas-te-as Abraão, porque te destinei para pai de muitas gentes. Eu te farei crescer extraordinariamente, e te farei chefe das nações, e de ti sairão reis. E estabelecer a minha aliança entre mim e ti, e entre a tua descendência depois de ti no decurso das suas gerações, por um pacto eterno; para que eu seja o teu Deus, e da tua descendência depois de ti. Darei a ti e à posteridade a terra da tua peregrinação, toda a terra de Canaã, em posseção eterna, e serei o seu Deus "*

Disse mais Deus a Abrão: *"Tu, pois, guardarás a minha aliança, tu e os teus descendentes. Eis o meu pacto, que haveis de guardar entre mim e vós, e a tua posteridade depois de ti. Todos os homens entre vós serão circuncidados; circuncidareis a carne do vosso prepúcio, para que seja o sinal da aliança entre mim e vós. O menino de oito dias será circuncidado entre vós, todos os homens nas vossas gerações, tanto o escravo, como o que comprardes, e qualquer que não seja da vossa linhagem serão circuncidados. E este meu pacto será marcado na vossa carne para sinal de aliança eterna. O indivíduo do sexo masculino, cuja carne não tiver sido circuncidada, tal alma será exterminada do seu povo, porque violou a minha aliança "*

Nessa parte vemos um pacto de baixo nível, de coisa material, e especialmente envolvendo sangue (fonte de energia vital). Também, se vê a aprovação do "senhor" à escravidão. Cada um analise com isenção de ânimo e tire a própria conclusão sobre o senhor de Abraão.

A história segue com Isaac sempre com lutas, traições, guerras, sangue, inveja, ódio, mortes até mesmo entre irmãos. Será que isso representa uma atitude como é de se esperar que seja a da Força Superior?

O mesmo podemos dizer com relação ao 5º Patriarca Jacó. Vale citar que aquela visão de Jacó no que diz respeito a uma "escada" que se perpetuou até hoje como Escada de Jacó. Jacó adormeceu e viu uma escada unindo a terra ao céu e ouviu a voz do "senhor" dizendo: "Eu sou o Senhor Deus de Abraão, teu pai..." Novamente promessas materiais e exigências de cumprimento do pacto. Houve uma mistura nisso, uma coisa foi à visão de Jacó e outra é o que os cabalistas atribuem como associações de árvores da vida indicando a estrutura do universo. Na realidade as associações da árvore da vida podem ser uma escada positiva, verdadeira, mas não aquela citada como havendo sido vista por Jacó e que unia a terra ao mundo do deus de Abraão. Por isso, num futuro bem mais distante, podemos dizer em

nossa época atual está sendo citado outra "escada". Esta sim de natureza positiva pois simboliza um caminho de Luz, de Paz e de Amor, caminho este que pode conduzir o homem até SER SUPERIOR.

Em resumo, podemos dizer que todos os três últimos Patriarcas foram envolvidos por um poder negativo da natureza. Dos cinco só os dois primeiros não foram envolvidos.

A presença das duas forças sempre esteve presente na história dos hebreus, como em todas as outras, sendo bem nítida na casa de Jacó. Jacó oscilou muito entre as duas forças. Sua vida toma equilíbrio na velhice após o nascimento de José (José do Egito). É com a presença de José no Egito, com a posição que ele chegou a ocupar na corte do Faraó que Jacó e seus outros filhos passam a residir no Egito. Dos doze filhos de Jacó tiveram origem as 12 tribos de Israel e a seguir os hebreus progressivamente se tornaram escravos do Egito.

Durante 470 anos o povo hebreu viveu como "escravo" no seio da civilização egípcia. Aquele povo chegou à terra dos Faraós quando José, um dos filhos de Jacó, ocupou uma elevada posição política e social junto à corte egípcia.

Analisemos o que os Hebreus tinham de especial. As tribos hebraicas primitivas tinham uma condição em comum que lhes proporcionava um sentido de unidade e de coesão que perdura até os nossos dias entre os Israelitas. Aquele caráter de união era condicionado especialmente pela ideia comum de um único Deus. Mas o lugar de Deus a partir de Abraão foi ocupado por uma força que se intitulou JEHOVÁ, assumindo as 4 letras sagradas do alfabeto hebraico e que simbolizam DEUS

Uma das condições estabelecidas naquelas alianças era o compromisso do povo Hebreu somente prestar obediência, e admitir como divindade ele, Jehová. Em troca, Jehová, que também se intitulava o “Senhor dos Exércitos” daria a sua proteção aos hebreus conferindo-lhes a condição de membros de uma raça eleita.

Em muitas ocasiões, como pode ser constatado pelos textos bíblicos, Jehová manteve contacto pessoal com vários dirigentes das tribos hebraicas.

Desde a estória de Adão e Eva, como está na Bíblia, em que consta que o Senhor Jehová construiu um paraíso e nele colocou Adão já o Serro dos Exércitos (Jehová) dialogava com Adão, e mesmo se apresentava fisicamente para ele. Indo ainda mais longe Jehová atuou contritivamente no paraíso retirando de Adão uma costela para construir Eva. Esta levada por outro ser quebrou uma das cláusulas do acordo estabelecido entre Adão e Jehová comendo o fruto da árvore proibida, e induzindo o seu esposo a fazer o mesmo.

Gênesis 3.8 "E ouviram a voz do Senhor Deus que passeava no Jardim pela viração do dia: E escondeu-se Adão e sua mulher da presença do Senhor Deus, entre as árvores do Jardim".

Embora essa estória seja uma daquela introduzida nas Escrituras Sagradas e que não corresponde à verdade mesmo assim citamo-la para mostrar que a presença física de Jeová era coisa aceita pelos hebreus

Gênesis 6.2 - "Viram os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas; e tomaram-nas para si mulheres de todas as que escolheram

Gênesis 6.4 "Havia naqueles dias gigantes na terra; e também depois, quando os filhos de Deus entraram às filhas dos homens e delas geraram filhos..."

Gênesis 6.4 = "Ora, naquele tempo havia gigantes sobre a terra. Porque como os filhos de Deus tivessem tido comércio com as filhas dos homens, pariram elas aqueles possantes homens, que tão famosos foram na antigüidade".

Concluimos esta palestra mostrando que aquele ser com o qual os hebreus estabeleceram alianças evidentemente não agia como a **FORÇA SUPERIOR**, como o **CRIADOR DE TODO O UNIVERSO**.



A ALIANÇA DOS DEUSES

**“Herético não é aquele que é queimado
na fogueira; mas sim aquele que acende
a fogueira”.**

WILLIAM SHAKESPEARE

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO. FRC

3329 - 1976

TEMA 0254



Na realidade o poder negativo assumiu inúmeras vezes o lugar do Deus verdadeiro e fez inúmeras alianças em todos os tempos com muitas pessoas e povos. Por outro lado, é mais do que provável haver a terra sido palco de vários surtos de civilizações; algumas deixaram indícios históricos, outras registradas como mitos, e outras completamente desconhecidas. A cronologia da história da humanidade não é exatamente aquela que a história oficial refere. Em outra palestra já dissemos que a terra é habitada há centenas de milhares de anos, falamos daquilo que o Sacerdote de Sais disse a Solon a respeito da Antigüidade da Grécia, que aquela nação era muito antiga existindo já na época da Atlântida.

O mesmo se pode dizer da Babilônia. *Diodoro da Sicília* informava que a Babilônia era antiqüíssima, que os babilônios afirmavam que as suas primeiras observações astronômicas haviam ocorrido há 473 mil anos até a vinda de Alexandre. Aristóteles dizia que eles afirmavam que sua civilização tinha um número imenso de anos. *Epigenus* afirmava que havia observações astronômicas com cerca de 470 mil anos registradas em placas de tijolos de algumas colunas. *Berosius* culpa os escritores gregos por afirmarem haver a Babilônia sido fundada por Semíramis em data muito mais recente do que na realidade havia sido.

Outro ponto que queremos considerar nesta palestra é ser praticamente impossível se saber dentre aquelas civilizações alguma que foi tão amplamente difundida quanto a atual, e se houve alguma que haja se expandido a nível global como esta a que pertencemos.

Atualmente podemos dizer que a terra vive uma civilização global, pois os pontos isolados do globo onde ainda existem tribos primitivas são poucos e insignificantes. A atual é uma civilização comum a todos os recantos da terra, ou pelo menos, os valores atuais chegaram a todos os recantos.

Considerando-se como premissa que algumas civilizações pré-históricas, como a da Atlântida, a da Lemúria, e algumas outras passaram quase sem deixar vestígios, vamos tirar algumas conclusões nesta palestra.

Pelo pouco que se sabem, muitas civilizações desenvolvidas foram restritas a uma região apenas, quando muito a um continente. Algumas, talvez, hajam sido civilizações “matrizes” de outras que se lhes seguiram.

Ao se analisar certos dados, parecem que alguns daqueles povos existiram numa época em que o resto do mundo vivia em nível muitíssimo inferior, por isso ele apareceram como surtos regionais apenas. Na atualidade há povos mais, e povos menos desenvolvidos, porém não de uma maneira tão contrastante como em épocas pretéritas.

Para o desenvolvimento desta palestra vamos deixar de lado aquelas civilizações antiqüíssimas sobre as quais quase não existem dados comprováveis, e analisar somente aquelas conhecidas oficialmente, as chamadas civilizações da Antigüidade histórica.

Num mundo extremamente atrasado em todos os sentidos, num mundo que contrasta fundamentalmente com o atual, inesperadamente surgiam povos que tinha um desenvolvimento muito além da média da época.

Hoje o conhecimento está difundido em todos os povos, no mínimo em decorrência dos meios de comunicação podemos dizer o conhecimento ao menos como informações chegam à quase totalidade dos povos da terra, mas, em priscas era tal não ocorria. A ignorância e o atraso eram comuns aos povos e o saber patrimônio de um determinado povo, ou até mesmo de uma determinada casta. Por essa razão muitas civilizações foram extremamente contrastantes com as demais. Compararem-se com as demais em cada época as civilizações suméria, hitita, maia, caldaica, egípcia, azteca, inca, grega, etc. Em cada época era comum apenas uma delas florescer, enquanto o resto dos povos permanecia muitas vezes na mais tremenda ignorância. Quando muito numa mesma época duas civilizações floresciam simultaneamente, porém em pontos distantes. Não cabe citar detalhes de tudo aquilo que os egípcios, celtas, maias, e tantos outros povos fizeram. Por enquanto basta dizer que existiram muitas civilizações que estavam muito além de suas épocas.

Outro ponto a ser considerado é que bruscamente uma determinada civilização se estabelecia em períodos completamente bárbaros e atrasados em todos os sentidos, estabelecendo-se um contraste tremendo. Em tais situações era atribuída a atuação e mesmo presença física de algum “deus”. Com base até mesmo em mitos e dados arqueológicos salienta-se um elemento comum a todas as grandes civilizações do passado histórico. A admissão de uma origem ligada às estrelas e de um “deus” provindo do céu. Assim foi no Egito com Osíris, na península de Yucatã com Quetzicoatl; no Peru ² com Orejana; no país dos Hititas com Oeane, etc. Na Grécia não apenas um mas um verdadeiro Panteon de deuses estabelecidos.

Poderíamos continuar enumerando surtos de grandes civilizações passadas citando que em todas elas houve um “senhor” que tido como “filho das estrelas”.

Os hebreus não fugiram à regra, apenas trocaram o nome estrela por céu de onde vinha o “senhor” Jeová. Para os hebreus Jeová era um ser oriundo do céu e que falava diretamente com patriarcas e profetas, como o fez com Abraão, com Moisés e outros.

Atualmente é pouco questionável se as civilizações egípcia, céltica e maia tiveram uma matriz comum, pois em inúmeros pontos elas se assemelham. Há muitos elos em comum entre aquelas civilizações, como, por exemplo, o trabalhar grandes pedras. Tudo faz crer que aquela arte foi originária da Atlântida.

² Referência a civilizações bem anteriores a civilização Inca.

Nesta palestra não pretendemos discutir a existência ou não de civilizações hipotéticas, mas nos ter àquelas que são aceitas oficialmente; somente a algumas que indiscutivelmente existiram, com a hitita, caldaica, sumérica, céltica, inca, azteca, egípcia, etc.

Inicialmente salientamos que os mitos em torno de todas elas refere-se a algum “senhor”, a algum ser especial que os originou ou promoveu o desenvolvimento alcançado.

Entre todas as civilizações, neste sentido, a que dispomos de maior volume de informações, sem dúvidas, é a Grega cuja mitologia mostra um relacionamento físico no Olimpo entre homens e deuses.

Por outro lado vale salientar que se estudando as civilizações antigas vê-se que todos os deuses de todos os povos foram seres que conviveram fisicamente com o povo.

Daquilo que discutimos até aqui, assinalaremos dois pontos fundamentais:

A - *Existiram civilizações admiráveis no passado histórico da terra que, segundo o mito, tiveram em seu seio seres tidos como divinos, oriundos de lugares fora da terra;*

B - *Que aquelas civilizações sempre foram limitadas a áreas relativamente pequenas, nunca abrangendo dimensões continentais, ou globais e que além de restritas em extensão, tinham também restrições quanto aos conhecimentos.*

Não podemos afirmar se o homem na história teve uma amplitude de conhecimentos tão vasta quanto agora, mas por certos nas culturas com indícios históricos isso não aconteceu. No passado haviam conhecimentos avançados, alguns deles profundos, porém que de uma maneira geral não abrangiam muitas áreas. Eram extremamente restritos em número de especialidades, muito embora alguma pudessem até mesmo superar a nossa em algum ponto em particular.

Como exemplo disto, podemos ver que os incas foram adiantadíssimos em comunicação e estrutura social, os gregos em filosofia matemática e geometria; os egípcios, em arquitetura; os maias em matemática e astronomia, agricultura, arquitetura e urbanismo. Os maias atinham conhecimentos avançados de Astronomia, conheciam os movimentos Vênus ao ponto de terem um calendário venusiano e um da terra.

Assim vemos, no passado bruscamente um determinado povo tinha um desenvolvimento apreciável em algum setor enquanto noutros continuavam atrasado, como é o caso do povo inca que não tinha uma linguagem escrita eficiente, mas eram extremamente desenvolvidos em vias de comunicação, especialmente na construção de estradas. O Império Inca estendendo-se por quase toda costa oeste da América do Sul era cortado pela conhecida Estrada do Sol. Uma estrada pavimentada e que poderia ser considerada moderna ainda hoje. Paralelamente tinha uma organização social tão evoluída que as atuais nações socialistas ainda estão muito longe atingir. Também não se pode esquecer a arte de trabalhar o ouro, que ele estava muito à frente da média do nosso mundo atual. Igualmente quanto à origem daquele ouro há algo de enigmático a tal ponto que existem hipóteses de que era obtido por um processo alquímico desconhecido.

Tudo ocorreu como se em uma determinada época a civilização autóctone estabelecida na terra houvesse sido visitada e dirigida temporariamente por algum, ou por alguns elementos oriundos de algum mundo fora da terra. Para alguns pensadores aqueles seres teriam que ser de um outro planeta porque toda a terra estava naquela época num nível cultural incompatível com o desenvolvimento apresentados por eles. Para que não fossem oriundos da terra deveria em outra parte do universo existir uma civilização tanto ou mais desenvolvida que a da terra, o que se sabe não haver provas concretas disso.

Se forem válidas certas hipóteses de algumas doutrinas místicas, os iniciadores daquelas civilizações provinda de planos diferentes, de algo assim como universos paralelos.

Graças aos conhecimentos daqueles seres “divinos” uma determinada raça manifestava inesperadamente conhecimentos capazes de torná-la superior às demais e disto em curto prazo advinha um grande desenvolvimento mas, a médio e longo prazo, causou seríssimas dificuldades, isto acontecendo exatamente a partir do momento em que aquela “ajuda divina” cessava. O que é pior é que comumente não haviam indicações do quando a “ajuda divina” cessava. Só em alguns poucos casos os deuses partiram prometendo voltar um dia mas também que a aliança permanecia. Por isso, mesmo após a partida aquele povo ainda continuava admitindo ser uma raça superior e disto advinha a tentativa de hegemonia sobre os demais povos.

Todas aquelas raças que se destacaram na Antigüidade histórica estiveram ligadas por acordos aos “deuses” dos quais receberam ajuda das mais diversas naturezas.

Nosso objetivo nesta palestra não é descrever todos aqueles grupos que mantiveram associações, ligas, e acordos com deuses, mas examinar algumas conseqüências daqueles acordos e, especialmente mostrar que nenhuma daqueles seres era Deus e nem sequer perfeito.

Com o advento do Cristianismo Jeová foi também aceito como o Deus dos cristãos.

A presença física de um ser que se chamava Jeová, e que também chamou a si próprio senhor dos exércitos, deu ao povo hebreu uma autoconfiança acentuada, e podemos dizer, sob certo ângulo, a presença e direção e direção daquele ser foi muito benéfica para a raça.

Em curto prazo o acordo favoreceu o povo hebreu, porém aquele resultado benéfico muda de feição se for encarado ao longo dos séculos, pois o comportamento de Jeová perante o seu povo eleito é tanto ou quanto difícil de ser entendido. Houve uma época, um momento, em que ele rompeu o acordo, desfez unilateralmente a aliança ficando a outra parte, o povo, entregue à sua própria sorte, e o que foi ainda pior, os hebreus continuaram contando com um apoio que não mais existia resultando disso sérias conseqüências.

É verdade que Jeová denunciou muitas vezes a quebra do acordo por parte do povo eleito.

Lendo-se a história daquele povo é fácil se saber exatamente a partir de quando a aliança de desfez, pois daí para diante não mais houve manifestação física daquele senhor. A última aparição de Jeová foi a Daniel, a Malaquias e finalmente Natan. Depois disto somente houve uma manifestação física mas não aparecimento real no palácio de Nabucodonosor já no período da escravidão na Babilônia.

Tudo teria sido diferente se o povo eleito houvesse tomado consciência de que Jeová não mais estava mantendo o acordo firmado. Jeová, porém, sem nada mais dizer, sem declarar o rompimento final da aliança, simplesmente deixou de manter contatos físicos com os dirigentes da raça eleita. Esta, ignorando o fato, continua até hoje a acreditando naquela aliança e mantendo intacta a idéia de ser uma raça especial.

As conseqüências do rompimento da Aliança trouxe conseqüências gravíssimas, basta que se veja que poucas raças desenvolvidas sofreu tanto, durante tanto tempo, quanto a israelita, e o motivo básico disto foi a unidade racial baseada na crença de superioridade inerente ao conceito da raça eleita de Jeová.

Sem pátria - até mesmo sem Lar - subjugada, injustiçada, e humilhada por séculos seguidos a valorosa raça israelita teve que envergar os mais sórdidos e infamantes papéis impostos por outros povos.

Se não fosse o acordo com Jeová tudo teria sido diferente, pois o povo israelita não teria se isolado como raça, e nem esperado o cumprimento de uma aliança quebrada unilateralmente, nem querido se impor como a única raça superior da terra.

Todos os sofrimentos daquele digno povo se deveu à uma forma de traição pelo rompimento não formal de um acordo por parte de Jeová. Aquele “senhor” após simples avisos abandonou o povo sem avisar-lhe que a partir de determinado momento cessara o seu apoio, por isso os Israelitas até hoje continuaram acreditando que a aliança ainda existe, embora haja mais de dois mil anos nem mais um só contacto foi estabelecido.

Vendo-se aquele o acordo, os avisos, o rompimento e tudo o mais concernente à aliança dos hebreus com Jeová sente-se uma conotação nitidamente humana. Era um acordo como qualquer outro entre simples homens, por isso afirmamos não aceitamos que Jeová seja o Deus Criador do Universo. Em aquele acordo transparece sempre uma atmosfera de intrigas, de interesses mesquinhos, menosprezos às demais raças, estimulou às guerras, traições, e muitas outras qualidades essencialmente negativas da natureza humana; diga-se mesmo, qualidades inferiores às qualidades da humanidade atual que já se preocupa um tanto com a fraternidade universal. Jeová, portanto, deus de preferências, o que não o credencia para a posição de criador universal.

O que ocorreu com o povo hebreu não foi diferente daquilo que também afetou os aztecas que acreditando na volta de um “senhor”, Viracocha, que partira um dia prometendo voltar, deixou-se imolar humilhanamente pelos estranhos. Nunca mais Viracocha voltou e os aztecas receberam os espanhóis, conquistados insaciáveis, como deuses, na ilusão de que aquilo prenunciava a volta do “Senhor Viracocha”. Vale salientar que a semente deixada por Viracocha foi essencialmente maléfica pois dela resultou numa terrível religião de holocausto sanguinolentos, de imolações incontáveis de pessoas em nome de Deus.

Os demais povos da península de Yucatan, igualmente acreditando nas promessas do “senhor Quetzacoatl” também receberam os conquistadores de braços abertos e em decorrência disto todas as raças da América Central foram inexoravelmente destruídas.

Mais uma vez houve traição aqueles deuses. O elemento mais significativo da traição foi o início do conceito de raça eleita. A traição se fez sentir sob a forma de um hipervalorização racial e de uma plêiade de falsas promessas para depois de um glorioso regresso que nunca veio a ocorrer. Tal ilusão atuou como uma bomba de retardo, que indubitavelmente foi a causa da destruição de muitas civilizações.

Situação idêntica ocorreu com os Incas. Ali não foi diferente pois também era aguardado o regresso de um Deus branco, de um “senhor” que prometera voltar um dia. Voltaram os bancos que eram apenas espanhóis ávidos de ouro.

Nova conquista favorecida por uma inverdade deixada pelo “senhor”. Se não fosse o abandono da raça eleita, agravado pela megalomania racial que o senhor induzira, a conquista dos impérios existentes nas Américas, por certo, não haveriam ocorrido daquela foram, com tantos genocídios, com tantos horrores, traições vergonhas, e humilhações, e evidentemente a historia seria outra e o desenvolvimento daqueles povos também.

O que pretendemos salientar é que houve “senhores” que foram tomados como Deus e cada povo foi obrigado a reconhecê-los como verdadeiros e únicos. Não cabe aqui dizer se houve algum verdadeiro, mas citar que todos afirmaram sê-lo.

Cada povo sempre dizia ter o seu Deus o verdadeiro e o do vizinho um falso, quando não, um demônio.

É ótimo se cada um procure estudar cada um daqueles deuses, o que ele ensinou, e o que resultou de sua influencia sobre o povo; a maneira como surgiu e geralmente sem que ao menos as pessoas viessem a saber que eles desapareceram.

O que é difícil em se tratando do estudo sobre demônios e deuses, é, sem dúvidas saber quais entre eles são individualidades reais ou apenas formas de pensamento, contudo, no que tange ao modo e agir e as suas conseqüências não apresentam diferenças.



OS ENIGMÁTICOS DEUSES

**“O HOMEM TEM O PRIVILÉGIO DE AGIR,
PENSAR, DE ORGANIZAR SUAS Existências
E SEU DESTINO”.**



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO, FRC.

3329 - 1976

TEMA 0.255



É bom estudar a história por mais de um ângulo fazendo um estudo comparativo entre os deuses dos vários povos. Se for feito assim se tornará claro algo muito interessante e intrigante. O deus de uma raça era ótimo geômetra, o de outra, matemático; o de outro, um bom técnico em comunicações; de outras, um filósofo, um astrônomo, etc. Por outro lado, nunca qualquer um deles foi conhecedor de todas as ciências, mesmo se levando em conta que o povo não tinha nível para absorver um alto grau de conhecimentos.

Mesmo naquilo que eles ensinaram às “raças eleitas” sempre acontecia certo nível de especialização que caracterizava cada grupo.

Nenhuma civilização global se desenvolveu e muito menos uma vasta gama de conhecimentos foi, cada nação apenas teve bom desenvolvimento em umas poucas especializações, induzida pelos deuses. Nesse ponto já poderemos ter mais uma conclusão a ser tirada. A presença do “senhor” algumas vezes foi benéfica só de início, mas depois se transformou em algo muito prejudicial. Aconteceu como aconteceria se um adulto se elegeisse anjo da guarda de uma criança durante certo tempo e depois esta acreditando ainda ser protegida se expusesse a perigos enormes. A criança, confiante no seu protetor se submetesse a todos os perigos e na hora que mais necessitasse de ajuda verificasse que nada mais havia, que o protetor havia sumido completamente.

Para as nações, melhor seria nunca haver existido protetor algum mesmo naqueles casos em que as suas presenças inicialmente acarretaram certo tipo de desenvolvimento, porque mais tarde passou a ser causa desencadeadora de destruição.

Embora cada povo da Antigüidade haja tido algum “senhor” e acreditasse ser ele o Deus Supremo isto, racionalmente é algo absurdo pelas razões que expomos na palestra DEUS NÃO ESTÁ MORTO.

Não restam dúvidas de que todos os “protetores” usurparam o nome de Deus, muito embora cada um admitisse a existência de outros deuses.

Jeová, por exemplo, disse: “*Não adorarás outros deuses*”. Assim ele se impunha aos israelitas, mas concomitantemente admitia a existência de outros, pois disse: Não adorarás deuses estrangeiros, uma das cláusulas do acordo entre ele e os Israelitas.

A Idade Média nada mais foi do que uma noite na história da atual civilização. Foi naquela noite, exatamente, que o homem esqueceu suas obrigações, esqueceu, ou foi obrigado a esquecer, conhecimentos que somente nas últimas décadas voltaram a ser redescobertos.

Se o racionalíssimo levou o homem a não admitir um Deus antropomórfico e cheio de paixões humanas, igualmente exigiu um Deus metafísico, um Ser transcendent capaz de se situar além dessa coisa fantástica que é o universo. A terra, um grão de poeira do universo não poderia ter aqui o Supremo Construtor de tudo passeando entre de jardins, ou falando, caminhando, fazendo alianças, acordos, ou exercendo sua vontade com características humanas. Um ser que criou todas as leis inerentes a todas as ciências, tudo tão lindo, tão perfeito e fantástico, por certo não necessitaria de acordos com direitos e deveres bilaterais.

Tudo aquilo que o Supremo quis o fez por meio de leis naturais, ou melhor criou as leis naturais para que as coisas se organizassem.

Quando o homem terreno volta a sua inteligência para a magnificência que é o universo, sente não poder aceitar o Supremo Criador disto tudo como um ser que necessitasse vir a terra para se envolver com as calhordices humanas, como mazelas de quaisquer raças.

Que o leitor inteligente compare a grandiosidade de uma Galáxia e pense que esta ainda não é nada se comparada com o próprio universo. Que compare o Criador disto tudo com aqueles deuses que querelavam com os povos de várias raças, e sinta a impossibilidade de haver sido como muitas afirmativas tidas como verdadeiras.

Após isto se chega a uma conclusão capaz de chocar a muitos profundamente, mas que na certa explicará muitas coisas aparentemente absurdas que foram legadas do passado, especialmente através das religiões. Chocante sim, mas verdadeira. Como se Jesus: “**Conhece a verdade e ela te libertará**”.

Ainda queremos deixar patente que os “senhores” não foram criaturas totipotentes como seria esperado se algum deles fosse o Deus Supremo. Foram seres em algum sentido, detentores de conhecimentos além daqueles do grupo a que se agregaram, e também que os conhecimentos deles eram tanto ou quanto específicos, pois os povos onde eles desenvolveram os conhecimentos deles se tornaram às vezes profundos de qualificações setorizadas.

Vamos explicar isto estabelecendo uma analogia entre os “senhores” e uma explicação atual na uma região primitiva. Suponhamos que um grupo de pessoas chegasse a uma região habitada por seres primitivos, como na Amazônia, ou em alguma ilha da Polinésia. Lá chegando entrariam em contacto com diferentes grupos, cada elemento da expedição com uma determinada tribo. Por procederem de uma civilização muito à frente da daquela em que todos os elementos o aportara, cada elemento do grupo poderia orientar as pessoas e destruir a tribo orientando e ensinar-lhe uma série de coisas, fazendo alianças e acordos.

Como aquele grupo era constituído por pessoas com várias especialidades, certamente aconteceria que cada tribo passaria a ter maior desenvolvimento sendo a especialidade do seu interesse.

É evidente que a grupo para onde fosse um médico teria desenvolvimento apreciável na arte de curar, embora pudesse desconhecer complementemente outras especialidades; para onde fosse um arquiteto, aconteceria o desenvolvimento na arte de construir e assim por diante.

Alem disto o povo onde eles aportassem não tendo infra-estrutura para desenvolver todas as potencialidades do “senhor” este teria que adaptar os seus conhecimentos às condições locais.

Isto foi o que aconteceu com a Alquimia em que uma das primeiras alquimistas, que se intitulava Maria, aprendeu de um “anjo” uma maneira para manter uma mistura em temperatura constante, simplesmente colocando o recipiente dentro de um monte de lixo, mas cujo resultado seria didático aquele conseguido numa estufa com controle de , criando assim o “Banho Maria” .

Mesmo, dotado de lato grau de desenvolvimento, o “Senhor” teria que se arranjar com as condições primitivas. Um engenheiro de indústria automobilística teria, no máximo, a possibilidade de criar um meio simples de transporte, muito aquém do seu conhecimento, mas muito além daquilo que os primitivos dispunham.

Se o desenvolvimento que vários povos da Antigüidade tiveram fosse próprio, não haveria esse tipo limitado de desenvolvimento, e o conhecimento seria muito amplo e universal, exatamente como acontece com o atual ciclo de civilização, quando o número de especializações integradas ente a uma quantidade enorme.

Esse raciocínio tem levado muitas pessoas a acreditar e divulgar que os deuses foram astronautas, seres alienígenas oriundos de planetas distante do universo. Isto é uma hipótese que merece ser estudada, mas existem outras.

Os Atlantas usaram muito disto que vamos agora revelar. Sendo uma civilização ao tecnicamente muito desenvolvida, mas restrita apenas a um continente, pessoas de lá costumavam se deslocar para regiões distantes e ali estabelecerem hegemonias intitulando-se de deuses porque isto era fácil de ser aceito desde que eles detinham uma tecnologia e outros conhecimentos capazes de causar profunda admiração dos povos onde eles se apresentavam. Por sua vez eram pessoas totalmente a serviço do poder negativo, tal como aconteceu com o Panteon da Grécia.

O mais comum foi a manifestação da própria força negativa, influenciando os povos a tê-la como deus para imporem religiões e cultos que de alguma forma atendessem às suas necessidade. Já falamos da avidez que os seres do mundos inferiores têm de energia sutil, assim sendo podemos dizer que todas as religiões que, todos os “deuses” que exigiam sacrifícios de sangue estavam estiveram sob a égide da força inferior.

CONCLUSÕES;

- Na história da raça humana tudo faz crer que alguns seres dotados de um nível elevado de conhecimentos em relação aos nativos, devem ter aqui vivido e dirigido alguns povos;
- Que aqueles seres fixaram normas e estabeleceram acordo;
- Que alguns deles romperam os acordos sem aviso prévio;
- Que outros após haverem sido atendidos nos seus interesses partiram prometendo regressar sem que jamais houvessem cumprido daquela promessa;
- Que as algumas raças desenvolveram-se sob a orientação dos “senhores” cultivando sentimentos de superioridade e a idéia de raça eleita;
- Que após o rompimento da aliança a raça, por continuar com a mesma idéia de superioridade, e sem a devida proteção do “senhor” acabou por sofrer muito, ou mesmo ser totalmente derruída;

- **Q**ue alguns “senhores” desapareceram sem dar notícias, enquanto outros avisaram que iriam partir mas que voltariam. Que este fato foi terrivelmente prejudicial porque quando da chegada de algum conquistador foi aclamada como se fosse o regresso daquele “senhor” que havia um dia prometido voltar. Talvez mesmo uma coisa pensada para quando aquela raça fosse dominada um assustador banho de sangue se fizesse sentir e eles, os “deuses” então teriam um manancial imenso de energia sutil. Algo autenticamente diabólico mas na realidade eles eram seres satânicos.

- **Q**ue os “senhores” não foram Deus, e as alianças por eles estabelecidas foram mais prejudiciais do que bem vindos aos diversos povos.

Vivemos numa região de trevas no universo, onde sofremos por nossa própria culpa, mas que estamos ascendendo de volta ao VERDADEIRO DEUS.



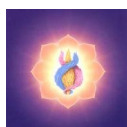
DEUS NÃO ESTÁ MORTO

“OS QUE LEVAM FACHOS DE LUZ
DEVEM PASSÁ-LOS AOS OUTROS”.

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO, FRC.

1975 - 3328

TEMA 0.256



Se olharmos para o mais remoto passado, para os povos mais primitivos, para os resquícios das civilizações primordiais, é possível sentirmos a presença de um elemento comum, alguma forma de culto religioso. Pela análise de restos fósseis, quando há dúvidas se pertenceram ou não a seres humanos a identificação pode ser feita pela presença ou não de objetos de culto.

Por mais primitivo que seja um povo sempre estão presentes objetos religiosos, por mais primitivo que seja o homem na escala evolutiva ele sempre tem caminhado ombro a ombro com o culto religioso.

Por mais afastado que esteja um agrupamento humano qualquer, por maior que seja o tempo em que ele haja se mantido isolado de outros povos, o ser humano conserva uma tendência místico-religiosa, que sempre é manifestada através de cultos e ritos. Possivelmente jamais foi contactado uma tribo em que não haja sido evidenciado alguma forma de culto religioso; que a vida de seus membros não estiveram ligadas, e mesmo dependente diretamente, de um princípio religioso qualquer e não poderia ocorrer de maneira diversa pois o impulso religioso advém de uma memória ancestral, principalmente de afloramento de consciência da natureza dual do ser, portanto do clamor sutil da sua natureza dual.

Através do tempo pessoas biologicamente dotadas de percepção além da média podiam fazer coisas impossíveis para aos demais. Isso juntamente com a memória ancestral e o impulso natural da dualidade do ser fizeram com que nascessem as religiões, o culto, a crença na alma, na Divindade. Como na natureza tudo tem polaridade foi admitido a existência de uma polaridade negativa e uma positiva para o mundo extra humano.

É dito que as religiões nasceram do medo dos fenômenos naturais. Na verdade os fenômenos naturais se refletiram com indícios da existência de um poder além do poder humano, mas o sentimento da existência de Deus não nasceu só disto como pretendem insinuar. Esta idéia é falha embora seja uma entre várias outras causas na admissão da existência de um Poder Superior.

Todas as civilizações, todos os povos, e em todos os tempos, viveram à sombra do sobrenatural e com crença generalizada na existência de um Ser Supremo. Somente agora, como certa foram de

modernismo, é que se tem ouvido falar de grupos agnósticos. Nunca nenhum povo, nenhuma das civilizações pretéritas viveu sem o culto a Deus.

Por mais isolada que esteja uma tribo, quer perdida nas mais elevadas montanhas, quer nos mais profundos vales, ou nas mais afastadas ilhas dos vastos oceanos, ela sempre traz em comum com todas as outras o alguma forma de religião.

Somente agora encontram-se grupos que se auto-intitulam materialistas e isto, afirmamos, é originário de fantasias, de um alinhamento no modismo do uso da expressão “Deus está morto” Quando se fala em Deus existem pessoas que dizem, qual nada, Deus está morto...

Tem algum sentido tal idéia? - Será que existe alguém que não sinta um Poder Superior na natureza, mesmo que o denomine NATUREZA? - neste caso então pergunta-se: Qual o Deus que está morto? - Esta idéia via de regra se baseia na aceitação do positivismo.

Há pessoas inteligentes que acatam aquele pensamento mas que jamais analisaram o problema a fundo, que jamais aplicaram um exame crítico ao positivismo de Kant, Condorcet e Saint-Simon, que indiretamente tem influenciado a nossa ciência atual através dos escritos de Augusto Conte, pai de um movimento filosófico que nega toda conotação mística para os fenômenos naturais.

O conhecimento racional e objetivo do mundo preconizado pelo movimento positivista cai por terra ruidosamente desde que se baseia numa premissa insustentável. Baseia-se na **certeza objetiva da razão**, da **exatidão da consciência objetiva**, e da **segurança dos sentidos físicos**. Mesmo que se aceite a razão como fator primordial, infelizmente não se pode ter a mínima certeza quanto a autenticidade das informações oriundas dos sentidos físicos. Não existe realidade absoluta nem na lógica, nem na razão, e nem na consciência objetiva, e menos ainda da segurança dos sentidos físicos. Mesmo que aceitemos a razão como fator primordial, infelizmente não se tem a mínima certeza quanto à autenticidade das informações oriundas dos sentidos físicos. Somente se tais elementos fossem reais é que o positivismo também o seria.

A lógica, a razão, e a consciência objetiva, são condições enganosas; são coisas falhas susceptíveis de erros, de incerteza e capazes de originar deduções com margem de erros bem maior do que aquelas induzidas pela consciência mística.³

Ora, sabemos por acaso o que é real? - Sabemos a realidade de alguma coisa? - Sabemos ao menos se as impressões sensoriais no cérebro de duas pessoas são exatamente idênticas? Sabemos ao menos se as sensações de dois observadores ante aquilo que chama cor vermelha são idênticas? Sinceramente não sabemos, apenas o observador A desde a sua infância se condicionou a chamar vermelho àquela tipo sensação e o observador B a chamá-la também vermelho, mas o que não se pode saber é se as duas sensações são idênticas para dois observadores e se aquilo que um sente ao nível da mente é absolutamente igual ao que o outro sente também.

Diria um positivista: O que negamos é a aceitação de outros canais de análise, exceto aqueles baseados nos sentidos físicos e na lógica. Ora, sendo falhos os sentidos físicos, as informações por eles fornecidas certamente o será também a própria lógica e com certeza esta também é susceptível de erros, desde que ela se baseia em premissas aceitas como verdadeiras e que realmente não o são. Por isso, se aquelas premissas forem falhas, também serão falhas todas as informações baseadas nelas mesmo que logicamente aceitas.

Mas o que faz a ciência ortodoxa senão procurar novos canais de análise de substituição e ampliação dos sentidos físicos? Buscar dispositivos mecânicos substitutivos dos sentidos.

³ No tema “O QUE É REAL ? ” este assunto é mais bem estudado.

O positivismo representa a valorização das percepções nas faixas de vibrações comuns, em detrimento de muitas outras faixas possíveis.

Isto nos lembra a fábula do elefante e dos cegos. Permitam-me repeti-la:

Foi dado um elefante para ser examinado e definido por vários cegos. A um deles deixou-se apenas examinar a tromba; a outros, a orelha; a outro as presas, etc. Depois, quando vieram para descrever o animal., aquele a quem foi dado examinar a cauda coube definir animal como sendo uma espécie de serpente; ao da orelha, com uma espécie de leque; ao do dente, como uma trombeta, e assim por diante. A discussão se estabeleceu e os cegos acabaram entrando em luta.

Assim também acontece com o homem. Quando ele analisa o universo submete-o à sua lógica imperfeita, e aos registros de seus sentidos objetivos limitados, conclusões aberrantes acontecem, tal como na análise do elefante pelos cegos. No máximo ele consegue estabelecer um conflito segundo um padrão constituído por fragmentos de informações sensoriais e instrumentais, ou no máximo por dedução racional. Todas estas fontes são normalmente imperfeitas e fragmentares. As coisas são detectadas de forma deformada e incompleta, uma condição da natureza humana, pois representa Yesod da Árvore da Vida e não Tipheret que seria a imagem real.

No tempo de Kant quase nada havia nada sido cientificamente estudado quanto aos fenômenos paranormais, hoje amplamente examinados pela parapsicologia. Naquela época aqueles fenômenos não seriam cientificamente aceitos, racionalmente admitidos, unicamente porque não haviam meios de análise para eles. Por certo o positivismo os poria de lado como indignos de apreciação. Hoje, porém, os fenômenos parapsicológicos chegaram aos laboratórios de pesquisa e por tal razão o positivista já os adite. Vale salientar que aquilo que mudou neste problema não foram os fenômenos em si, mas apenas os meios de pesquisa. Se eles são verdadeiros hoje, também foram no passado e se não eram dignos de análise no tempo de Kant porque que hoje o são?

Também agora acontece o mesmo com relação a muitos fenômenos que a ciência julga indignos de serem comentados e de pesquisas sérias, mas dentro de décadas, certamente, estarão sendo considerados “científicos”, como a afirmativa na existência de DEUS.

Para os que não aceitam as especulações metafísicas recomendamos que, para não se verem em posição ridícula no futuro, ao menos coloquem muitas afirmações sob o rótulo “Não analisáveis”, “não discutíveis por falta de dados”, mas nunca como “impossíveis”.

Voltemos à análise inicial e vejamos que o ser humano traz consigo um temor do sobrenatural. Talvez isto seja uma decorrência de algo dentro de clamando pela impossibilidade da existência de coisas não perceptíveis sensorialmente ou instrumentalmente ainda. Talvez, levado por esse clamor interior a natureza dual do homem o faça buscar alguma forma de religião.

Digo que todos temem o sobrenatural, mesmo aqueles que se perguntam muitas vezes: será que eles, os religiosos, não terão razão?

Vejamos alguns pontos que nos fazem suspeitar de que na realidade é isto o que ocorre.

É comum materialista terem, por exemplo, medo da escuridão e da noite. Se lhes indagar a razão daquele temor certamente atribuiriam aos perigos materiais inerentes ao escuro, como salteadores, maior facilidade para a ocorrência de acidente, e outras afirmamos equivalente.

Aquelas afirmações nada mais refletem do que um dos mecanismo bem conhecidos da psicologia reflete um mecanismo de adaptação psicológica conhecido como “**deslocamento**”. O que vem ser isso? - Uma emoção, quando ligada à uma idéia inaceitável pela própria pessoa, é recalcada para o inconsciente, ou, o que é mais comum, a idéia é transferida para uma outra situação neutra. Assim a

idéia pode permanecer consciente sem haver um conflito, sem levar o indivíduo ao estado de ansiedade.

A fábula da raposa e das uvas retrata perfeitamente esta situação.

Quando uma pessoa tem diante de si algo que não pode aceitar conscientemente, então acontece uma de duas situações possíveis: Ou é arquivado no profundo do subconsciente e ali esquecido, ou simplesmente continua como problema consciente mas atribuindo-o a algo ou à alguém que pode nada ter a ver com isso. Acontece assim: Alguém fica devendo certa importância à outra como resultado de uma compra lícita. O consciente não suporta, sem conflito, o não pagamento devido. Sendo isso impossível, dois mecanismos de compensação podem surgir e resolver o conflito psicológico. Uma é simplesmente o esquecimento do débito. Uma outra é o devedor começar a justificar o não pagamento atribuindo uma série de defeitos naquilo que lícitamente adquiriu. Este processo se avoluma de maneira tal que, mesmo não existindo defeito algum naquilo que fora comprado, o devedor acaba por se convencer de que realmente a dívida não deve ser paga em decorrência daquilo que fora adquirido estar imprestável.

É exatamente isto o que acontece com o materialista diante do sobrenatural. Sentindo ele uma emoção de medo do sobrenatural, e não podendo aceitar tal idéia por suas convicções então recalca-a no inconsciente ou a transfere para outra situação neutra, como o possível assaltante, para a facilidade de acidentes, e para outras alegações equivalentes.

Temos analisado isto e certamente todos os que analisarem também chegarão à idêntica conclusão. *Os materialistas são bem mais temerosos dos assaltante, dos ladrões, de perseguidos vários, do que as pessoas religiosas.*

Isto nada mais é do que o DESLOCAMENTO. A recíproca também verdadeira, os religiosos temem menos os problemas materiais porque os desloca para “a proteção dos santos”. O materialista tem recalcado em seu inconsciente todo um mundo místico. Se neles houvesse a certeza real da não existência de um Deus, ou do sobrenatural, não haveria neles deslocamentos para certos temores.

De tudo o que ficou esclarecido nestes comentários concluímos que é irreal a idéia de “*deus está morto*”. Ele está bem vivo, conscientemente nos religiosos e místicos; e inconscientemente, recalcado no inconsciente, como resultado de um deslocamento psicológico, nos materialistas.

Perguntaríamos por que somente nos místicos e religiosos, e no coração das pessoas intelectualmente simples é que Deus ainda permanece vivo. Por que Ele foi exterminado em grande número de homens cultos, de cientistas, de intelectuais, exceto de alguns que, mais por conveniência do que por certeza ou fé, continuam a aceitá-lo?

Estas indagações têm respostas fáceis, senão vejamos: O orgulho e vaidade do homem o levou a atribuir ao Ser Supremo qualidades humanas, limitações ao nível das rixas humanas, envolvendo-O com paixões, e até deu-Lhe uma forma humana. O homem limitou-O à terra transformando um Ser Infinito em um ser limitado e egotista.

Indo mais longe ainda, muitos seres auto-nomearam-se representantes de Deus, muitos “empresários” de Deus viveram e vivem ainda por aí, intermediários inescrupulosos cuja conduta deixa tanto a desejar, tira qualquer possibilidade de fé do homem culto.

Com certeza espíritos puros vieram e vêm ao planeta terra em missão de ensinar verdades e de orientar a conduta da humanidade para um desenvolvimento espiritual mais rápido. Mas nem mesmo estes podem se intitular de representantes de Deus desde que a qualquer momento estão sujeitos a se envolverem com as coisas negativas da terra.

Na maioria das vezes aqueles que dizem estar em missão na terra nada mais são do que impostores, entidades menores que muitas vezes nem merecem ser chamados de deuses?

Não se deve duvidar da vinda dos Grandes Iniciados que vieram e vêm à terra a fim de ensinar à humanidade o como estabelecer um contacto com a Divindade. Orientando as pessoas a buscarem e encontrarem dentro delas as manifestações da Consciência Cósmica que se espraia pelo Universo inteiro.

O conceito metafísico de Deus não é o normalmente aceito, o mais comum é o conceito de um Deus elementar, de algo que só cabe na cabeça de um fanático religioso, de um medíocre, ou de um inteligente mas que nunca procurou inquirir sobre tal assunto. Evidentemente em muitas religiões há filósofos altamente inteligentes mas que têm uma visão medíocre de Deus. Isto acontece normalmente por conveniências várias. É um tipo de comportamento como aquele do avestruz que ante o perigo coloca a cabeça enterrada na areia procurando assim evitar o problema.

O posicionamento de um pensador honesto, de um pesquisador real, de alguém que vive diariamente observando as leis do universo, de pessoas acostumadas a um raciocínio metódico e preciso; à uma observação cuidadosa dos fenômenos, a não aceitação de uma Divindade decorre da limitação tremenda que as religiões sempre impuseram a Deus.

O que acontece, por exemplo, com um astrônomo que a todo instante vive percebendo a monumental grandeza do universo, que sente a idéia de infinito a todo o momento, quando algum tenta comentar sobre as qualidades de Deus atribuindo-Lhe a natureza humana, envolvendo-O com atributos passionais, capaz de viver chafurdando as mediocridade da terra? - O cientista, mais do que outra pessoa qualquer, sabe evidenciar o desequilíbrio de proporções entre o Universo e o homem, disto ele não aceitar jamais um Deus com características física e psíquicas humanas comuns.

O universo é tão fantástico, envolve energias tão espetaculares dentro de um contexto tão grande e soberbo que em qualquer linguagens faltam palavras adequadas para descrever a sua apoteose simbolizada num conjunto de leis naturais. Por isto é que um cientista não pode aceitar o Supremo Ser e Criador como algo limitado, mesquinho e passional. Dar uma forma a Deus é limitá-Lo. Qualquer que seja uma forma ela é sempre limitada, sem limite não pode haver forma alguma e como Deus é infinito e infinito é informe, logo Deus não tem forma alguma, nem limite algum.

Honestamente, não podemos aceitar Deus como as religiões O descrevem, como O preconizam, pois se o fizermos, se aceitarmos as concepções vulgares de Deus, entramos, então, em conflito com o sentido de infinito. Aceitar aquele tipo de deus citado pelas religiões, para um cientista é o mesmo que assinar um atestado de incompetência.

Por outro lado, se ao cientista fosse dado examinar aquele Deus metafísico preconizado pelas filosofias mística avançadas, especialmente definidas em alguns grupos restritos de pensadores inteligentes, então, certamente, Deus continuaria vivo para o cientista atual.

O mais dramático de tudo é que o homem foi muito longe nesta limitação de Deus. Basta vermos como muitos chegaram a admitir os Grandes Iniciados, tais como Osiris, Krisna, Orfir e muitos outros, como sendo Deus em sua plenitude. Evidentemente grande números de Avatares, espíritos puros em missão na terra evidentemente são centelhas do Poder Superior, mas não a Sua totalidade. No planeta terra não caberia o Infinito, nem mesmo em todo o Universo Criado. O Hermetismo não considera todos os deuses que são citados como entidades reais, e sim que a maioria deles foram “criações mentais”.

Não duvidem de que um elevado números de Centelhas do Poder Superior estiveram, estão e estarão com a humanidade em missão, mas nunca aceitem que qualquer um haja sido a totalidade de Deus encanado na terra. Nem mesmo um mentor espiritual de uma galáxia inteira poderia ser a Divindade Suprema, pois uma galáxia nada é diante do universo e o universo nada diante de Deus. Admitir um Deus em nível de uma galáxia chega a ultrapassar as raias do ridículo.

Aceitemos o Avatar, o Iniciado, até o ponto em que seja ele um ser humano ou um bem mais que isso, um espírito puro com uma missão de esclarecimento, de orientação para o homem comum, alguém que atingiu um elevado grau de evolução espiritual, mas não aceitem ser ele a Divindade Suprema em sua totalidade. O Poder Superior não tem totalidade porque totalidade já indica finito.

Não aceitem aqueles que se digam Deus, até mesmo duvidem de todo aquele que diga entende-Lo pois no máximo será uma centelha , portanto uma parte e obviamente a não pode compreender o Todo. Em qualidade um espírito puro é essência de Deus mas não a sua totalidade. Uma gotas de água do oceano tem a mesma natureza do oceano mas ela não é o oceano inteiro.

Não duvidem de que a partícula divina que existe em todos os seres vivos possa ser despertada em nós e que através dela se possa sentir a harmonização com o Poder Superior, mas, daí a alguém afirmar ser a totalidade de Deus, ou mesmo ser seu representante direto.

Não admitamos que em nome de Deus alguém possa unir, separar, poupar, eliminar, perdoar e estabelecer recompensas.

Não pode ser Deus o que quer que seja que em plenitude haja tomado a forma humana. Sim como projeção do Poder , sim como Centelha do Poder. Como plenitude nunca, haja ensinado uma série de verdades morais, planificado religiões pessoais, mesmo que suas idéias hajam dominado grande parte do mundo, mas que não melhoraram em nada a espécie humana, razão pela qual nem ao menos se pode afirmar que valeu a pena terem aparecido na terra.

Aceitemos e acreditemos na mensagem dos autênticos Iniciadores, Avatares e Profetas, aceitemos as explicações que possam ser dadas ao homem para uma autorealização mística; respeitemos todos nesse campo, aceitemos-los como seres humanos, espiritualmente evoluídos, criadores de sistemas para os humanos, mas tenhamos em mente que mesmo estes estão sujeitos às inspirações de qualidades inferiores.

Os Avatares e Grandes Iniciados serem Deus em plenitude evidentemente não pode ser aceito.

O problema é bem mais crucial quando se examina que um número imenso de seres estiveram na terra querendo se passar por Deus. Os verdadeiros seres em missão divina nenhum assumiu diretamente a identidade do Poder Superior. **Jesus**, uma projeção de o próprio Poder Superior na terra, em nenhum momento nenhum momento se disse Deus. Em certa ocasião ele disse: Não sou bom, mas sim o **PAI** que está nos céus. Muitas vezes ele, *um ser divino, projeção do verdadeiro deus* até chegou a se comparar com os humanos quando disse: O que eu faço vós podereis fazer”.

Mesmo em se tratando de um SER DIVINO tem limitações, especialmente se tiver encarnado. No mínimo tem um corpo que seja de que natureza for não deixa porém de ser uma delimitação espacial e como algo delimitado não se apresenta como infinito. Como dissemos, a terra finito e em termos cósmicos algo insignificante, não pode consequentemente conter o infinito.

Por isso **JESUS** não disse ser o Poder Superior em plenitude a quem Ele chamava de Pai.

Deus não pode ter limitações, e todos aquelas criaturas que habitaram à terra as tiveram. Nenhum ser verdadeiramente em missão divina na terra assumiu o lugar do PODER SUPERIOR. Aqueles que assumiram, colmo exemplo citamos Jeová entre muitos outros, na realidade foram o inverso.

Se os instrutores das religiões instituídas houvessem mostrado o verdadeiro sentido de DEUS, se o homem houvesse sabido colocá-Lo no Seu supremo posto, hoje Ele não estaria morrendo para a compreensão de muitos.

Na realidade o que os pensadores e eruditos não aceita é aquele tipo de ser que se intitula DEUS e que trazem consigo as mazelas, as tremendas limitações, as qualidades negativas da natureza humana. Especialmente aquilo que é ensinado segundo os usurpadores do nome de DEUS. Aqueles deuses é o que está morto na compreensão das pessoas sérias.

Não lastimemos esse tipo de morte, sinceramente não lastimemos, pois tudo o que morre renasce e talvez esse renascimento ocorra dentro de um sistema mais perfeito.

Preferimos deixar esse caráter limitado de Deus para entidades outras.

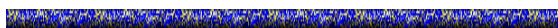
Deuses apenas com conhecimentos técnicos mas sem sabedoria alguma, deuses com paixões, deuses que lutam e discutem, deuses que comandam, deuses que impõem normas de conduta segundo interesses particulares, e para que não disser deuses que erram. Todas esses e muitos outros são usurpadores e merecem morrer como tais.

No mundo ocorreu um problema que julgamos interessante. Enquanto o conhecimento humano avançou em todos os sentidos a concepção metafísica da Divindade andou em sentido inverso, retrogradou. Para se ter a certeza disto basta que se leia as religiões de algumas das grandes civilizações do passado, em especial a bramânica e a egípcia e compare-se com a maior parte das religiões atuais. O renascimento se fez em muitos os campos, exceto no metafísico e mais pronunciadamente na concepção da Divindade.

Bastam os “discurso de Hermes” para sentirmos o quanto as concepções dos egípcios, por exemplo, já eram mais adiantadas em relação com a da quase totalidade das religiões da atualidade.

Será que antes da hecatombe que deverá advir se os erros humanos não forem contidos, dos desvios que a inteligência provocou no mundo, ainda ocorrerá esse renascimento? - Sinceramente não podemos afirmar, mas se algo acontecer tudo renascerá, é mais fácil que a fênix venha a ressurgir das cinzas de todo o cenário onde a tragicomédia humana se fez representar.

Um dos maiores crimes de pseudo deuses, seres inspirados e obedientes ao poder negativo, foi o de semear a idéia errônea de raça eleita, de estabelecer o racismo em detrimento de um humanismo ao VERDADEIRO DEUS, aceito mas que o homem ainda é incapaz de compreender



AYN - A CONSCIÊNCIA CÓSMICA

“A MATÉRIA NÃO É MAIS QUE A
FORÇA MENTAL COAGULADA”.
O CAIBALION

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO .:



TEMA 0.341



Podemos dizer que além dos sete Princípios Herméticos citados nos livros esotéricos, existem outros mais num total de doze. Quanto ao Nono Princípio, mesmo que o iniciado nas ciências herméticas queira não pode descrevê-lo em essência, embora possa identificá-lo em todas as coisas e lugares. Ao estudante que se decide estudar os Princípios e Herméticos com a precisa sinceridade, mais cedo ou mais tarde esse princípio lhe será naturalmente revelado. O peregrino da senda acaba sentindo-o mesmo que, de início, ele não o identifique com um dos Princípios Herméticos.

Se um estudante da doutrina de Hermes for indagado a respeito do *Nono Princípio* é possível que ele diga que não sabe, ou até mesmo que não existe, embora o conheça perfeitamente. Dirá que não sabe o que é o Nono Princípio. Assim respondendo não significa que ele esteja mentindo, ou despistando, pois na realidade talvez ele saiba, mas não saiba que sabe. Dirá que não sabe, não com a intenção de negar, mas por ser o Nono Princípio algo indefinível e passível de verbalização no que diz respeito à sua essência, pois é impossível até mesmo se fazer alguma analogia com qualquer coisa existente na natureza. Apesar de tudo é o mais visível de todos, algo que até mesmo pode ser apontado e tocado.

Nesta palestra veremos alguns aspectos do *Princípio Mental* e da Consciência Cósmica – Ayin segundo a Cabala. No nível em que este Princípio se situa já não é muito fácil ser feita uma descrição verbal que torne o entendimento claro, porque para entender perfeitamente o Princípio Mental é preciso primeiro entender o que é a Mente e a Consciência. Para entendê-lo é preciso que o discípulo esteja mais ligado ao sentir do que ao racional. Esta dificuldade resulta da condição relativa das pessoas. É muito difícil se explicar, com palavras, o atemporal, o inespacial, e as condições do infinito, isto porque existimos dentro do temporal, do espacial, do finito, do limitado, e do relativo. Isto condiciona intensamente o intelecto, conseqüentemente dificulta muito o entendimento, e todas essas condições são inerentes ao Princípio Mental.

A Tradição Cabalística usa a palavra AYIN quando menciona o mais elevado nível de como Deus pode ser percebido. É o princípio gênese de tudo, mas ao mesmo tempo não é coisa alguma passível de ser entendida. Em hebraico este termo significa “infinito”, aquilo que tudo contém, mas que não é contido. Não se manifesta, mas está; não tem existência, mas é vida; não significa coisa alguma, mas todas as coisas fazem parte dele. Está além da existência imanente, pois é NADA indicando que não

significa coisa alguma, mas todas as coisas fazem parte Dele. Está além da existência, mas é Um Nada Absoluto no sentido da Imanifestabilidade.

Poder-se-ia pensar, então, que AYIN seria o vazio, mas não o é. O vazio dá a idéia de espaço sem coisas, mas AYIN contém o espaço sem ser espaço algum; contém o tempo, mas não é cronológico; contém todas as coisas, mas não é coisa alguma. Contém o tudo, mas não é o tudo. “AYIN é o que É”:

“EU SOU QUEM SOU”

AYIN é o nível mais elevado do Transcendente, enquanto a criação é o Imanente.

Contém tudo, mas não ocupa espaço algum. Nada está fora Dele, coisa alguma pode ser acrescentado a Ele e nem retirado, nem criado, e nem destruído. É representado pelo zero; é o zero, mas nele estão contidos todos os números; não está sujeito a qualquer lei, mas contém todas as leis. É zero, mas deles surge o UM; zero como imanifesto e UM como manifesto.

Coisa alguma pode ser-Lhe acrescida, pois sendo infinito nada existe fora para ser trazido e acrescentado. Também nada pode ser-Lhe retirado porque não há lugar para ser levado aquilo que for retirado. Nada lhe pode ser acrescentado porque nada existe fora Dele. Se algo pudesse ser acrescentado, ou subtraído, por certo Ele não seria infinito. Nada pode ser superior, porque infinito não pode ter superior, se houvesse um superior, então não seria infinito. Por essas citações pode-se ver que não possível se descrever e entender o que vem a ser AYIN. Não está no universo porque o universo é parte, e a parte não pode conter o todo; o finito não pode conter o infinito, mas, ao mesmo tempo, está no universo porque o universo é Ele manifesto. Não pode ter começo porque se o tivesse aquilo que o originou seria Superior. *Ayn não tem causa. Não vibra* porque se o fizesse algo se manifestaria como ele, tornar-se-ia manifesto. Se não vibra não tem polaridade, não tem ritmo e não tem gênero. Não Lhe pode ser aplicado o “assim como é em cima assim também é em baixo”, porque está acima de tudo, por isto não tem *correspondência*.

Quando se tenta definir o NADA, a descrição mais se parece com um jogo de palavras, um emaranhado difícil de ser penetrado. Quaisquer definições que possam ser feitas são sempre incompletas, pois “os lábios da sabedoria quanto ao Absoluto vivem fechados, exceto para os ouvidos da compreensão”. Portanto não tentem entender pelas palavras e definições, mas acompanhando as citações pelo pensamento e então o entendimento vem pelo sentir.

Reza a Tradição: *“Deus quis ver a face de Deus”*, assim pelo querer DEUS fez vibrar algo em Si mesmo, e assim deu origem ao movimento que é própria vibração da qual resultou a criação. Com a vibração surgiu o som e o movimento, duas condições se estabeleceram: o NADA e a CREAÇÃO (Transcendência e Imanência), uma **causa** e a outra **efeito**, e naturalmente ocorreu a existência de uma forma de delimitação para individualizar as coisas criadas. Concomitantemente surgiu o primeiro **ritmo**, e **polaridade** – imanifesto / manifesto. Também naquela “parte” do NADA que começou a vibrar o **Absoluto Continuum** se tornou **relativo descontínuo**.

Já falamos em alguns temas sobre o *continuum*. No Mundo Imanente tudo é descontínuo, pois a própria energia é corpuscular conforme aceita a própria Teoria Quântica. A própria luz⁴ se propaga em ondas e ao mesmo tempo por meio de corpúsculos (Teoria Corpuscular da Luz). Até a própria luz se apresenta de forma corpuscular – fótons – portanto com natureza descontínua.

⁴ Luz no sentido místico de ver entendido como algo mais que claridade no sentido de luminosidade

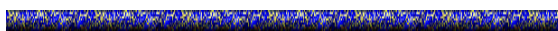
A matéria igualmente é formada por partículas, por átomos, e estes por sub-partículas até um nível que a ciência atual denomina de “quarkers”. Além disso, diz a ciência, há a energia de depois o “vazio quântico”, ou seja, o *Nada*, que é o vazio maior que se pode ter ciência, mas que ao mesmo tempo a própria ciência diz que aquele vazio absoluto está cheio de alguma coisa (Nem ao menos a palavra “coisa” serve como definição porque coisa é algo e no vazio não pode existir algo; apenas uma condição pode existir, mas não uma coisa).

O físico quântico David Bohm fala da *ordem implícita*, querendo dizer “a matéria está implícita no nada; no vazio há pré-forma da forma, o molde invisível do molde visível”. Em outras palavras Bohm quis dizer que além do nível daquilo que o ser humano chama de existência, ainda há um registro que atua como pré-forma, como “programa” organizador de tudo quanto há.

Vejam que a ciência já está falando de uma forma que também parece um jogo de palavras tal como os místicos falam há séculos.

Dois pesquisadores, Burr e Sheldrake, dois biólogos, dizem ter identificado “campos de vida”, ou campos morfogenéticos que não são coisa alguma, mas é vida. Esta informação de Burr e Sheldrake tem grande sentido de verdade desde que há alguns anos foi identificado um vírus – ser vivo – constituído de duas proteínas básicas. Separando-se as proteínas o vírus “morre” e as suas proteínas constitutivas passam a ter apenas características químicas sem vida, mas ao juntarem-se as partes o vírus se refez e readquire vida. Isto mostra que a vida está onde quer que uma estrutura apta para manifestá-la se faça presente.

Esse Todo indefinível, que não ocupa espaço e nem está sujeito ao tempo, que tem tudo e ao mesmo tempo tem nada, é o que se chama Consciência Universal.



CARACTERÍSTICAS DE DEUS INFINITO

“O TODO É MENTE; O
UNIVERSO É METAL”.

1995

JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO .:



TEMA 0.342



Dos Sete Princípios Herméticos revelados, o *Princípio Mental* é a base de todos os demais embora seja o menos fácil de ser compreendido, em decorrência de vivermos em um mundo material, limitado, dentro da criação que é parte de um universo objetivo e descontínuo. Para que Princípio Mental possa ser bem compreendido é preciso que se tenha uma visão nítida do que vem a ser o “*contínuo*”.

“OS LÁBIOS DA SABEDORIA VIVEM FECHADOS, EXCETO PARA OS OUVIDOS DA COMPREENSÃO”.

Há conhecimentos que de forma alguma podem ser transmitidos pela palavra escrita ou falada, em decorrência de sua natureza inefável. São conhecimentos para os quais não existem sequer palavras capazes de poderem explicar coisa alguma.

Para explicar muitas coisas transcendentais os orientais criaram dicionários de termos especiais para definir condições especiais da natureza⁵.

No Universo existem condições que a linguagem humana não tem como expressá-las, assim sendo somente pelos canais da percepção subjetiva é que o estudante do misticismo pode ter ciência delas. São coisas que se sente perfeitamente, mas que se é incapaz de defini-las ou de descrever por meio de palavras.

O *Primeiro Princípio Hermético* enquadra-se perfeitamente nessa situação, não tem como explicá-lo com clareza através de palavras, pois não é fácil se compreender que havendo uma existência objetiva circundada por miríades de estruturas concretas, seja dito que todas elas na realidade nada mais são do que um estado da Mente Cósmica.

É um tanto mais fácil se entender o PRINCÍPIO MENTAL se forem consideradas aquelas qualidades que a Cabala atribui a AYIN, e que denominamos “FACES DO PODER SUPERIOR”.

1. CONTÉM O ESPAÇO, MAS NÃO OCUPA ESPAÇO ALGUM.

⁵ Para que a Teosofia possa ser compreendida foi preciso ser editado o Dicionário Teosófico “para definir termos que inexitem nas línguas ocidentais”.

2. CONTÉM O TEMPO, MAS NÃO EXISTE EM TEMPO ALGUM. NÃO TEM PASSADO E NEM FUTURO.
3. NÃO TEM PRINCÍPIO E NEM FIM
4. NÃO TEM CAUSA E NEM É EFEITO;
5. IMANIFESTÁVEL, MAS CONTÉM TODAS AS MANIFESTAÇÕES;
6. NÃO VIBRA, NÃO TEM POLARIDADE, NÃO TEM RITMO, MANIFESTOS.
7. NÃO PODE SER ACRESCIDO, NEM DIMINUÍDO, E NEM ALTERADO.
8. NÃO ESTÁ NO UNIVERSO, NÃO ESTÁ EM PARTE ALGUMA, MAS EXISTE.
9. É UM VAZIO QUE CONTÉM TUDO.

1 - É mais fácil entender como o Poder Superior contém o próprio espaço se, em o primeiro lugar, se tiver um bom entendimento do que vem a ser o *Continuum*.

Admitamos uma esfera totalmente compacta, algo sem “granulação” alguma, portanto algo infinitamente maciço, sem átomos, sem partículas ou sub-partículas, em suma, uma “massa unificada”. Teoricamente, uma esfera assim, mesmo do tamanho do universo, tocando-se nela o toque seria sentido instantaneamente na totalidade da esfera, pois não haveria coisa alguma para ser percorrido, não haveria espaço.

O que gera o tempo necessário para que uma mensagem vá de um lugar a outro é ter esta que passar de uma partícula para outra. A informação segue de partícula em partícula sucessivamente. A condução de uma mensagem é o passar de unidade para unidade. Lembremos do “efeito dominó”; se num conjunto de peças de dominó posicionadas lado a lado uma das peças for derrubada esta derruba a seguinte e assim sucessivamente até a derradeira, e o passar da “onda de queda” de uma para outra peça acarreta uma cronologia, isto é, requer aquilo que as pessoas chamam de tempo.

Se fosse uma peça única não haveria a onda de quedas e, portanto, não decorreria tempo algum.⁶ Assim também é o que aconteceria num universo contínuo, absolutamente maciço. Ele comportar-se-ia como uma única peça, e nenhuma mensagem necessitaria de tempo algum para se fazer sentir na totalidade da esfera.

Acompanhemos esse raciocínio pelo sentir e não pelas palavras propriamente. Aquela esfera, por não existir partícula alguma, teria massa única e, por maior que ela fosse, não ocuparia espaço algum. O que cria a necessidade de espaço é exatamente a descontinuidade, ou seja, a sucessão de partículas. Um dominó que tivesse única peça não ocuparia o espaço destinado às demais peças. O espaço seria nulo.^{7 8}

⁶ - No exemplo ainda haveria uma fração de tempo para a peça única cair, mas isto porque a própria peça é descontínua, isto é, constitui-se de partículas.

⁷ Uma para de domino ainda ocupa espaço porque ela é uma descontinuidade de partículas; se não o fosse por certo que não ocuparia espaço.

⁸ Um bloco qualquer, quanto mais pulverizado ele for menos espaço ocupa. Sabe-se que a matéria é constituída de átomos e que nele o núcleo pode chegar a ser 100 mil vezes menor que a eletrosfera (área ocupada pelos elétrons). Comprimindo-se a matéria até um nível em que só restassem os núcleos a massa ocuparia um volume de 10. 000 a 100.000 vezes menor. Por sua vez o núcleo atômico é constituído por prótons, elétrons, e nêutrons. Sendo assim se o planeta terra fosse comprimido até o nível dos nêutrons o seu tamanho seria o de uma bola de pingue-pong e se fosse esmagada até o nível de partículas ainda menores, como por exemplo, os prótons, o tamanho dela se reduziria ainda mais, reduzir-se-ia mais milhares de vezes. Esmagando-se até o nível dos “quakers” o tamanho da terra tornar-se-ia microscópico e, se chegasse além daquelas subpartículas, ao nível da energia praticamente o tamanho zero.

Na hipotética esfera não haveria nem tempo e nem espaço. A granulação teria que inexistir e a esfera tornar-se-ia infinitamente compacta, ou seja, um continuum. Como infinito não poderia ocupar espaço porque o infinito não pode caber em lugar algum, do contrário aquele lugar teria que ser maior que o próprio infinito e sendo assim existiria algo maior que este, o que é impossível. Se existisse algo maior que um infinito por certo nem um dos dois seriam infinito, a não ser que um deles contivesse o outro.

Pelo que dissemos é fácil se entender que Deus como infinito não pode ocupar espaço algum.

2 - Não ocupando espaço algum um evento não requer tempo algum para se fazer presente, não há espaço para ser percorrido (não há uma sucessão de peças a serem derrubadas, desde que todas elas existem num único ponto sem espaço algum, portanto numa condição inespacial e dimensional).

Se não há tempo cronológico não pode conseqüentemente haver nem o antes e pela mesma razão também não pode haver o depois. Por ser único, por ser um “continuum” o mais elevado nível de Deus não está sujeito ao tempo, mas o tempo faz parte dele. Ele não está no tempo, mas o Tempo está Nele.

3 - Não pode ter princípio porque se o tivesse algo existiria como o antes. Neste caso já seriam duas coisas, portanto o infinito não seria qualquer uma delas. Não pode haver dois infinitos, pois para ser infinito tem que ser único. Não pode ser infinito’ quando algo estiver de fora. Se algo estiver de fora o infinito não contém tudo e se não contiver tudo ele não é infinito.

Também não pode ter fim porque fim seria um limite e infinito pode ser UM LIMITE, mas não pode ter limite quer de espaço quer de tempo.

4 - Não pode ter causa porque causa existe antes e infinito não pode ter algo antes, porque se assim fosse algo estaria fora dele, se havendo o fora, então o Infinito não seria único, e não sendo único haveria duas coisas, e sendo duas coisas nenhuma das duas seria infinito.

Não é efeito porque não tem causa. Somente existe algum efeito quando existe alguma causa.

5 - Como não tem espaço e nem tempo conseqüentemente não pode se manifestar de forma alguma. Não tem um momento e nem um lugar para que ocorra alguma manifestação.

6 - Não existe vibração, polaridade, ou ritmo, porque nenhuma destas condições pode existir sem tempo. Ritmo, polarização e vibração existem em função do tempo. Não pode existir uma vibração que não requeria uma fração qualquer de tempo, do mesmo modo polarização e ritmo.

O infinito se polarizar seria o mesmo que se expandir para fora de si e neste caso deveria existir algo fora, pelo menos um lugar para onde a polarização se processasse. Se existisse algo fora é claro que este não estaria no infinito, pois se está fora não pode estar dentro ao mesmo tempo. Estando fora haveria duas coisas, o dentro e o fora, conseqüentemente nenhum dos dois seria infinito por um não conter o outro.

7 - O infinito não pode ser aumentado porque não tem para onde crescer. Se houvesse essa possibilidade, é claro, que deixaria de ser infinito. O “para onde crescer” estaria fora.

O infinito também não pode ser diminuído, pois seja que o for que dele seja retirado não tem aonde ser posto. Precisaria haver um lugar para o que foi retirado ser colocado e neste caso aquele lugar teria que ser exterior ao infinito. Se assim fosse o suposto infinito não o seria desde que algo estaria fora dele, não seria o continente absoluto como o infinito é.

O infinito não pode ser modificado, pois qualquer modificação implica em uma condição fora, uma condição antes e não presente nele. Uma condição resultante de uma modificação já dele constar do próprio infinito, do contrário seria como criar algo essencialmente novo. (Na palestra seguinte estudaremos com mais detalhes a transformação das coisas diante do infinito).

Se algo antes estava fora, portanto não estava no infinito, logo aquilo que se supunha ser infinito na realidade ainda não era infinito.

Coisa alguma pode ser modificada, alterada ou transformada; somada ou subtraída do infinito. Modificar o infinito significa que a modificação não estava contida nele, logo ele estava incompleto, estava limitado e assim não era infinito.

Coisa alguma não pode ser somada ao infinito porque se fosse possível acrescentar-lhe algo ele antes estaria incompleto, faltando-lhe pelo menos aquele tanto que lhe é acrescido.

Coisa alguma pode ser subtraído do infinito porque o tanto retirado teria que ter um destino e este evidentemente teria que estar fora dele. Algo fora tira a condição de infinito do outro.

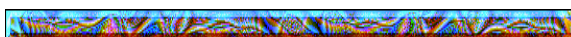
8 - Não está em parte alguma porque seria isto um lugar e não pode haver lugar sem que haja espaço.

9 - Diante de todas as condições citadas pode-se entender como sendo um *vazio* que tudo contém, mas que também *nada* contém. Nada contém por não ter o *quando* e nem o *onde* conter, não há espaço para isso.

Encontramos paralelo disto na natureza íntima de uma lei física. Pode-se conhecer bem os efeitos de uma lei, mas não o que ela é em essência, assim como se pode ver que todos os 9 atributos mencionados estão presentes nela.

Deus querendo ver a face de Deus teve que abandonar todas essas, e muitas outras qualidades imanentes do infinito. ELE teve que, sob um aspecto, deixar de ser infinito. Parece um absurdo se dizer que Deus tornou-se finito. Isto só pode ser entendido mediante o conhecimento de que ELE é uma condição que se pode chamar de Consciência Cósmica.

Esta palestra tem como um dos objetivos mostrar que os Princípios Herméticos não podem se fazer sentir no nível do Infinito. Eles somente se fazem presentes no mundo imanente, no mundo dialético. Deus instituiu os Princípios Herméticos para poder ver a Si mesmo.



O DEUS QUE GOVERNA E O DEUS PRINCÍPIO

“DO IRREAL, GUIA-ME AO REAL!
DA ESCURIDÃO, GUIA-ME À LUZ!
DA MORTE, GUIA-ME À IMORTALIDADE!”
PRECE HINDU.

1996



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.532



Na palestra 0.525 falamos sobre algumas doutrinas que colocam Deus num nível que transcende o próprio universo. Isto não é absurdo algum desde que na atualidade o pensamento atual da ciência, especialmente da física quântica, coloca “algo inexplicável” ocupando aquela condição que poderosos chamar de “nada”. A ciência hoje não admite a idéia de um “nada” absoluto, a condição em eu coisa alguma imaginaria é colocado eles chamam de “vazio quântico”.

Para que possamos nos manter em dia com o pensamento da ciência atual sobre aquela condição que se chama “nada” transcrevemos um excelente artigo escrito pelo comentarista científico Manoel Barbosa publicado na seção Tecnologia do Conhecimento do jornal Diário de Pernambuco em 1995.

A inesgotável riqueza do nada:

O “nada”- ou os vazios quânticos - é uma das principais preocupações da ciência, atualmente. No “nada”, desconfiam os cientistas, parece está a matriz do Todo. Ou de tudo. Ou do universo material em que vivemos. “O vazio está cheio de alguma coisa que não é matéria”, define Henri Laborit, biólogo francês conhecido pelo seu materialismo radial e a intolerância com as tendências místicas de alguns cientistas. No vazio quântico há tudo e nada, ao mesmo tempo. Alguns físicos simplificam a questão e dizem que no vazio/nada há “informação” assim pensava o brasileiro Mário Shemberg. Laborit considera essa definição insuficiente e dá uma explicação mais elaborada para o conteúdo do “nada”: “Variações de campos elétricos provocados pelo epicentro da matéria e que persistem quando a matéria já lá não está”. Outro físico, David Bohm, fala de “ordem implícita”. Ele quer dizer: a matéria está implícita no “nada”- no vazio há pré-forma; é o molde invisível do molde visível - que somos nós e as coisas. Benveniste, pesquisador francês, provou que a matéria tem memória. Realizou experiências mostrando que, quando a matéria deixa de existir num ponto, ficam os vestígios. Até água deixa esses vestígios - ou memórias. As experiências de Benveniste foram testadas em vários laboratórios e os re-

sultados comprovaram a afirmação, à primeira vista fantástica. Burr e Sheldrake, dois biólogos, dizem ter identificado “campos de vida”, ou campos morfogenéticos. É mais ou menos como a “ordem implícita” de Bohm no reino biológico: cada organismo teria uma pré-forma da qual os genes seriam apenas mensageiros materiais. Esse conceito também é chamado de “modelo organizador biológico”. Einstein, no seu intuicionismo avassalador, pensou ter identificado no universo essa força invisível contida no “nada” - a ordem implícita de Bohm - e a incluiu num sistema conhecimento como “constante cosmológica”. Desacreditada - e até repudiada pelo próprio Einstein, depois - a constante foi recentemente reabilitada com as descobertas do Telescópio espacial Hubble. Aliás, com a não descoberta, pois o Hubble não detectou a chamada “massa invisível”. Essa massa era a explicação dada pelos astrônomos para ocorrências cósmicas inexplicáveis pelo volume de massa visível. Ou seja: a massa detectável no universo não bastaria para produzir o próprio universo. Deveria haver massa oculta e que constituiria 90% de todo o cosmos. O Hubble demoliu essa crença e pôs no seu lugar uma explicação parecida com a constante cosmológica. A de que há alguma coisa muito poderosa no “nada” dando origem ao todo - e muitos até a estão chamando de Deus. Para o físico inglês Sepphen Hawking isto não é novidade. Ele já vem falando da “mente de Deus” para justificar o comportamento da matéria que volta para o “nada” pelas goelas dos insaciáveis buracos negros e atravessa a barreira do tempo.

A ciência, com embasamento matemático, nega a existência de um “nada” absoluto, quando afirma existir algo indefinível, indetectável, inefável, fonte de “informações” além do Universo. Este pensamento da ciência moderna está em conformidade com o pensamento dos místicos de alto nível de todos os tempos, especialmente o, habituado à meditação sobre conceitos metafísicos elevados. É exatamente num nível além do universo, ou seja naquele “nada quântico” referido pela ciência atual, que eles colocam Deus, o Poder Superior.

A fonte de todo o conhecimento, o propósito primeiro de tudo quanto foi criado e mesmo daquilo que ainda não foi criado existe como ao menos como “informação” na citada “Inesgotável riqueza do Nada” pois ali tem tudo e tem nada. A ciência pode chamar de “pré-forma da forma” ou “ordem implícita de Bom”, ou “modelo organizador” mas nomes não causam diferença alguma, o que importa é que lá está uma fonte de consciência.

A própria ciência tem indagado sobre coisas abstratas como pensamento e consciência, indagando também se o próprio pensamento também é feito do “nada”. Para a filosofia perene - o conjunto do saber antigo, originado no oriente - a consciência é o próprio nada. Psicólogos - freudianos e comportamentais, neuro-fisiologistas e biólogos têm tentado em vão, identificar a substância mental e a sede da consciência. Ai, surge outra dúvida: a consciência é uma propriedade apenas do ser humano ou os animais, e a própria matéria, também a têm? No caso, a consciência - como a mente - seria algo especial, substrato do Todo, ou apenas produtos das interações neuroquímicas de um organismo? Isto para a ciência ainda é um mistério insondável embora que, para o místico, seja algo bem claro - a consciência é um aspecto de o próprio Poder Superior.

Técnicos que buscam criar inteligência artificial (organismos cibernética) não desistem do propósito de construir máquinas conscientes e se isto chegar a ser possível a questão está respondida dentro da conceituação mística; “Onde quer que se faça presente uma estrutura apta a manifestar consciência ela ali se fará presente desde que se trata de um Poder que inunda todo cosmos”.

Um dos maiores pesquisadores na área da “inteligência artificial”, John McCarthy, acredita que dentro de algumas gerações as máquinas comportar-se-ão como tivessem cérebros iguais aos cérebros humanos, e que em mais duas gerações elas serão dotados até mesmo de paixões e sentimentos.

Ao místico não causará espécie se isso vier a acontecer desde que tal coisa não invalide a idéia da existência de um *Poder Superior*, bem pelo contrário, será um reforço à idéia de que existem manifestações de algo absoluto, presente em todos e em tudo.

Numa máquina dotada de inteligência esta não será algo inerente à máquina e sim a algo que apenas se manifesta nela desde que, se tudo faz parte da “Inesgotável Riqueza do Nada”, do “Vazio que está cheio de alguma coisa que não é matéria”, daquele chamado “Vazio Quântico” - denominações dada pela ciência - . Isto é básico na metafísica espiritualista que considera a consciência como sendo um dos aspectos do próprio “nada”, ou, indo mais longe, ela é o próprio Nada, é o Poder Superior que se manifesta onde quer que exista algo e segundo o modo peculiar de cada coisa. Assim sendo é que ela se manifesta de uma forma peculiar numa pessoa humana, de outra maneira num vegetal, num mineral, ou mesmo numa máquina, desde que tudo é mente no universo, portanto tudo tem consciência.

As religiões que podem ser consideradas monistas estritas são exatamente aquelas que falam de uma causa primeira, abrangente, imanente em todas as coisas, de onde tudo proveio e para onde tudo voltará, causa esta que tanto está no universo quanto fora dele, e assim sendo totalizando exatamente o “Nada”.

Toda a religião que situa Deus apenas dentro da criação, inerente ao universo apenas, na realidade não pode ser considerada monista e sim dualista desde que, onde quer que se coloque algo dentro da criação, incontestavelmente, este algo tem o seu oposto, pois esse universo é dual, nele prevalecem princípios básicos, entre este o da polaridade e o da correspondência, além de outras, citadas por Hermes Trismegistus. Estando Deus dentro do universo ele tem que ter o seu oposto, a polaridade oposta.

O Zoroastrismo seria uma religião essencialmente dualista se só falasse em Arimã e Ormuzd, se não falasse de um Princípio Anterior, a fonte de onde essas duas expressões emergiram, e como fala ela pode ser considerada monista.

As religiões podem ser classificadas, em sua maioria, em dois grupos basicamente distintos: Religiões Proféticas e Religiões Místicas. Há uma grande diferença entre esses dois grupos. As proféticas, predominantemente ocidentais, falam de um *Deus que governa* o Universo e que comunica sua vontade através dos profetas e administradores da lei. Esse Deus está à direta e pessoalmente voltado para manter a ordem em seu mundo, e para o estabelecimento da relação com o homem. Assim é um administrador da lei, por excelência, agindo no tempo e tempo espaço e tendo como elemento central o homem. É dele que Pascal falava: “Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacó, não o dos filósofos e dos mestres”.

As religiões místicas, predominantemente orientais, falam de um Deus metafísico. É o Deus das religiões orientais, Deus dos filósofos, tanto que chamá-Lo de Deus pode ser considerado um engano por não se tratar de um “ente”, mas um “princípio”. É o princípio do ser imutável, ao mesmo tempo em que é, também, a fonte de todo o porvir, a fonte de toda atividade, o UM do qual procede toda multiplicidade. Na China é chamado Tao, o “Caminho”, em hindu, Brahmân, o imutável, e em algumas doutrinas Poder Superior, o Uno, o que não depende de nada, livre de sentimentos e paixões, que está dentro, que é infinito, conteúdo e continente de tudo quanto há.

Um dos objetivos da força negativa, quando não consegue levar a pessoa à descrença, pelo menos ela tenta que o crente aceite o “Deus que governa”, no lugar do “Deus Princípio”, que aceite Deus como um “ente” e não como “UM Princípio Consciente”; um deus dentro da multiplicidade, da frag-

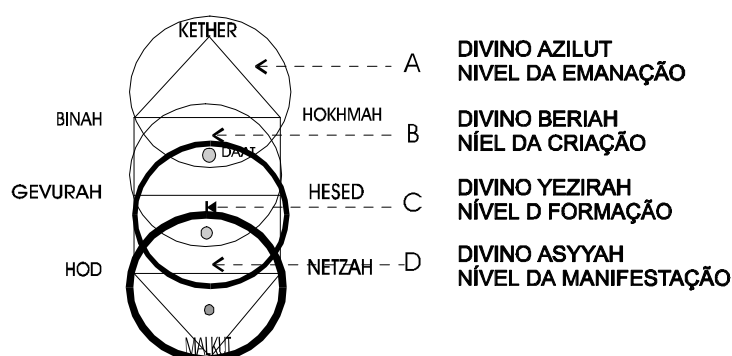
mentação e não fora dela; um deus dentro do finito e não no Infinito. Assim ela age pois é fácil deformar um “ente”, ou mesmo colocar-se no lugar dele, e atribuir-lhe as qualidades mais diversas; o que não é possível ser feito em se tratando de um Deus Princípio Único.

No princípio único não há possibilidade de ser colocada a polaridade mal e Bem; pois o **Poder Superior** é o princípio imutável que, ao mesmo tempo, permanece no universo e ocupa a consciência de cada ser. Somente aquilo que é inerente ao universo é que está sujeito à lei da polaridade, ao nível do Princípio UM não existem leis pois ele é a própria Lei Maior e absoluta, sendo assim não pode existir o mal pois este é uma condição inerente à lei da polaridade.

Na realidade tanto o Zoroastrismo não admitia o mal como não tendo princípio. Assim também era o pensamento do Gnosticismo dos primeiros séculos, especialmente o Valentiniano que não admitia a existência do mal primordial. Dizia acertadamente, o mal, com os seres responsáveis por ele, somente surgiu não precedeu à criação do universo, nem sequer na primeira das etapas da criação, mas sim num estágio posterior dentro do processo de emanções originadas do mundo divino.

Vemos que esse pensamento gnóstico tem raízes na própria Cabala, isto é, ele representa aquilo que faz parte dos registros da *Tradição* onde reza que o mal não preexistiu a *Kether*, portanto não existindo nem nos véus (*Ain - Ain sof - Ain sof aur*), e nem também no *Divino Azilut* - nível da Emanação

Algumas escolas gnósticas afirmam que a últimas dessas emanções denomina-se de Sófia (Saber) e corresponde ao início da existência material do universo foi quando o mal teve início. Na cabala somente quando emergiu o *Divino Beriah*, - nível da criação - foi que o mal apareceu.



Portanto, o mal não surge como força autônoma, mas sim dentro do mesmo processo de emanção do qual se origina o Bem.



O DEUS TRANSCENDENTE

“A CERTEZA NÃO VEM DAS PROVAS,
MAS É ANTERIOR A QUALQUER PROVA”.
EINSTEIN

1996



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.554



Iniciaremos esta palestra com o 25º. ensino de Lao Tsé e que integra sua obra intitulada Tao Te King.

A FONTE DO SER E OS CANAIS DO DE VIR

Nas profundezas do Insondável
Jaz o Ser.
Antes que céu e terra existissem,
Já era o Ser.
Imóvel, sem forma,
O Vácuo, o Nada, berço de todos os Possíveis.
Para além de palavra e pensamento
Está Tao, origem sem nome nem forma,
A grandeza a Fonte eternamente borbulhante.
O ciclo do Ser e do Existir.

Comparando-se o que disse *Lao Tsé* há 2600 anos com o que disse *Basílides*, que viveu no início deste milênio, constata-se mudanças apenas de palavras pois o pensamento implícito é exatamente o mesmo.

Por certo, dois entre os maiores mestres gnósticos do segundo século podem ser mencionados Lucius Carino e Basílides. O primeiro foi discípulo de João, o Evangelista aquele que escreveu *Atos dos Apóstolos* que consta do Novo Testamento. Tal como está na Bíblia Canônica, em *Atos dos Apóstolos*

los, os 12 primeiros capítulos refere-se a Pedro e os 16 restantes a Paulo, e com referência a outros apóstolos, mas na realidade Lucius Carinus escreveu os “Atos dos Apóstolos” como livros separados, a saber: Atos de Pedro, de André, de João, de Tomás e de Felipe, os quais foram expurgados posteriormente da Bíblia. Esses “livros bíblicos” tiveram grande aceitação no início do Cristianismo e pode-se dizer que eles representaram o principal fator de disseminação do Cristianismo. Essa literatura não era, então, considerada herética por ninguém, desde que o seu autor era reverenciado por ter se associado ao autor dos quatro Evangelhos Canônicos.

O segundo grande mestre gnóstico foi Basílides, discípulo de Gláucias que, por sua vez, foi discípulo direto do Apostolo Pedro, Basílides ensinou em Alexandria de 117 a 138 d.C. e sua escola se expandiu até a Espanha cujos ensinamentos foram levados por Marcos de Mênfis.

Até o ano 133 d.C., Basílides era considerado heterodoxo pelo grupo da Igreja que se intitulava ortodoxa. Basílides morreu em 145 d.C. mas seus ensinamentos sobreviveram no Egito até o final do século IV. As informações que possuímos sobre os ensinamentos de Basílides derivam da obra *Philosophumna*, de Hipólito, cognominado “O Presbítero de Roma” que escreveu muito do que existe a respeito dos primeiros séculos do Cristianismo.

Os ensinamentos de Basílides indicam que ele enfatizava a importância do conceito de Deus Desconhecido, totalmente transcendente, incompreensível e além de todas as categorias da existência. Além da mencionada obra, vemos isto através do que nos legou Jung em “Os 7 Sermões aos Mortos”. Antes só se dispunha daquilo que foi descrito por Hipólito.

No texto descrito por Hipólito consta:

“Ele existia, quando nada existia; nem mesmo aquele ‘nada’ era qualquer coisa das coisas que existem. Mas cruamente, conjectura e sofisma mental à parte, não havia nem mesmo o um. E quando eu uso o termo ‘havia’, eu não quero dizer que havia, mas, meramente para dar alguma sugestão do que eu quero indicar, uso a expressão ‘não havia absolutamente nada’.

O Nada não era nem matéria, nem substância, nem vacuidade de substância, nem simplicidade, nem impossibilidade de composição, nem incompreensibilidade, nem imperceptibilidade, nem homem, nem anjo, nem Deus enfim nem nada a que o homem possa ter achado um nome, nem qualquer operação que caia na esfera quer a sua percepção quer da sua concepção”.

Vemos que esse conceito diz respeito a um Poder Transcendente à própria criação. Todas as palavras que usarmos para as coisas da criação não se prestam para indicar qualquer qualidade do **Poder Superior**, ou como algumas escolas gnósticas chamam “Plerôma” e “Abraxas”, até mesmo a palavra qualidade não tem sentido em se tratando do *Ser Transcendente*.

Agora voltemos ao Mito de *Sophia* e tentemos entender porque *Sophia* caiu. Diz Basílides.

“... com a queda de Sophia, uma semente de sua origem divina - uma centelha de Luz - foi plantada no homem. Portanto, sua alma “gritou pra Deus pedindo a libertação” da paixão do Cosmo inferior. A meta “daqueles que sa-

bem” era fazer com que essa centelha voltasse à sua fonte, e a finalidade do ensinamento gnóstico é mostrar quando isso pode ser conseguido.

Mesmo sendo *Sophia* uma Luz ainda assim tem que se considerado que “Ela” existia na Criação, consequentemente estava sujeita às limitações do Universo, por isto, tudo o que ela concebesse visando “ver” o Plerôma, ver ao Deus Transcendente, estava sujeito às leis do universo criado, enquanto o que Ela estava querendo “ver” transcendia-O. Pelo texto descrito por Basíledes percebe-se que coisa alguma podia ser entendido por *Sophia*. Não podendo ver a Fonte *Sophia* criou o *Espelho* para ver nele a ima imagem refletia do Plerôma. Ela criou o *Espelho*, viu a imagem e se direcionou para ela, mas assim sendo cada vez mais distante ficou da fonte. Quando mais uma pessoa se dirige para uma imagem refletida (imagem virtual), quanto mais se direciona para o “*Espelho*” mais se afasta do objeto que está sendo refletido (imagem real). Assim *Sophia* distanciou-se tanto da luz que atingiu as trevas. Ficou quando percebeu o seu engano e então implorou para voltar e em auxílio dela veio Christos.

Para que possamos entender a problemática da humanidade é mister que seja entendido que *Sophia* era inerente à própria Trindade, a uma Trindade de Luz que constituía a Tríade Superior da “Árvore da Vida”. *Sophia* é um aspecto limitado da Luz querendo “ver” a totalidade da Luz. A luz na criação, limitada, querendo ver a Luz Ilimitada, e como a Luz na Criação não era a Luz Infinita, necessariamente isto não era possível, desde que a parte não pode conceber o todo. Assim sendo, quando a Luz da Criação procurou ascender ela defrontou-se apenas com reflexos. Tudo o que surgiu diante dela na realidade foram apenas “reflexos”.

Sophia não sabia (seu conhecimento estava limitado) que tudo o que ela julgava ser o Plerôma era apenas imagem Dele. Ela estava perdida numa “sala de *Espelhos*” e o pior, os *Espelhos* não eram *Espelhos* planos e sim de diversas formas, planos, côncavos, esféricos, cilíndricos, etc.. Sendo assim nem ao menos ela podia perceber reflexo perfeito, todas as imagens estavam deformadas.

Sempre que se desce de um nível superior para um mais inferior não se detém mais o conhecimento total daquilo que é ensinado no plano de onde se afastou, não mais se tem condições de acompanhar o nível do plano onde se esteve. Suponhamos um aluno rebaixado de classe por incapacidade intelectual. Mesmo que ele tenha conhecimento da existência do nível superior ainda assim ele não pode entender o que é ensinado no nível superior; mesmo que o aluno saiba da existência do nível universitário ainda assim ele não consegue entender o conteúdo programático do nível superior, se assim não fosse ele não teria sido rebaixado.

Na criação aconteceu com *Sophia* tal qual o exemplo analógico que demos antes, mesmo que ela haja sido parte integrante da Tríade Superior esta Tríade ocupava um nível aquém do Nada, abaixo do Plerôma e sendo assim *Sophia* não podia ter a pretensão de conhecer o Pleroma.

Tudo aquilo que o ser criado julga der o Poder Superior na realidade, no máximo é apenas um reflexo Dele. Há um número elevadíssimo de reflexos na criação, enquanto que a própria criação é apenas um “*Espelho*”.

O que se poder perceber do **Poder Superior** ?. - Percebem-se apenas algumas das qualidades que costumamos chamar de “*Faces do Poder Superior*”, como, por exemplo, o *amor*, a *paz*, a *verdade*, a *justiça* e tantas outras. Mas, nenhuma das “qualidades” manifesta-se por si mesma, elas apenas podem ser percebidas através das coisas criadas que são os “*Espelhos*” da criação. A criação, num certo sentido, é um conglomerado de estruturas nas quais se manifestam os poderes da natureza, portanto podem se consideras “*Espelhos*” nos quais o Poder Superior reflete-Se.

É preciso que se tenha em mente que os reflexos da criação são enganosos desde que os “*Espelhos*” estão num plano inferior e, conseqüentemente, são “*Espelhos*” deformados e limitados que alteram a imagem daquilo que é refletido. Deste modo a pessoa quando busca as “qualidades” dentro da criação acaba verificando que elas são um tanto ilusórias. Quando se busca a paz nas pessoas não se encontra a Paz Cósmica e sim a paz da pessoa, do “*Espelho*” em que aquela é refletida; quando se busca o amor Cósmico encontra-se o amor de cada um; quando se busca o Querer Cósmico encontra-se o querer individual, e assim por diante. Dentro da criação não se encontram as qualidades Cósmica e sim os receptivos reflexos tais como são refletidas nos “*Espelhos*”; em alguns com menos brilho e clareza, em outros, com mais brilho e clareza, mas em nenhum exatamente como na própria Fonte de Origem Transcendental. Mesmo que as faces sejam qualidades do Pleroma mesmo assim são apenas imagens virtuais (imagens refletidas) e não reais, ou seja, são reflexos cuja fidelidade é limitada e varia de pessoa para pessoa, ou seja, imagens que variam de “*Espelho*” para “*Espelho*”.

Pela razão que acabamos de expor é que não é fácil a pessoa “penetrar” na imagem, gerando o apego à imagem e quando deveria ser à Fonte. Isto é o que comumente leva a pessoa a ficar “cristalizada” diante do reflexo sem, contudo penetrar por ele e chegar ao outro lado do “*Espelhos*”, isso é sair da imagem virtual e chegar à imagem real.

Não é fácil a pessoa através do amor pessoal, do querer pessoal, e de vários outros atributos, chegar ao **Poder Superior**. Geralmente a pessoa fica presa a uma forma de amor limitada, a qualidades divinas, mas limitadas, às faces do Poder refletidas em *Espelhos* imperfeitos, pensando que aquilo é tudo; que é a totalidade, pois nem sequer percebe que se trata de um “reflexo” que depende basicamente da qualidade de cada “*Espelho*”.

Toda criação, tudo quanto há pode ser retratado pela “Árvore da Vida”, mas na criação os *sephiroth* são coisas e como tais são também “*Espelhos*”. Cada *sephirah* é a representação de um nível de reflexão. No nível de *Malkut*, por exemplo, estão os “*Espelhos*” de pouco brilho e muito deformados, “*Espelhos*” que só refletem as coisas mais grosseiras dentro de uma determinada categoria e assim mesmo de forma alterada, enquanto que *Kether* reflete o máximo possível, a uma categoria, mas, mesmo assim, ainda se trata de um “*Espelho*”, portanto, ainda muito distante da realidade plena.

A imagem que as pessoas fazem do **Poder Superior** jamais é exata porque quando tentam chegar a Ele, no máximo, chegam ao Seu reflexo o qual é chamado de Deus. Em se tratando de uma imagem Deus é um reflexo do Poder Superior nos “*Espelhos*” que são as pessoas.

Tantos são os “*Espelhos*” quanto às pessoas existentes, daí a tremenda variedade de deuses. Por isto quando a Bíblia diz que Deus fez o homem a sua imagem e semelhança na realidade é o oposto, cada homem faz Deus à sua própria imagem. Cada “*Espelho*” reflete um tanto do Deus Transcendente criando o Deus Imanente.

**É o “reflexo” do Poder Superior clareando o mundo material, o reflexo clareando as trevas
Ele vem, e clareando a todos Ele vem...**



O PRINCÍPIO ÚNICO

A REALIDADE É UNA QUE SE REVELA
SEMPRE COMO DUALIDADE ”
LAO TSÉ


JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C.
1997 - 3350

TEMA 0717



O Homem, desde os primórdios de sua existência, vem procurando entender o sentido da totalidade e a seu próprio modo ele vem atribuindo-lhe qualidades peculiares de um Ser. Conforme a cultura, esse Ser tem sido entendido e simbolizado desde as qualidades de um simples animal até especulações metafísicas do mais alto nível e a mais alta expressão matemática concebível. Isto nos leva a dizer que cada pessoa cria uma imagem própria de *Deus*, portanto Este se apresenta como algo bem pessoal, desde que representa qualidades individuais medidas segundo os mais diversos padrões.

A fim de desenvolvermos bem esta palestra escolhamos uma palavra para designar a Plenitude, manifesta e imanifesta. Por ser de uso mais comum podemos usar o próprio nome *Deus* para expressar os diversos níveis do *Supremo Arquitecto do Universo*.

Em todos os temas que temos desenvolvido nos temos posicionado dentro da aceitação da existência de um *Princípio Único*, afirmando que apenas existe uma Fonte Primordial Infinita e não mais que uma como tem sido afirmado por alguns sistemas, sendo o mais conhecidos entre eles o Mazdeísmo, originário na antiga Pérsia que citava dois deus um representativo do mal e o outro do bem, aos quais davam o nome de Arimã e Ozmuz. O Princípio Único é uma antítese do Mazdeísmo que preconizava a dualidade, isto é que o universo sempre foi governado por dois princípios opostos, um representado pelo mal e o outro pelo bem.

Evidentemente não aceitamos essa teoria pois, se assim fosse, não existiria o infinito, ou este transcenderia ao próprio *Deus*. Se houvessem dois princípios eternos naturalmente um não conteria o outro, do contrário, não seriam dois, e sim apenas um. Sendo Deus infinito – absoluto – então tudo tem que está integrado, contido nele; algo não pode ser infinito se existir algo mais fora de si. O princípio da dualidade só seria possível se não existisse o infinito, ou se a dualidade nada tivesse a ver com Infinito, e, neste caso haveria algo maior que a própria dualidade - o Infinito - que então seria o Superior. Por outro lado, o Princípio Único é coerente com a existência do Infinito, pois ele é o próprio Infinito.

Sob muitos aspectos o Princípio Único integra a doutrina das grandes religiões, assim é que no Cristianismo é afirmado como havendo a existência de Um só *Deus*, criador de todas as coisas, manifestando-se inicialmente como uma Trindade Católica. Mesmo como Trindade⁹ - Pai - Filho - Espírito Santo - mesmo em se tratando de uma trindade ainda assim está presente a unicidade, de conformidade com as próprias palavras de Jesus “Eu e o Pai” somos Um.

⁹ Vide Temas: 526 - 527 - 529 - 531 - 532 - 534

Aceitar dois princípios seria, como já dissemos várias vezes, a negação do próprio infinito como expressão física e matemática. O infinito não pode ser negado pois a própria matemática nos leva a ter que admiti-lo. A razão chega a condição de infinito, não só pela matemática como por uma simples maneira de pensar. Para se sentir o infinito é bastante que se faça uma série de indagações sobre o “antes”, o “antes do antes” e assim sucessivamente; ou se preferir sobre o “depois”, o “depois do depois”... Para todo lado que nos direcionados nos defrontamos sempre com indagações que apontam para o infinito.

Sendo Uno o Infinito ele tem que ser o Próprio Absoluto, pois este não pode estar fora daquele. Mas, estudando-se a criação, convivendo com ela, vemos não a unicidade mas a multiplicidade em tudo, isto é se tudo tem Um como origem, então a existência tal como a conhecemos é a expressão de uma incomensurável fragmentação do Uno.

Nessa palestra queremos dar continuidade ao estudo dessa fragmentação no que diz respeito, em especial, a *Deus*. Como fica *Deus* no contexto fragmentar do Cosmos? Como se apresenta *Deus* na Unicidade e na multiplicidade? Como é que o Absoluto pode estar contido no relativo? Como o Todo pode estar contido na parte ? - É evidente que o Absoluto para integrar a parte, para estar nela contido, evidentemente não pode se apresentar como Absoluto, é mister que assuma uma natureza relativa, limitada. O ilimitado não “cabe” no limitado evidentemente, por isso *Deus* Transcendente, ainda que se trate de uma mesma natureza, tem que manifestar atributos limitativos a fim de ser o *Deus* Imanente.

Pelo que estamos expondo devemos entender *Deus* como um Ser que atua em diferentes níveis, desde um nível mais baixo, mais fragmentar, até um nível mais alto, unitário.

De início queremos dizer que se tudo vem do Um a natureza de *Deus* nesses diversos planos apresentam-se de formas diversas. Não se pode situar o Absoluto em sua plenitude dentro do relativo, muito embora Ele se expresse no relativo. Como então é o Absoluto no relativo, como algo infinito se manifesta no finito, no pequeno, no limitado. Como é que a suprema bondade se expressa na limitada maldade?

Muito de tais indagações, evidentemente, são intendíveis pelos Princípios Herméticos, mas indagamos, e fora da Criação? Fora do mundo criado, onde não existem coisas e portanto onde não se fazem sentir os Princípios Herméticos?

Na realidade *Deus* se manifesta de formas diferentes, em se tratando do Mundo criado e do transcendente. Mesmo considerando-se o Imanente e o Transcendente ainda assim em cada um desses níveis *Deus* não se manifesta de uma só maneira.

Já temos dito muitas vezes que a expressão *Deus* criou o mundo, na linguagem da astrofísica a primeira manifestação foi o *big bang*. Ora, para que ocorresse o *big bang* só existem duas possibilidades. Uma é, que a criação originou-se de um nada absoluto, de uma inexistência absoluta. A outra é que a criação originou-se tendo uma fonte transcendente, mesmo que em todos os sentidos trate-se de uma fonte inconcebível para a mente humana.. Neste caso houve uma fonte, houve Um Algo que agiu como Creador e nesta condição esse Algo evidentemente estava fora, transcendia à tudo aquilo que registramos como universo. Se não existia o Universo criado, o *Deus* Creador não poderia estar contido nele, não se pode estar contido em algo que não existe. Segundo esse raciocínio que repetidamente temos usado já podemos perceber a existência de duas formas de Expressão de *Deus*, Uma limitada e manifestável e outra ilimitada e manifestável.

Se quisermos dar nomes a essas duas expressões o nome **Força Superior** é bem adequado ao aspecto imanente de *Deus*, desde que “força” só existe onde existem coisas, e por sua vez, coisas só

existem dentro da criação, logo o aspecto imante de *Deus* é a força máxima, a que move e comanda toda criação.

Mas, existe um aspecto ainda mais amplo, que não pode ser definido como força, pois estando fora da criação, onde inexistem coisas, não existe consequentemente força, existem sim, o potencial. Desta maneira a palavra mais adequada é “Poder”. Poder é algo potencial, uma capacidade, uma inerência, e ao poder máximo cabe perfeitamente a expressão **Poder Superior**, indicando-se com ela esse aspecto transcendente de *Deus*.



ASPECTOS IMANENTES DE DEUS.

“ A TRANSCENDÊNCIA DO INFINITO EM SI É
SEMPRE INFINITAMENTE MAIOR QUE TODAS
AS SUAS IMANÊNCIAS NOS FINITOS ”
HUBERTO ROHDEN

1997 - 3350



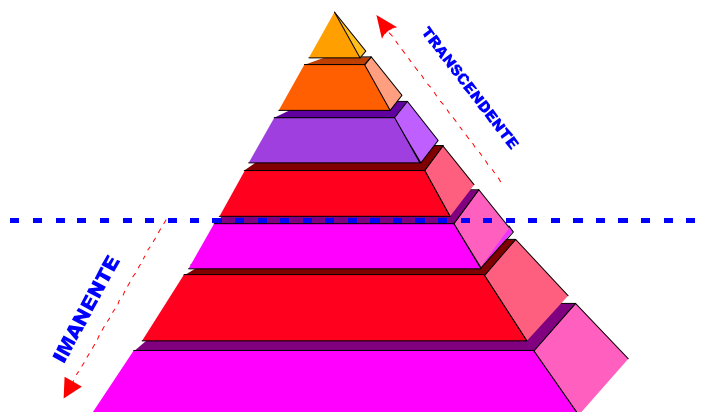
JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



TEMA 0.718



Os Iniciados normalmente usam diversas expressões indicativas de *Deus* e na palestra anterior nos detivemos na análise de duas delas, a de *Força Superior* e a de *Poder Superior* sendo *Força Superior* aquela que tudo cria e comanda no mundo detectável, o nível imanente, e *Poder Superior* ao aspecto Creador do próprio Universo, portanto o nível transcendente de *Deus*.



NÍVEIS DE DEUS

Deus Imanente teve sua primeira manifestação na criação como o *Fiat Lux*, denominação dada pelos místicos, e de *Big Bang* pela ciência.

A Cabala tem colocado as coisas assim: Existe um mundo criado, algo que se manifesta em 10 níveis sucessivos (Sefirot) cuja fonte primordial situa-se além da criação.

Conforme assinalado na “Árvore da Vida”, de início manifestaram-se 3 aspectos representados graficamente por um triângulo. Por que um triângulo? - Porque esses três aspectos embora com caracte-

rísticas diferenciáveis, ainda assim estão unidas entre Si, e o triângulo, sem dúvidas, é a única figura geométrica que une três pontos entre si.

Todas as doutrinas que têm conhecimento dessa primeira manifestação trina Isto é o que as Igrejas Cristãs denominam de Trindade.

A partir desse triângulo, ou seja, da Tríade Superior da “Árvore da Vida” surgiram todas as coisas, num fantástico desdobramento; num inconcebível processo de divisões parciais que se apresentam como a heterogeneidade das coisas existentes.

Vejamos o Um se transformou inicialmente em Três mesmo que unidos ainda em nível máximo, com um mínimo de desdobramento e com fortíssimos laços unificadores.

A Cabala nos mostra o processo de desdobramentos sucessivos conforme temos seguidamente mostrado. Vemos que logo após o Fiat Lux houve um desdobramento do Um seguido de polarizações que numa primeira fase formou um triângulo.

Neste esquema *Deus* está representado pela ponta superior do triângulo, portanto, o nível mais elevado. Desse primeiro ponto emanou a força que tudo criou, tudo saiu desse ponto, portanto essa manifestação de *Deus* é aquela que recebe o nome de *Força Superior*.

Deus é representado pela primeira ponta do Triângulo, o seu nível mais elevado dentro da criação. A este nível, podemos caracterizar *Deus* como *Força Superior*, por ser a força geratriz de todo o universo criado a partir dela.

O aspecto de *Deus*, tido como *Força Superior*, desdobrou-se, e sendo assim tudo quanto existe no universo detectável, veio dele, segundo a doutrina do Princípio Único. Neste ponto já temos dois aspectos de *Deus*, o de *Força Superior* e o de Seu primeiro desdobramento, exatamente aquele que os Cristãos Gnósticos dos primeiros séculos de nossa era denominam de *Kristos*. *Jesus Cristo* é tido pelas Igrejas cristãs como sendo um Aspecto de *Deus*, contudo o próprio Jesus falava de um Pai, referindo-se a um nível superior a si próprio: “*Bom é o Pai que está no céu...*” “*Pai, afasta de mim este cálice*”. Existem outras citações evangélicas que mostra que Jesus estabeleceu um nível diferenciativo entre Si e o *Deus* Pai.

A *Força Kristos* as Igrejas Cristãs quando se referem à Trindade chamam-na de Filho, mas esse termo é abrangente, não significa somente Jesus, mas também a outros Avatares que têm vindo à terra e alhures no Universo.

Mas o Princípio da polaridade está sempre presente em todas as coisas criadas assim é que uma mesma coisa existe em condições opostas, pequeno/grande, feio/bonito, mal/ bem, e assim por diante. Como tudo se deriva do Um não tem como se evitar a aceitação de que tudo quanto há, pequeno ou grande, feio ou bonito, mal e bem, e tudo o mais são manifestações polarizadas de *Deus*, sendo um dos pólos o aspecto *Kristos* e o outro o seu oposto; aquele que Cristãos Gnósticos - conforme a escola - denominaram de *Sophia*, ou de *Demiurgo*.

O *Demiurgo* foi, portanto, o terceiro aspecto de *Deus*, mesmo considerando-se como criador de todo o mundo material, portanto do polo inferior da natureza das coisas. Neste polo situam-se os espíritos caídos. Em resumo os espíritos caídos correspondem ao nível mais baixo da manifestação de *Deus*.

Em nossos comentários já estamos situando três níveis de *Deus* imanente: *Força Superior* - *Força Kristos* - *Força Inferior* (*Sofia* = *Demiurgo*). Estamos num patamar em que não se pode considerar só um aspecto de *Deus* dentro da criação.

Sentimos o quanto não é fácil ter que aceitar que o Demiurgo é um nível do próprio *Deus*, mas segundo o Princípio Único ele nada mais é que um desdobramento a nível bem limitado de *Deus*; é aspecto de *Deus* ao nível das mais ínfimas fragmentações do Universo.

Se a origem de tudo quanto há é Una não tem como ser aceito que o próprio Demiurgo não haja sido um desdobramento de *Deus*, pois que não havia outra coisa para dar-lhe origem. No início somente havia a Primeira Luz, que é a máxima expressão de *Deus* dentro da criação, da qual surgiram outras coisas e constituindo-se por isto nada mais que outros aspectos de *Deus*.

A Cabala mostra que do terceiro vértice do triângulo surgiram os demais *sephirot*, ou seja, este *sephirah* se desdobrou surgindo os espíritos e as coisas constitutivas do mundo criado.

Por sua vez o mesmo é o que diziam os cristãos Gnósticos, a partir do desdobramento da Força Kristos surgiu dentro da criação aquilo que chamamos de mal. O mal, o erro, os espíritos da desobediência; surgiram como um desdobramento da terceira ponta do triângulo da Tríade Superior, da própria Trindade. Não somente a cabala e os cristãos gnósticos, mas também quase todas as doutrinas cristãs falam de Lúcifer e dos anjos caídos de sua própria natureza.

Ora, tendo-se em conta a existência de Um Princípio Único, seja qual for a explicação para a origem da negatividade ela tem que haver surgido da Primeira Luz, isto é de *Deus* em sua natureza *Força Superior*. SE há um princípio Único tudo tem que haver provido deles; isto quer dizer que não houve duas portas de entrada e nem duas fontes cósmicas. Isto significa que o mal é uma consequência da própria polaridade das coisas, em outras palavras a negatividade veio da possessividade, ou seja, a negatividade nada mais é que um aspecto da positividade. E como faz parte do mundo relativo ela também é algo basicamente relativa.

O ser humano enquadra-se, pela sua maneira de ser, pelo modo como se apresenta, atitudes negativas, como uma expressão do malévol. A finalidade do desenvolvimento espiritual é a libertação do espírito do seu aspecto mal. As doutrinas dizem e é verdade, o espírito é oriundo de *Deus*, e, como uma decorrência do Princípio Único, o ser humano e seu criador imediato também são expressões de *Deus*, mesmo que em conjunto isto represente a Sua mais inferior.

Isto que acabamos de dizer terrivelmente violento para ser aceito facilmente, mas, embora por anos e anos tenhamos tentado buscar um outra maneira de ser, uma forma de provar para mim mesmo não ser isto verdade. Mas ou aceitamos como sendo verdade ou temos que negar o Princípio único e cair na doutrina Mazdeísta, entrando em confronto direto com a existência do Infinito.

Mas, observando-se a natureza humana percebe-se ser ele uma expressão do mal na terra, mesmo que ele seja um espírito e como tal tem em si uma Divina, apenas que envolvida ainda por uma capa espessa de iniquidade. Mesmo tão cheio de maldades, um ser considerado demoníaco, uma expressão do Demiurgo, mesmo assim em essência não deixa de ser um dos aspectos de *Deus*.

O que estamos dizendo não é uma conjectura pessoal nossa, desde que o próprio Jesus o disse a respeito do homem. “Vós sois *Deus*”. Assim é Jesus Quem confirma ser o homem *Deus*.

Tenha-se em mente que o homem é uma expressão dual, Essência Cósmica - parte divina - e natureza humana carnal - parte demoníaca.

Como tudo proveio do Um, no homem fazem-se sentir simultaneamente duas expressões de *Deus*, a Krística e a Demiúrgica. Veja-se que são dois aspectos que estão presentes tanto do mundo em geral quanto no homem em particular.

Deus em sua forma absoluta é imanente e transcendente; dentro da criação manifestam-se três de Suas expressões.

Em resumo diremos que nesta palestra mostramos os três aspectos de *Deus* Imanente, suas três formas imanentes, exatamente aquelas que se manifestam diretamente no Universo criado.



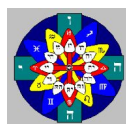
ASPECTOS TRANSCENDENTES DE DEUS

“ A TRANSCENDÊNCIA DE *DEUS* NOS ENCHE
DE REVERENTE ASSOMBRO; A IMANÊNCIA
NOS ENCHE DE SUA VE AMOR ”
HUBERTO ROHDEN

1997 - 3350


JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C


TEMA 0.719



Na palestra anterior analisamos sucintamente as formas de *Deus* Imanente e deixamos ver que existe pelo menos uma forma transcende ao universo criado. Se este não se autogerou, naturalmente tem que haver geratriz; Um Poder criativo, algo que agiu criando-o.

Em algumas palestras já mencionamos esses aspectos transcendentos de *Deus* e agora voltemos ao assunto começando por uma análise cabalística da criação.

Segundo o que preceitua a Cabala todas as coisas que compõem a criação se apresentam em sete níveis, ou seja, integram a chamada seqüência sétupla.

Para os que não leram os temas sobre a natureza sétupla do universo, vamos dizer que sendo de natureza vibratória todo o universo está organizado em sete níveis. Isto pode ser sentido se tomarmos em consideração as notas musicais: dó - ré - mí - fá sol - lá - sí. Elas se repetem formando outra “oitava”

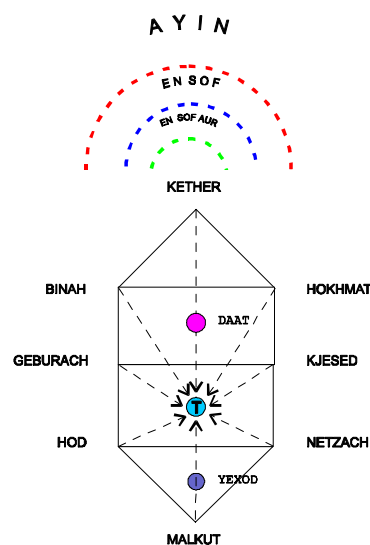
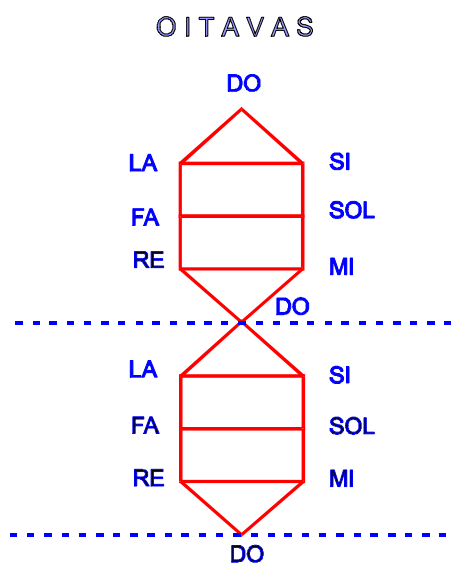


Ilustração 1

Ilustração 2

Pela Fig. 1 vemos que a nota da oitava posição de uma escala é a mesma primeira nota da oitava seguinte, e assim sucessivamente. Baseado nisso se pode dizer: Quando “Árvores” estão superpostas, o *sephirah Kether* de uma é o *Malkut* da seguinte. Disso advém que, considerando-se a “Árvore” mais ampla possível, aquela que representa a criação como um todo, *Kether* representa a *Força Superior*.

Mas, consideremos agora o Transcendente e indaguemos se as suas condições podem ser representadas também por uma “Árvore da Vida”. A Cabala diz não, tanto é assim que nos gráficos correspondentes à transcendência não está assinalado outra “árvore”, mas sim três véus denominados de *En Sof Eor - En Sof - En* (Ayin) e que além existe são somente o Nada. Muitos cabalistas associam o Ayin ao próprio Nada, mas, existem diferenças diferenciativas que veremos depois.

Quando estudamos alguns tópicos da Cabala vimos todas as coisas existentes apresentam-se em sete níveis, tal quais as notas musicais. Também dissemos que existem miríades de “árvores” individualizadas e que em cada *sephirah* está contida outra “árvore” e em cada *sephirah* desta, por sua vez, outra e assim segue-se uma sucessão inconcebível, conforme o número de coisas e condições existentes. Mas, tudo isso diz respeito apenas à criação e isto nos leva à indagação seguinte: E fora da criação?

Não se pode dizer da existência de uma estruturação representável por uma Árvore da Vida, pois se assim fosse a *Força Superior (Kether da Criação)* apreentar-se-ia idêntico ao *Poder Superior* que seria *Malkut* de outra árvore ainda mais elevada. Já vimos que isto não é o que acontece, pois são exatamente certas características que diferenciam esses dois aspectos de *Deus*.

A cabala não coloca outra “árvore” superposta à “árvore geral”, a “árvore” global, mas sim três limites entre a “Árvore da Criação” e o Nada (= Absoluto). Daí em se tratando dos aspectos de Deus em nível de Transcendência se pode dizer que se somam ao Absoluto três aspectos distintos e que já foram estudados nos temas compreendidos entre o número 702 e 708. Naquelas palestras falamos das características dos véus, ou seja, das diversas maneiras como podemos entender *Deus* em sua natureza transcendente. Na realidade são raríssimas as obras cabalísticas que deixam entrever a natureza dos véus, e menos ainda do Absoluto.

Nos mencionados temas dissemos:

En Sof Eor = *Poder Superior*

En Sof = *Consciência Superior*

En (Ayin) = *Fohat*¹⁰

Nada = *Absoluto*

Lei = *Nada*

A fim de que pudesse ser representada a transcendência como uma “árvore” em continuidade à “Árvore da Criação” seria preciso que a *Força Superior* (= *Kether* da “árvore da criação”) tivesse as

¹⁰ Mesmo nos escritos antigos e nos ensinamentos da Tradição não existe suficiente clareza quanto à natureza de Ayin por isto é muitas vezes confundido com o próprio Absoluto e ao mesmo tempo colocado à margem de Fohat. Outra causa da diferenciação é que Ayin é um termo usado na Cabala enquanto que Fohat pertence a terminologia oriental (citado nas “Estâncias de Dzian” e transcrito em “A Doutrina Secreta” e das Ordens Assencionados.

Afim de que possamos entender essa temática podemos dizer que Fohat e Ayin tratam-se de um mesmo nível de *Deus*, um mesmo aspecto de *Deus*, estando *Deus* o Absoluto um nível acima.

mesmas características - fosse o mesmo - que o *Poder Superior* (*Malkut* da Árvore Transcendente). Sendo assim deve ser considerado que existe uma “Árvore Superior” que tem início no *Poder Superior*. Por outro lado somente existem assinalados mais quatro níveis o que não completa uma árvore a mais.

Pelo que acabamos de dizer justifica-se o porquê dos antigos cabalistas dizerem que o esquema da “Árvore” da Vida somente pode ser aplicada à criação; o que está acima é apenas três planos além dos quais está o Absoluto em dois aspectos: Um ativo e outro passivo, conforme veremos depois.



O TRANSCENDENTE ABSOLUTO

“Ó TAO! ... PEQUENINO PARECES AOS QUE
IGNORAM TUA GRANDEZA.
GRANDE PORÉM, ÉS TU, DE QUE TUDO VEM
E A QUEM TUDO VOLTA”
TAO TE CHING - Lao Tsé.’

0

1997 - 335


JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C.


TEMA 0.720



Na palestra anterior dissemos que existem dúvidas de alguns místicos no que diz respeito ao nível Absoluto de *Deus*, o *Nada* e *Ayin* e especialmente *Fohat*.

Situamos o *Poder Superior* em *En Sof Eor* é caracterizado como *Mente Cósmica*; a *Consciência Superior*, em *En Sof*; *Fohat* em *Ayin* (*En*). Muitos estudiosos têm colocado *Ayin* como sendo o *Abso-luto* ou o *Nada*, mas queremos dizer que o **Absoluto** está além de *Ayin*, conforme veremos nesta palestra.

Na criação as coisas manifestam-se em cascata, um *sephirah* originando um o outro seguinte até chegar ao nível mais baixo denominado *Malkut*.

Na Transcendência, no nível do Absoluto, tudo está contido, compactado. Como uma analogia bem simples podemos comparar a uma mola tão comprimida que se torna adimensional. Nesta condição como que existe uma tensão que impulsiona todo o potencial no sentido de expandir, de manifestar-se e assim o **Absoluto** desdobra-se. Na primeira etapa como o “meio” no qual ocorrerão a manifestações, constituindo-se o aspecto *Fohat*, na Imanência caracterizado como *Prakriti*, e a seguir os elementos.

Tal como a força de uma mola o conteúdo do **Absoluto** age e em *Fohat* se manifesta a Consciência Superior, que vem então a se manifestar como a criação.

Um ponto que merece consideração é que os cabalistas falam muito em *Daat*, mas praticamente não existem muitos comentários a respeito de sua natureza, por isto chamam-no de *Sephirah Misterioso*, ou algo semelhante. No tema 393 escrevemos sobre este *sephirah* de uma forma bem genérica pois o assunto para melhor entendido necessitava de conhecimentos que somente apresentamos em palestras recentes.

O Absoluto – Inefável – quando se manifesta dinamicamente o faz como *Fohat*, a “mola” que se distende e dessa distensão resulta tudo quanto existe. Na realidade esse dinamismo de *Fohat* na “*Árvore da Vida*”, está representado como *Daat*.

Na palestra 0.393 dissemos que *Daat* pode ser considerado como a consciência que se apresenta em todas as coisas, contudo o nível de *Deus* que corresponde a *Fohat* manifesta-se na criação como

Daat. Na realidade *Daat* está além da própria mente cósmica quando funciona como expressão das Leis, está diretamente unida ao **Absoluto**, pois é o meio em que tudo aquilo que está contido no **Abso-luto** manifesta-se dinamicamente. Portanto *Daat* não corresponde exatamente à consciência, pois a consciência é um registro que se torna manifesto em *Fohat*.

Agora queremos dizer que no Absoluto, aquela pressão no sentido da manifestação que comparamos à uma “mola” pode ser considerada a LEI.

Tudo só acontece por uma Lei, sem Lei nada existe. Sem Lei nem mesmo haveria a destruturação, nem ao menos poderíamos dizer tratar-se do caos, pois até mesmo este para existir requer uma Lei. Se existir o caos por certo existe uma Lei que faz com ele como tal se apresente.

No Absoluto tudo está contido e “comprimido” a um nível infinitesimal, algo que apenas para facilitar a nossa compreensão pode ser comparado à uma mola que estivesse tão comprimida que sua dimensão chegasse a zero enquanto que a pressão chegasse ao infinito.

Essa pressão quando é ativada age como Lei que se manifesta em *Fohat*, sendo *Fohat* um aspecto do próprio Absoluto. A “mola” tem que se distender através de alguma coisa, e esta alguma coisa é *Fohat*. Em outras palavras, a Lei requer, para agir, um meio adequado e este meio é *Fohat*. Por sua vez a representação da projeção da Lei na *Árvore da Vida* é *Daat* é a lei presente em todas as coisas e em todos os eventos. A atividade do Absoluto é a *Lei*, a *Lei* manifesta-se num meio que é *Fohat*.

A Lei sempre está presente em tudo, desde o micro até o macro, desde as coisas mais fantásticas até as mais ínfimas, desde os mais inexpressivos eventos até o mais fabuloso, veiculadas por *Fohat*.

O Absoluto expande-se sob forma de Leis através de *Fohat* em sucessivos níveis até atingir *Malkut* na “Árvore da Vida” geral.

No Absoluto está a pressão que se apresenta em todos os níveis como Leis. É como uma mola que se distende, passa do ponto de equilíbrio de forças e se distende a um máximo. Essa distensão máxima gera uma força que promove o retorno ao ponto inicial, e assim sucessivamente. O Cosmo analogamente é como uma mola sempre em atividade, expandindo-se e comprimindo-se.

A “pressão” da “mola” no Absoluto distende-se como Lei através de *Fohat*. Uma inconcebível pressão geratriz que faz com que a expansão torne-se tão ampla que provoca uma contra-reação num vai-e-vem perene.

O que estamos descrevendo é o mesmo que diz o Bramanismo quando fala de “respiração de Brahma”, do “dia e noite de Brahma”, exatamente o que faz com que o Universo seja sucessivamente criado e desfeito num movimento perene e eterno. A própria ciência está chegando à essa mesma conclusão, pois já afirma que o universo começou com, o big-bang, uma explosão que provocou o afastamento das galáxias uma das outras, constituindo-se a expansão do universo. Provavelmente o processo num futuro remoto reverter-se-á quando começará uma retração até voltar tudo ao ponto de origem, e a seguir tudo se expandirá de novo como se fosse um colossal jogo de pingue-pongue universal. Ocorre como um processo que lembra um respirar, pelo que as doutrinas hindus chamam de “O Respirar de Brahmâ”.

Agora pensemos na pressão tremenda imposta pela “mola” quando algo atinge o nível de *Malkut*. Ali á um que promove o movimento inverso.

Transportando-se esse raciocínio para os níveis de *Deus* vemos que existem dois pontos de potencial máximo. Um, é aquele correspondente ao infinitamente comprimido, o aspecto de *Deus* chamado de Absoluto, ou Nada. O outro corresponde ao máximo distendido do que faz parte a criação.

A pressão presente ao nível do “máximo comprimido” é idêntica à pressão no “máximo distendido. Segundo esse raciocínio no aspecto Absoluto de *Deus* há uma pressão que faz com que Ele projete-se para baixo. Essa projeção para baixo faz com que a mente assinale *Deus* como algo manifesto em sete níveis.

Podemos dizer que se existe uma pressão que faz expandir há uma contra pressão que faz comprimir e assim sucessivamente

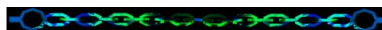
O Absoluto proteja-se para o relativo impulsionado por uma inconcebível integrante de Si mesmo. Esta força não se perde, conserva-se e movido pela inércia faz com que o processo perpetue-se. O impulso de retorno é idêntico ao impulso de criação. Tudo o que foi criado retorna com igual pressão ao ponto de origem”. Esta é uma lei inerente até mesmo aplicável ao próprio Universo.

Disto tudo podemos sentir que por mais trevoso que seja um espírito ainda assim é uma expressão do Absoluto e que tem em si um tremendo potencial que o faz , mas cedo ou mais tarde voltar a origem. A manifestação de *Deus* é como um fole, expande-se e retrai-se sucessivamente.

É curioso notar que um espírito já um tanto bem desenvolvido tem um potencial menor que um trevoso, a mola já não está tão distendida, por isso tem menor potencial, mas vale salientar que o movimento já está muito acelerado nele. O que está mais profundamente projetado requer maior poder para ascender, pois tem muito mais a percorrer que aquele que já está bem lá adiante.

Do que dissemos podemos agora entender porque a Força Negativa é tão poderosa e também porque chegará o momento em que ela reconhecerá a Face Superior do *Absoluto*.

Concluindo diremos que são sete os planos mediante os quais podemos perceber *Deus*; três deles em nível de imanência e quatro em nível de transcendência.



RECONHECER DEUS

“ AS SOMBRAS DOS BAMBUS ESTÃO
VARRENDO OS DEGRAUS DE PEDRA
SEM LEVANTAR POEIRA ”.
PRECEITO ZEN.

1998 - 3350



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0725



Na palestra anterior falamos sobre a fragilidade do pensamento a respeito das coisas em geral e de Deus em particular. Agora voltaremos a esse mesmo assunto porque o consideremos muito significativo. Temos tratado da natureza do pensamento e das estruturas por ele efetivadas de uma forma geral e nesta palestra dimensionaremos esse tema no que diz respeito ao pensar em Deus.

Reconhecer Deus não é fácil porque o desenvolvimento espiritual está atrelado ao pensamento e esse é um mecanismo não confiável por não retratar jamais a realidade além do nível pessoal. Pensa-se apenas naquilo que já se vivenciou numa estrutura como um todo ou em suas partes e, entendamos que vivências são coisas relativas, estados bem pessoais, em outras palavras, simples condicionamentos.

Ante um mesmo evento uma pessoa pode efetivar registros agradáveis, e outro o inverso, sendo assim registram-se na memória valores distintos. Desde que o pensar é o evocar registros da memória, num outro momento qualquer, quando aquelas pessoas evocarem aquele evento, pensarem nele, cada uma o reconstruirá conforme o sentiu no momento do registro. O pensamento de uma das pessoas a respeito, diferirá, por certo, do de outra; a imagem mental efetivada pelo pensamento pode ser desagradável para uma delas e agradável para a outra. Disso resulta que registros de memória têm significado muito relativo, e sendo assim não têm valor tão grande qualquer imagem formada a partir do pensamento.

Essa inconfiabilidade do pensamento dificulta a pessoa reconhecer Deus, pois elas querem conhecê-Lo como uma imagem, mesmo que seja abstrata, uma estrutura de valores, mas não tem como evitar que esse reconhecimento baseia-se no pensar e não há coincidências no pensar de pessoas diferentes. Duas pessoas pensando numa determinada coisa, os pensamentos delas difere acentuadamente; cada uma evocará da memória as imagens conforme foram sentidas de forma pessoal. Belezas, prazeres, sensações e inúmeros outros fatores, especialmente os de natureza subjetiva, podem não ter nada em comum, assim sendo também os pensamentos a respeito.

Nessa altura que estamos quanto à natureza do pensamento, podemos dizer que pensar em Deus é tolice, simples perda de tempo, desde que qualquer idéia que se faça Dele não corresponde à realidade. Pensar em Deus tem valor sim, mas apenas como meio de meditação, mas não como definição, como algo capaz de estabelecer uma imagem real, pois quando se pensa em algo somente se trabalha com valores constantes na memória, e na memória constam somente coisa limitadas, condicionadas, conse-

qüentemente inexatas. Assim sendo, quando se pensa em Deus atribui-se-Lhe apenas qualidades que existem na memória pessoal, e essa memória é um arquivo repleto de coisas que foram sentidas como más ou como boas, e isso não indica que na realidade seja uma ou outra coisa.

Diante do que acabamos de expor, indaga-se: Então não é bom se pensar em Deus? - Sim, no sentido de se elevar à vibração pessoal a patamares psíquicos desejáveis, à criação de estados mentais positivos, mas não no sentido de O identificar com algo, não no sentido de se criar uma imagem mental, uma figura ou qualidades, ou outros atributos quaisquer, pois isso tem sido feito desde o alvorecer do homem na terra e ainda assim nenhuma sequer dessas imagens corresponde à realidade, desde que todas são frutos de atos de pensar e pensamentos são, quando muito, probabilidades. Quando se pensa, se cria, e o que se cria em tais casos, não corresponde ao real.

A fim de que se tenha uma imagem de Deus é preciso não ser usado o pensar, o processo do pensamento tem que ser anulado. A imagem de Deus não pode ser buscada pelo pensamento, mas sim, pelo sentir. Por essa via é possível a certeza de Sua existência. Disso advém que Deus não se revela para aqueles que não têm o devido merecimento, Ele se revela pelo sentir é, pois, indispensável que a pessoa tenha as qualidades necessárias de poder senti-Lo a fim de ser estabelecida a devida sintonia.

O que se sabe a respeito de Deus? - O que se percebe sensorialmente de Deus? - Apenas suas manifestações na natureza. Pode-se estudar, pode-se pensar, sobre essas manifestações, pode-se analisar as “FACES de Deus” dentro da criação, mas não se podem estabelecer quaisquer imagens, atribuir-Lhe quaisquer atributos desde que essas manifestações são sentidas de forma pessoal.

Quando se quer analisar Deus, primeiro evite-se construir uma imagem mental Dele, sendo assim a via do pensamento deve ser abandonada. Quando se deseja reconhecer Deus, que é a finalidade do existir na terra, deve-se usar a via receptiva desde que não tem como se ir a Ele pelo Pensamento. O pensamento é um canal de ligação direcionado à memória e na memória pessoal não existem registros de Deus como um Todo. Lá mesmo as Suas manifestações na natureza são registradas de formas bem pessoais. Registros de Deus só existem no nível de consciência e sabemos que o canal de expressão da consciência não é o pensamento, mas sim a intuição. Por isso Deus pode ser sentido, mas que não pode ser pensado.

O homem não pode ir até Deus, mas Deus pode vir até ele. Quando se tenta chegar a Deus pelo pensamento acontece como no deserto, em que um caminhante sequioso vê um oásis, vê um lago com toda nitidez, tem certeza de que ali há um manancial de água, mas quanto mais se aproxima mais a imagem se afasta, pois se trata apenas de uma miragem. Se a pessoa tenta construir uma imagem de Deus defronta-se sempre com algo semelhante a uma miragem no deserto, quando pensa ter uma imagem de Deus, quando acredita haver percebido Deus na realidade o que foi percebido foi uma imagem fortuita. O caminheiro do deserto pensa que pode ir até a miragem, mas por mais que tente, não adiantam esforços para chegar até ela. O mesmo pode ser dito a respeito do chegar a Deus pelo pensamento, por mais esforços que sejam empreendidos chega-se sempre a uma imagem que não é verdadeira.

Embora não se possa ter uma imagem objetiva ou subjetiva de Deus, ainda assim Ele pode vir até a pessoa. Isso acontece pela via meditativa, passiva, quando o pensamento é silenciado, detido. Assim Deus manifesta-se como algo que não pode ser descrito, medido, comparado, essencialmente um estado inefável. Nestas condições Ele se manifesta como um sentimento inefável, algo maviioso. Mesmo numa manifestação assim o que se sente Dele é bem limitado, mas, ainda assim, trata-se de algo extasiante, por isso é que os místicos sabem que não é pelo pensamento que se pode chegar ao êxtase religioso.

A fim de sentir Deus a pessoa deve estar num estado de consciência passiva, num estado que não exige esforço mental, o que equivale a estar consciente sem emitir juízos, sem fazer escolhas, sem estabelecer comparações.

Não pode existir entendimento sem pensamento, mas pode haver sentimentos sem entendimento, e isso ocorre no que diz respeito a manifestação de Deus.

Podemos pensar, podemos raciocinar, imaginar a respeito das manifestações de Deus na natureza; com isso enriquecemos nosso sentimento pessoal, nosso entendimento pessoal podendo nos completar, atender nossa necessidades de saber, mas isso não representa uma imagem global de Deus, mas apenas a construção de uma imagem pessoal, que na realidade pode atender plenamente à necessidade de saber.

Cada pessoa, portanto, constrói um Deus imaginativo, portanto um Deus à sua imagem, e isso é importante para a pessoa, pois tem exatamente as características desejadas pelo ego, pois se trata de um Deus que atende aos anseios pessoais, portanto que não fere e nem machuca, mesmo que não corresponda a realidade. Quer seja uma imagem de pedra ou de madeira, ou mesmo uma idéia metafísica é algo bem importante e significativo, algo realizador para a pessoa que o constrói mediante o pensamento, pois se trata de algo a que a pessoa possa atribuir todos os valores que lhe convierem, todas as qualidades e características que existirem em sua memória e a pessoa sempre se sente bem quando evoca registros de coisas e qualidades que lhes foram agradáveis.

Quando se pensa, se cria segundo os condicionamentos pessoais, e o que se cria não é o real, e sim uma aparência pessoal. Logo um Deus pensado é um deus que não corresponde à realidade.

Uma pessoa que haja registrado como satisfação uma vingança, na memória isso será etiquetado como algo bom, portanto para tal pessoa um deus vingativo é bom, lhe satisfaz plenamente.

Como consequência do processo mental, do agir, baseado em pensamento a pessoa constrói um deus bom, mas segundo um modelo pessoal, Uma imagem de um deus perfeito de justiça, não serve como tal para uma pessoa injusta.

A memória é condicionada pelos dados da percepção e não existe percepção sensorial pura e ou completa. A percepção depende de limitações ligadas ao preceptor.

As vicissitudes na terra fazem com que o homem busque Deus, pense em Deus, mas a condição de pensar faz com que sempre seja criado o Deus pessoal. Num sentido bem amplo, podemos dizer que os deuses de todas as religiões, citados e descritos em todos os livros sagrados, podem ser válidos para um indivíduo, ou mesmo um grupo deles, mas não no sentido geral por serem sempre estruturas falsas.

Como disse Krishnamurti “O Deus dos templos, dos livros, não é Deus, embora seja, obviamente, uma fuga maravilhosa “.

Deus verdade ou realidade, não pode ser alcançado pela mente, pois o pensamento é algo condicionado, como já mostramos muitas vezes, e a mente que deseja conhecer a realidade precisa se livrar de seus próprios condicionamentos.

Por tudo ser uma estruturação mental, conseqüentemente pessoal, faz com que existam tantas divergências quanto a Deus. Há o deus dos Hebreus, o deus dos cristãos, dos mulçumanos e tantos outros, mas qual deles é mais verdadeiro? Nenhum, por tratarem-se de construções efetivadas a partir de valores existentes na memória.

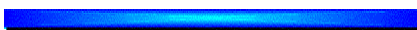
Livros e mais livros existem repletos de nomes de Deus, imagens e mais imagens. Em todos os tempos foram construídas imagens às mais diversas de Deus, mas todas elas construídas a partir de imagens mentais, de construções mentais feitas a partir de dados da memória, portando de vivências limitadas ao que foi visto ou sentido no passado. Nenhum dado que não haja sido conhecido pode ser acrescentado. Como Deus não se manifestou em sua plenitude, temos que admitir que tudo aquilo que permaneceu imanifesto, ou seja, a parte não ainda manifestável não pode constar daquilo que pode ser pensado a respeito Dele.

Mesmo que algum atributo de Deus venha a se manifestar no futuro é impossível se antecipar a isso colocando em quaisquer imagens mentais, pois, como já dissemos em palestra anterior, não é possível se imaginar ou reproduzir algo do futuro, que o futuro como estruturação transcendente não existe. Acreditar ser possível se pensar em futuro é tolice, pois coisa alguma de futuro se pode estruturar, desde que para se estruturar tem que se pensar a respeito e só se pode pensar naquilo que está contido na memória. O que ainda não aconteceu não foi pressentido e conseqüentemente não foi memorizado. Pode-se sim fazer arranjos de coisas antigas de maneira que o conjunto possa se parecer algo novo, mas esse sentido de novo é só quanto à aparência.

Podemos tomar como analogia uma casa em que a pessoa pode arrumá-la de muitas formas, fazer diversos arranjos sem acrescentar ou sem tirar quais móveis. É possível serem feito inúmeros arranjos diferentes que podem fazer a casa assumir uma aparência nova, mas na realidade tudo o que estiver colocado nela já existe.

A imagem de Deus só pode ser construída pela mente humana segundo padrões preexistentes, sujeitos, portanto, aos condicionamentos pessoais. Eis porque as pessoas não se entendem no tocante às religiões, o porquê de tantos e tantos deuses. Isso acontece pelo fato de que nenhum profeta, patriarca, ou iniciado, pode estabelecer uma imagem descritiva das características de Deus. Muitos podem senti-Lo, mas não podem descrevê-Lo, pois como descrever o inefável? Como se fazer uma imagem, ou uma descrição em livros considerados sagrados do inefável? O inefável descritível não é inefável. Nem mesmo Jesus em qualquer momento tentou descrever Deus apenas mencionou-O como O PAI.

O homem pode atribuir a Deus certos atributos, pode dizer Deus é Paz, Deus é amor, e tantas outras condições, mas o que significa paz, amor, etc.? Esses dados também são condicionamentos, pois, como já dissemos, o significado de bondade para uma pessoa pode ser exatamente o inverso para outra, sendo assim dizer que Deus é bondade tudo continua no mesmo, não deixa de continuar apenas uma imagem irreal.



DEUSES CREADOS

“AO ABSOLUTO NÃO
CABEM DEFINIÇÕES”

1997 - 3350



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.740



Nas palestras anteriores estudamos alguns aspectos da natureza do pensamento e mostramos que tudo aquilo que é compreendido através do pensamento está distante da realidade. Também dissemos que cada pessoa tem um deus pessoal, ou seja, uma imagem de Deus elaborada a partir da sua própria memória, desde que quaisquer atributos que não constem da memória, ou seja, tudo aquilo que existe na memória é, conseqüentemente, algo impensável. Se o deus pessoal é baseado na memória evidentemente ele é condicionado, condicionado pelos valores que a própria pessoa acumulou sob a forma de memória, quer seja espontânea, quer direcionadamente.

Agora vejamos um aspecto bem interessante da natureza dos deuses. O conteúdo da memória, via de regra, é algo amplamente condicionado e, assim sendo, por certo que existem lá inúmeras características atribuídas a algo etiquetado com o nome deus. A maioria das religiões através do fluir dos anos atribuíram características e valores a Deus, procurando defini-Lo, mas acabaram não O definindo e sim criando pelo pensamento grande diversidade de deuses que se tornaram próprios de cada uma delas e que se somaram àqueles deuses bem pessoais.

No transcorrer dos anos os seguidores das religiões registraram na memória um enorme cabedal de dados atribuídos aos seus deuses e a partir disto, mesmo que não intencionalmente, as religiões, induziram e direcionada, os registros de memória das pessoas. Naturalmente que ao ser invocada uma imagem de deus a pessoa encontra exatamente aquela que está contida como um registro na sua memória, sem ao menos perceber que aquela imagem não resulta sequer de uma vivência própria e sim de imagens e descrições lidas ou feitas por outras pessoas.

Podemos dizer que muitas religiões procuram definir o deus delas, chegam até mesmo a fazer deles desenhos, gráficos e um tanto de outras coisas representativas, a fim de defini-los, de caracterizá-los. Falam dos atributos, das qualidades e um tanto mais de condições que vão sendo registradas, e desta maneira abastecendo a memória dos adeptos com um grande volume de características mediante as quais estes pelo pensamento elaborarão uma imagem mental. Desde que tais características sejam acesadas através do pensamento naturalmente estará sendo constituído uma imagem de Deus Supremo, mas sim a de um deus grupal. Ainda mais, cada pessoa pode colocar nesse deus grupal algum atributo, alguma característica a mais ou a menos, e assim elaborando uma forma pessoal de um deus grupal. Desta forma são criados os deuses das diversas religiões, na realidade tratam-se simplesmente de egré-

goras representativos do deus de uma ou de outra religião. Assim podemos dizer que o deus, ou deuses das religiões são egrégoras, não imagens verdadeiras.

Desde que a pessoa pode adornar o deus de sua religião com um toque pessoal, naturalmente que dentro de uma religião está sujeito a existir uma ou mais formas deuses coletivos, as com inúmeras faces, ou seja, um deus que varia um pouco de uma para outra pessoa.

Na realidade não é a pessoa que cria livremente as imagens do deus coletivo, assim a própria religião. Desta forma, a imagem evocada pelos adeptos serão bem semelhantes, constituindo-se, então, o deus de uma determinada religião com características próprias. Naturalmente tais imagens estão tão distantes da realidade quanto aquela que uma pessoa cria independente.

Em resumo queremos dizer que na mente das pessoas existem deuses criados pelo pensamento baseados nos valores colocados na memória pelas religiões, e que podem ser considerados como induções, condicionamentos. Também que existem aquele ou aqueles deuses que a própria pessoa está sujeito a elaborar mediante valores simplesmente pessoais.

Os iniciadores de novas religiões, muitas vezes, criam o deus pessoal e depois “vende” a imagem para outros, acabando assim com o estabelecimento de uma comunidade, seita ou algo equivalente que depois terão seus próprios adeptos.

Na realidade uma doutrina que procura definir e dar forma e aspectos a Deus ela está muito aquém de uma outra que age de forma diferente, que simplesmente não definem deus ou que até mesmo diga ser isto impossível. Este quadro vemos presente em várias religiões atuais e também em outras que datam de um passado bem distante. Alguns livros, ditos sagrados, afirmam que nem ao menos o nome de Deus deve ser pronunciado. Existem doutrinas que condenam quaisquer formas de representação de Deus, pois isto seria algo como maculá-lo ou, no mínimo, limitá-lo, em suma representar um falso deus. No passado e no presente muitas religiões condenam o uso e confecção de imagens e de outras formas representativas de Deus.

Já dissemos num tema bem anterior que uma imagem tem certo valor para uma pessoa de mente concretista, objetivista. Existem pessoas que necessitam de formas concretas para poderem entender algo sobre o abstrato. Há mentes que precisam de alguma forma para se fixar; diferentemente existem as que podem assimilar idéias subjetivas sem necessidade de concretizações, de representações materiais ou mesmo simbólicas. Uma mente de natureza abstrata prescinde de estruturas para examinar ou meditar o que não acontece com a concretista. Disto decorre que muitos precisam de formas representativas, mas isto é fruto de uma limitação mental, talvez do próprio grau de desenvolvimento espiritual da pessoa. Mas, nem por isto podemos dizer ser um ato condenável concretizar o que é abstrato, mesmo em se tratando de Deus. Também dissemos que uma imagem age como um condensador de energia. Todas as coisas têm a capacidade de gravar eventos, tudo fica gravado em tudo, e sendo assim também uma imagem pode tornar-se impregnada de gravações de bons sentimentos, de paz, de amor e de outros valores positivos.

Certamente um objeto que esteve por bastante tempo em contato com uma pessoa boa, quase pura, estará impregnada de valores altamente positivos e isto pode servir de benefício àqueles que nele toquem ou mesmo se aproximem, pois, conforme o grau de receptividade podem manter-se em sintonia com os dados positivos gravados, com os registros dos bons sentimentos, e essas vibrações podem atingir favoravelmente uma pessoa suficientemente receptiva que entre em contacto com elas.

Por outro lado, podemos dizer que mesmo diante desse lado positivo de uma imagem, valor é relativo e até esteja sujeito a dificultar a caminhada espiritual da pessoa. Parece paradoxal que a assimilação de uma mensagem boa dificulte a caminhada de alguém, mas isto acontece quando a pessoa fica

com o pensamento preso naquela imagem, quando se contenta com os limites nela contidos, e assim deixa de adquirir novas experiências, deixa de adquirir novos valores, passo a passo ampliando sua memória. Assim aquela imagem representativa de Deus continua limitada se a pessoa não complementa-la passo a passo até chegar à Unificação e ter a verdadeira imagem.

Dissemos na palestra anterior que a imagem do deus de uma pessoa primitiva é muito limitada, mas que na medida em que essa pessoa vem chegando mais perto da purificação à imagem vem cada vez mais se aproximando da realidade. Isto é um processo um processo dinâmico, progressivo, e sendo assim se a pessoa não pode parar, pois parando ela limita a imagem, não a completa como é o desejável.

Creio que já podemos o que nos diz J. Krishnamurti: “... *para descobrir Deus, todas as crenças devem ser abolidas. A mente que poderia descobrir o que é a verdade, não pode acreditar na verdade, não pode formular teoria ou hipóteses a respeito de Deus.*” J. Krishnamurti.

Evidentemente não se pode acreditar na verdade, pois a verdade é relativa, ela é própria de cada pessoa, como vimos em outra palestra. Nem mesmo a verdade pessoal, a verdade de cada um, pode ser considerada uma verdade real; no máximo ela serve para aquietar a mente, algo construído para atender a uma necessidade pessoal temporária, e nada mais que isto.

Pelo que dissemos entenda-se que nenhum Deus definido por qualquer religião reflete a verdadeira natureza e imagem do Absoluto, contudo pode servir bem para aquietar a mente dos seguidores.

Os Grandes Mestre jamais definiram Deus, jamais lhe atribuíram quaisquer características, mesmo assim vemos que a quase totalidade da religiões acreditam poder definí-Lo de varias maneiras.

Nos textos antigos, entre eles aqueles oriundos da cabala a única definição existente é “SOU QUEM SOU”...

Os autênticos mestres evitam induzir dados que levem a pessoa à elaboração de deuses pessoais, pois eles sabem que ao ser humano é dado o direito de sentir Deus, de penetrar nos seus mistérios, mas não é dado estabelecer uma imagem quer esta seja concreta ou abstrata, pois isto possibilita a pessoa ficar com o pensamento preso naquela imagem e deixar de passo a passo completá-la.

Pode-se direcionar a busca do verdadeiro deus a partir do pensamento, contudo só se chega a Ele pela consciência. Somente quanto o pensamento identifica-se plenamente com a consciência, conforme vimos na palestra anterior, é que a verdadeira face de Deus pode se fazer sentir, mas, convenhamos, tal só acontece ao nível da volta à origem. Isto significa o “reconhecer Deus, ou seja, voltar ao nível de consciência clara. Um dia conhecemos a verdadeira imagem de Deus, mas ocorreu a fragmentação e o envolvimento, tornando o espírito temporariamente incapaz de percebê-la, somente sendo capaz de criar imagens muito distantes da verdadeira.

Como dissemos antes, pelo pensamento as religiões constroem deuses e em consequência disto é óbvio que exista um tão elevado número deles específicos para cada uma delas. Mas, note-se que aquela imagem¹¹ que uma determinada religião atribui trata-se de um deus fragmentário, divisionário e como tal sujeito a separar e não a unir. Deus com características diferentes, com atributos diferentes, leva a resultado de divergências e desentendimentos. Cada religião, apregoando ser o seu deus o verdadeiro sem sequer notar que se trata de uma imagem elaborada segundo condicionamentos impostos pelos próprios fundadores e mentores de tal religião.

¹¹ Não estamos falando apenas de imagem esculpida, desenha, mas também imagens psicológica, abstrata com qualidades.

Um verdadeiro mestre quando lhe indagam sobre Deus, quando pedem que O defina ele emprega apenas termos genéricos como Absoluto, Poder Superior - Força Superior, O Inefável e assim por diante, mas jamais tenta construir qualquer imagem mental, pois como uma pessoa de grau de compreensão elevada ele sabe que não se pode definir Deus sem limitá-Lo, que não vale dar como definitivo uma forma baseada em dados fragmentários e incompletos. Uma mente fragmentaria somente pode definir e criar imagem também fragmentária.



IMAGENS DE DEUS

“NÃO É A RAZÃO QUE SENTE A DEUS;
É O CORAÇÃO”.
BLAISE PASCAL.

1997 - 3350


JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C.


TEMA 0.741



A maneira que mais se aproxima de uma definição ideal de Deus é a negação, em outras palavras, defini-lo pelo que Ele não é, pois inexistente qualquer qualidade concebível pela mente humana que possa servir de característica do Absoluto. Este não é coisa alguma que se possa conceber embora seja a totalidade das coisas existentes. Deus não é pequeno e nem grande, nem bonito e nem feio, nem bom e nem ruim e assim por diante, sempre a negação é a única maneira que se pode responder qualquer pergunta a respeito Dele. Isto vem mostrando que Ele está acima de tudo o que a mente pode conceber, portanto quaisquer atributos atribuíveis fazem parte da memória pessoal, e Ele transcende a tudo aquilo que pode ser pensado, até mesmo bem acima de tudo aquilo que o ser humano tem como bom e certo. Descrevê-Lo ou mesmo imaginá-Lo sob qualquer aspecto é o mesmo que limitá-Lo e assim sendo jamais por essa via se pode chegar à concepção do ilimitado. Atributos são limitações, assim sendo, definir pela afirmativa é simplesmente um modo de construir uma imagem irreal e limitada, atributos são coisas e como tais delimitações psíquicas ou espaciais.

Nenhum dado daquilo que a mente temporal humana concebe pode ser atribuído ao Absoluto, apenas pode-se sentir a Sua manifestação na criação como atributos manifestos; por exemplo, como infinito, como tempo, como Lei e assim por diante. Veja-se que tais coisas referidas não são evidentemente imagens.

Como definir em natureza o Tempo? Como definir em si o Infinito, como definir a natureza intrínseca de uma Lei, e assim por diante? - Não tem como fazê-lo. Não aceitem isto pelo ouvir, examinem bem e tente definir qualquer dos atributos de Deus¹². Quanto se tenta definir as características do Poder Superior na criação, apenas se atinge o nível de sentir sua presença e atuação, mas não da coisa em si, no máximo chega-se a definir apenas se atinge ao sentir a presença, chega-se a definir apenas as Suas manifestações, mas jamais a natureza essencial.

Para descobrir a verdade a mente precisa estar livre. A verdade está retratada na consciência e como dissemos esta só se manifesta, no nível da fragmentação, por “insights”, por breves intervalos de intuição. Mesmo assim se a intuição trouxesse da consciência a verdadeira imagem de Deus, isto não encontraria qualquer eco, pois mesmo aquilo que é trazido pela a intuição, quando muito, aflora como um sentir indefinível. A mente não pode estruturar diretamente algo se não existir algum modelo equivalente registrado na memória. Esta é a razão dos “incantu” - encantos da Natureza Divina, dos estados

¹² Estamos usando o termo /deus de uma forma genérica, como sinônimo de Absoluto.

inefáveis, em que a pessoa sente, mas não pode de forma alguma definir exatamente o que sente porque na memória não tem registros de algo parecido que possa servir de analogia. A mente funciona analogicamente, consequentemente só passível de entender mediante comparações com algo que já exista registrado na memória. Somente assim as coisas podem ser entendidas, mediante alguma experiência anterior ou aquilo que está presente na natureza. Somente o que já existe de alguma forma na natureza é que pode ser definido e entendido, pois o que transcende à natureza transcende também à memória e como tal apresenta-se como algo impensável, e o impensável não pode ser reproduzido em quaisquer dos seus aspectos seja ele qual for.

Assim o verdadeiro aspecto de Deus é absolutamente irreconstituível. As grandes desavenças existentes através do tempo entre as religiões, doutrinas e especialmente seitas, em sua quase totalidade resultaram da criação dos deuses grupais, dos deuses pensados e imaginados conforme os fundadores, sacerdotes e equivalentes. Imagens insinuadas, ou mesmo dogmaticamente impostas como sendo verdadeiras, embora ainda tremendamente distantes da realidade.

Assim são os deuses, imagens físicas ou mentais, criadas pelos pensamentos de um de alguns. Cada imagem segundo os conceitos pessoais, os valores contidos na memória do fundador e dos seguidores, muitas vezes em de conformidade com regras, com normas e preceitos ligados ao lado social, nacionais, morais, emocionais, etc. Assim nasceram tantos e tantos deuses tribais, nacionais, inúmeros panteões de deuses e mais deuses. No passado remoto cada tribo, cada povo, cada família, tinha seus próprios deuses, e ainda mais, cada indivíduo também. Tais deuses foram causa de uma infinidade de dissensões, de lutas e massacres. Quantas dores, amarguras e sofrimentos resultaram dessa fragmentação da imagem de Deus!?!...

Um ponto muito significativo a ser considerado diz respeito ao que diversos mestres recomendam, que é o se preservar a memória dos discípulos. Isto quer dizer que o mestre deve ter cuidado com aquilo que diz. Ele sempre deve procurar se o momento é correto para evitar alimentar a memória da pessoa com informações e conceitos esparsos que não tenha equivalência na memória dela. Assim a pessoa que não estiver devidamente preparada está sujeita a elaborar como verdade coisas que não é verdadeiro, criar falsas imagens e conceitos conflitivos. Deve-se, portanto, ter cuidado sempre o cuidado de não deixar partes, fragmentos que possam poluir a memória, mesmo que tais fragmentos sejam de alto valor. Algo tem que ser exposto como um todo coerente, jamais como parte solta, pois se estas passarem a existir na memória pessoal de forma muito fragmentar posteriormente elas podem ser usadas na estruturação de algo que necessariamente pode não ser correto.

As maiores incompreensões dentro de uma religião, muitos cismas e divisões resultaram de muitos dirigentes ignorantes quanto aos mecanismos e propriedades do pensamento. Muitas vezes uma divisão numa religião, uma dissidência, são resultantes de pensamentos mal elaborados por parte de algum discípulo que não estava ainda devidamente preparado para receber determinadas informações e pelo que registrou na memória a coisa de forma bem fragmentar. O dirigente fala de determinados conhecimentos de forma imprópria, e assim o registro na memória do discípulo se faz de modo incompleto, ou até mesmo deformada. Por não ter condição de registrar aquilo que lhe é dito dentro de um contexto mais amplo, ele faz registra apenas de forma fragmentária, assim ele acaba por elaborar algum sistema que acredita ser certo, mas que não o é, e quantas vezes totalmente divergentes dos da própria pessoa que lhe transmitiu os dados informativos, resultando assim uma divisão da organização.

O que acabamos de expôr corresponde àquilo que pode ser entendido pela expressão “arranhar a memória”, “estuprar a memória” de uma pessoa.

Pelo que foi dito, pode-se ver mais uma das razões pela qual muitas doutrinas são ensinadas mediante um rígido sistema de graus. Já falamos no passado, quanto estudamos as Escolas de Mistérios, que existe uma razão fundamental para certos ensinamentos só serem transmitidos segundo um sistema de graus, ligadas à história do Antigo Egito e da Atlântida, mas na realidade a razão básica tem origem na memória das pessoas. Se esta não estiver receptiva e apta, certos ensinamentos podem desviar para outro lado. Se analisarmos bem, isto foi o que aconteceu na própria Atlântida, certos conhecimentos estavam além da compreensão de muitas pessoas que os haviam recebido, mas cuja memória não pode registrar devidamente. Sendo assim surgiram os pensamentos que geraram aquela situação calamitosa que já descrevemos em temas bem anteriores.

Idêntico panorama se delineia atualmente mesmo no campo das ciências, as pessoas aprendem livremente em livros, colégios, institutos e universidades, os dados aprendidos passam a fazer parte na memória pessoal, mas de forma perigosamente fragmentária, sem que a pessoa tenha uma visão ampla e acabe usando todos aqueles fragmentos que podem ser verdadeiros, de maneira inadequada.

Constitui-se algo perigoso à fragmentação, mesmo que reflitam conhecimentos certos ela pode originar combinações inadequadas e disto resultar algo indesejável. Isto, via de regra, é o que acontece quando algum conhecimento é usado de forma ou em momentos inoportunos quando a pessoa ainda não tem um mínimo da necessária conscientização que permita uma percepção global, ou seja, quando ela ainda não tem certo nível indispensável de clareza. Assim o pensamento está sujeito a fazer uso de “pedaços de verdade”, de fragmentos daquilo que teve conhecimento de forma fracionada e construir algo negativo.

Podemos usar como analogia, para ilustrar o que estamos querendo dizer, a lenda de Frankstein. O Dr. Frankstein usou partes verdadeiras de corpos para construir um ser humano, e assim ele montou um corpo com órgãos sadios de varias pessoas. As partes usadas embora sendo órgãos, ainda assim não possibilitou um ser válido, isto porque aquele corpo foi estruturado a partir de fragmentações e o Dr. Frankstein não tendo a visão total do ser humano deixou faltar um tanto de fragmentos indispensáveis. Assim aquele corpo foi estruturado de forma fragmentária. Mesmo que houvessem sido utilizadas partes sadias ainda assim não foi uma estruturação global, disto resultando não um ser harmônico, mas sim um autêntico monstro. As partes, os órgãos, embora perfeitos ainda assim o todo carecia de muitos dados que o Dr. Frankstein não possuía em sua memória e por isto ele não pode pensar nos detalhes de sua obra. A lenda de Frankstein ilustra bem e por isto pode ser aplicado a qualquer tipo de conhecimento; as partes podem ser verdadeiras, assim podem estar registradas na memória, mas isto indica que nem sempre a partir delas se pode levar a cabo algo que não esteja sujeito a se constituir uma estruturação nefasta.



DEUSES FRAGMENTÁRIOS

“TUDO É DEUS, TUDO É DEUS!
O MAIS SÃO NOMES”
JUNQUEIRA FREIRE.

1997 - 3350



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO F.R.C



TEMA 0.742



Podemos dizer que o panteão constituído pelos deuses de todos os povos e de todas as épocas deve ser considerado como uma elaboração do pensamento, conseqüentemente nenhum deles representa a realidade. São simulacros e conseqüentemente nenhum pode ser considerado o verdadeiro Deus. Somente o Deus sem forma e sem características atribuíveis, ou mesmo compreensíveis, é que pode ser tido como Único. Neste sentido os Mulçumanos têm razão quando afirmam “Só Alá é Deus”, ao mesmo tempo não dando forma e nem qualidades que o defina.

Todas as tribos, todos os grupos étnicos, quer as do passado quanto à do presente tiveram e têm os seus próprios deuses. Através do tempo miríades de deuses surgiram e desapareceram. Uns tiveram existência deveras efêmera, outras existência mais longa, mas tal como os seres em geral tais deuses “surgiram”, existiram e depois desapareceram. Nascer, viver e morrer, não é apenas uma peculiaridade dos “seres vivos”, mas também de todas as coisas que existem dentro da criação, incluindo-se também todos os deuses.

Muitos deuses desapareceram juntamente com a sociedade que os cultivava. Ingenuamente muitas sociedades alegavam que os deuses desapareciam por serem falsos. Os povos que compunha uma determinada civilização que sucedia a uma outra cujo deus havia desaparecido usavam como argumento que tal acontecia por tratar-se de falsos deuses. Na verdade eles desapareceram não por serem falsos, mas sim por haverem deixado de existir as pessoas que neles pensavam e acreditavam.

Tão logo uma civilização desaparece concomitantemente desaparecem seus deuses, desde que qualquer um deles é fruto do pensamento e desde que não haja mais alguém para pensar neles, naturalmente são esquecidos. Como nunca existiram realmente, por certo, o que restou deles é apenas o nome ou as ruínas de templos a eles dedicados. Os deuses citados pelas religiões simplesmente deixam de existir, restando apenas registros históricos e akásico, portanto não mais que reminiscências.

Somente o Deus ao qual não são atribuídas formas ou atributos é que permanece por estar fora das limitações do mundo da fragmentação.

Muitos povos seus muitos livros considerados sagrados estão repletos de citação do nome de deuses. Os deuses contam-se às centenas em algumas doutrinas, especialmente entre o Bramanismo e outras doutrinas orientais.

O panteão de muitas civilizações antigas era povoado por grande número de deuses e cada povo, ou mesmo facções de um mesmo povo, querendo que determinado deus fosse o verdadeiro e não o dos demais, criava deuses e mais deuses, cada um para representar anseios pessoais. Algumas vezes acontecia que dentro de uma mesma civilização havia grupos com deuses de características às mais diversas, e com uma negação quanto à autenticidade dos de outras facções.

Este panorama está nitidamente retratado na Bíblia quando fala do deus de Israel e dos deuses de inúmeros povos que através de milênios viveram simultaneamente. Isto é um panorama que podemos ver citado amiúde na Bíblia. Para os Hebreus havia Jeová considerado por eles e por muitos outros povos que ainda pensam igualmente na época atual. Aquele para os Hebreus e seus seguidores era o verdadeiro Deus, enquanto que o deus de inúmeros povos que através dos milênios conviveram com os hebreus, eram por estes considerados falsos deuses.

Agora vejamos o seguinte: Jeová era um deus altamente modelado, construído pelo pensamento de um povo sofrido, escravizado muitas vezes, vivendo em muitos períodos na agresta de terras desertas e inóspitas, sendo constantemente assaltados, vilipendiados, e humilhados. Na realidade um povo assinalado por inúmeras qualidades, talvez por isto, haja sido um dos povos mais rudemente atingidos entre muitos outros povos. Tudo isto serviu de dados acumulados na memória. Dor, sofrimento, desejo de justiça e tantas outras coisas ocupavam grande parte da memória racial do povo judeu. Assim sendo a memória daquele povo continha um elevado número de qualidades que eles entendiam que deveria existir num deus de justiça. Criaram assim uma imagem de como deveria ser um deus que atendesse às suas necessidades, um deus que os protegesse dos inimigos e para isto naturalmente ele deveria ser evidentemente protecionista. Assim sendo resultou a constituição de um deus que refletia mais as qualidades negativas da existência do que as positivas, um deus punitivo, vingativo e sanguinário. Não poderia ser diferente, pois o que existia na memória do povo era esse tipo de imagem. Isto até hoje se faz sentir, o registro na mente do povo israelita é muito forte, fazendo com que há muito eles venham se tornando algozes sob o beneplácito de um modelo de Deus que atende ao conteúdo de condições vividas há milênios.

Um povo que clamava por justiça, que em muitos momentos de sua existência tudo lhe fora negado construía uma imagem que não poderia deferir daquela atribuída a Jeová. Desta forma aquele povo não poderia construir uma imagem diferente daquela atribuída a um deus cruel e sanguinário.

O que vale salientar é que aquele deus foi constituído a partir de resíduos de memória de experiências sofridas e vividas de grandes sofrimentos e que refletiam qualidades atribuíveis ao lado satânico do ser. Em outras palavras, o lado satânico das pessoas criava terríveis formas de conduta, crimes, escravidão, injustiças e coisas assim. Por sua vez tudo isso alimentava a memória, memória esta que era trazida pelo pensamento para a elaboração de um egrégora. Tudo isso condicionava um modelo de agir, completando-se um ciclo e assim iniciando-se o seguinte, condicionando um mais amplo modo de agir, pois este é o ciclo de movimentação do pensamento.

Para muitos, um dos mais enigmáticos comportamentos do Mestre Salomão foi ele haver rompido com o acordo feito entre Abraão e Jeová, ao permitir que outros povos cultuassem seus próprios deuses. Isto acontece exatamente porque Salomão, *sendo Quem é*, se deu conta de que o deus de Israel não era diferente dos demais deuses cultuados pelos diversos povos.

Os israelitas até hoje ainda não perdoaram Salomão por haver agido assim, haver rompido o acordo existente até então com Jeová e que dava ao povo Judeu status de povo eleito, mesmo que tal status na realidade nada mais fosse uma imagem mental de um povo, uma imagem constituída em sua maior parte por características negativas.

Os descendentes de Abraão ao se dividirem constituindo diferentes tribos foram introduzindo características próprias na imagem do próprio Jeová e assim mais tarde este já trazia tantas qualidades específicas que praticamente o diferenciava daquela inicial e por certo isto muito contribuiu para a separação das tribos restando íntegra somente de Judá que deu origem a raça judaica atual.

Coisa bem parecida aconteceu até nas civilizações grega e romana. O panteão desses povos estava repleto de deuses que refletiam determinadas características do povo. Vejam-se como os deuses da mitologia grega eram parecidos com as pessoas humanas. Cada deus refletia uma ou mais das qualidades próprias do homem¹³.

Antes de finalizar queremos salientar que tudo aquilo que o pensamento constrói passa a ter um tanto de realidade. Em palestras bem anteriores falamos dos egrégoras e das “Formas de Pensamento”. A possibilidade da existência de egrégora e de formas astrais criados pelo pensamento faz com que um deus, mesmo que este seja uma idealização, uma construção do pensamento, ainda assim tais construções mentais têm certa forma de existência. Elas podem funcionar como egrégora e como tal podem ser evocados e assim a pessoa está sujeita a receber as mais diversas formas de influências. Desta maneira deuses criados, sejam os sanguinários ou os mais dóceis e amorosos, têm certo nível de autenticidade. Na realidade embora sejam eles deuses criados eles de certa forma existem além da mente das pessoas.

Tudo aquilo que se pensa se cria, em menor ou em maior grau, mesmo que não se crie ao nível da matéria densa ainda assim o faz ao nível da matéria astral. Quando se cria um deus cria-se uma imagem que é registrada na memória e como tal pode a qualquer momento ser evocada pelo pensamento e assim exercer uma ação. Vivência, memória, pensamento, ação...

Na verdade o que existe sobre Deus, quando muito, pode ser considerado fragmento inteligível do Deus Inefável.



¹³ Na realidade em algumas culturas surgiram “aproveitadores”, pessoas e seres que assumiam o lugar de deuses criados pelo pensamento das pessoas. Isto aconteceu no panteão da antiga Grécia, conforme já descrevemos em uma palestra bem anterior.

A IMPERSONALIDADE DO ABSOLUTO

“ O MUNDO CRIADO NÃO PASSA DE UM
SIMPLES PARÊNTESES NA ETERNIDADE”
THOM BROWNE



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F. R. C .



1998 - 3351

TEMA 0.796



Muitos estudiosos de grande número de religiões têm indagado do por que Buda em nenhum momento se referiu à existência de qualquer Deus. O Budismo fala do aprimoramento espiritual no sentido de ser atingido um estado que citam pelo nome de *nirvana*., Em palestra anterior já falamos que o *nirvana* não diz respeito a um “nada absoluto” como alguns supões, nem também um lugar, mas apenas de um estado espiritual. O Budismo não fala da existência de uma individualidade que presida nem a criação e nem também o nirvana.¹⁴

Geralmente todas as doutrinas citam e cultuam uma Entidade Suprema à qual reservam nomes especiais tais como: Deus, Brahman, Tupã e assim por diante, mas isto não acontece com relação ao Budismo e também com certos ensinamentos de alguns Mestres que preferem usar termos tais como Força Superior, Poder Superior, Consciência Cósmica e equivalente.

Note-se que existe uma diferença marcante entre esses dois grupos de denominações. No primeiro deles supõe-se a existência de uma individualidade, de uma forma de personalidade, enquanto no segundo grupo há indicação apenas de uma força, de um poder, ou algo equivalente.

Esse enfoque só pode ser bem compreendido se nos direcionarmos à compreensão de que o mais algo nível de Poder diz pode ser parcialmente compreendido atribuindo-Lhe as qualidades de Uma Lei.¹⁵

Se analisarmos o que realmente se deseja definir por Deus veremos facilmente que tudo aquilo que caracteriza uma personalidade, uma individualidade, um ego ou um Eu existe por Lei, portanto por algo que O transcende, e sendo assim a Lei estaria em um nível superior, por isto é preferível considerá-lo como a Lei. Qualquer análise que se possa fazer em nível do que quer que seja inexoravelmente chega-se sempre à uma Lei Única, eterna e infinita. Como Lei Suprema indefinível o nome que cabe melhor é Inefável, como já vimos em uma palestra anterior.

¹⁴ Vide temas 020 - 429 - 677 - 679

¹⁵ Vide tema 720

Pelo que acabamos de dizer uma lei embora crie o ego, o Eu, a individualidade, contudo ela não pode ser definida como um ser que traga em si aquelas condições que caracterizam uma personalidade. Até mesmo fala em personalidade já implica numa limitação. Uma individualidade, mesmo que dotada de poderes supremos, ainda assim o poder se agir estaria acima dela. A Personalidade Suprema a fim de agir necessitaria de poder, ela agiria através de algo maior que ele mesmo, pela ação de alguma Lei. Sendo assim ao Inefável não cabe de forma alguma o atributo de uma entidade personalizada que atenda aquelas denominações dadas pelas religiões, tais como Brahman, Deus ou inúmeros outros equivalentes.

A Lei Suprema nunca foi gerada e dela todas as coisas originaram-se. Nesta palestra o que queremos enfatizar é uma repetição do que já dissemos antes; não se pode atribuir ao Inefável quaisquer nomes, nem também atribuir-Lhe individualidade ou personalidade alguma. Sendo assim pode-se dizer que, como ser individual, Deus não existe. O que existem são níveis, alguns deles enquadrando-se no conceito de Deus Individualizado enquanto os mais elevados apenas podem ser considerados como Poderes, Mas, se sentirmos a necessidade de dar nomes até mesmo ao abstrato, então se pode criar um nome qualquer desde que ele seja empregado no sentido de representar a Lei gênese de todas as leis. O limite de nossa compreensão no máximo chega ao nível do sentido íntimo daquilo que é uma lei, então o nome deve indicar a Lei Infinita e gênese de todas as demais que regem toda a existência.

Quando se atribui ao Inefável algum nome isto já implica numa forma de limitação, e muitíssimo mais ainda em se tratando de quaisquer que sejam quando se tenta atribuir-Lhe alguma forma de individualidade. Esta é a razão pela qual Buda em momento algum citou Deus, Brahma ou alguma outra individualidade como sendo Deus, mesmo que de natureza cósmica. Ele apenas referiu-se a um estado indefinível denominado *Nirvana*, que não é o nada absoluto, mas que a rigor não pode ser considerado uma personalidade.

Agora vamos considerar algo bem significativo e que no Ocidente praticamente não conhecemos quaisquer doutrinas que tenham analisado Deus por esse ângulo. Nas palestras mais recentes chegamos à conclusão de que o que genericamente chamamos de Deus é o Inefável manifestando-se em sete níveis desde que a existência é UNA. Disto decorre que quaisquer formas de existência, mesmo aquelas atribuídas a Deus são apenas nomes. Qualquer que seja o aspecto de Deus, na realidade trata-se de algo que não corresponde à realidade.

As religiões através das eras têm atribuir ao Inefável características das mais diversas naturezas, chegando algumas até mesmo a atribuir-Lhe características antropomorfias e inúmeras qualidades, sentimentos e outras características essencialmente humanas. Em parte isto decorre da dificuldade que grande parte das pessoas têm em sentir o abstrato, conseqüentemente necessitando de concretizações¹⁶ de objetivizações. Além das limitações dos próprios dirigentes de muitas religiões existem tantas concretizações de Deus. Também algumas religiões, mesmo que não Lhe atribuam formas ainda assim revestem-No de características, de sentimentos, e um tanto de outras qualidades também essencialmente humanas. Outras apresentam concepções mais elevadas mas nem por isto próximas da verdade. Estas são as que o menciona como uma forma de Consciência Cósmica.

Agora queremos dizer: no Inefável estão contidos todos os valores que definem uma personalidade mas Ele como tal não pode ser definido, não há como se possa considerar uma personalidade. Por ser a Unicidade Infinita todas as qualidades características de uma personalidade., é evidentes que estão contidas Nele, e entre estas a natureza bipolar.

¹⁶ Vide temas: 085 - 086 - 087 - 521

Vale salientar que as qualidades que definem uma personalidade não estão agrupadas no Inefável de forma que Ele possa ser considerado um Ser. Em outras palavras, Ele é Um Todo sem fim, conteúdo e continente de tudo quanto possa existir, mas Nele não estão agrupados e nem manifestados valores que permitam confiná-Lo aos estreitos limites de uma personalidade. Os valores da personalidade têm os seus opostos e assim sendo a personalidade é anulada por uma anti-personalidade. Por exemplo o bem, o amor, a paz, o sentir, o querer e assim por diante são valores caracterizadores de uma personalidade. Evidentemente tudo isto e muito mais está contido no Inefável mas de forma não polarizada, ou seja, as polaridades opostas estão anuladas.

Representemos por uma linha em que num dos extremos situa-se uma determinada qualidade e num outro o inverso dela. Mas, se analisarmos um pouco, pode-se perceber que na condição inespacial e atemporal essa linha deixa de existir pois as qualidades opostas fundem-se e consequentemente deixam de existir em manifestação. Assim todos os valores capazes de caracterizar um ser vivente estão presente no Inefável mas de forma anulada e sendo assim só existe como potencial, donde não se poder considerá-Lo propriamente como um ser.

Eis porque Buda e outros Grandes Mestres jamais se referiram a um Deus qualquer, embora nenhum desses Mestres haja negado a existência de um Poder Infinito. Deus como um Poder Infinito, como uma existência Inefável, existe, mas não existe como uma personalidade seja ela qual for.

Isto acontece porque o Inefável engloba os pares de opostos. Como tudo é Uno se o Inefável fosse uma personalidade, um ente seja qual fosse a forma e características a Ele atribuídas, seria uma entidade constituída de todos os pares de opostos, e sabemos que os opostos sempre se anulam, portanto Nele tudo estaria anulado. (Na realidade não cabe dizer estaria anulado desde que verdadeiramente está anulado).

* Esta palestra, em parte, é uma decorrência de um diálogo entre o autor e o I.º. Glauco Pinto Barbalho.



A TULMUTUADA DINÂMICA CÓSMICA

“Ó HOMEM QUE TANTO CONFIAS NO
MUNDO, JÁ REFLETISTE NOS ENGANOS
QUE NELE EXISTEM?
SÃO BERNARDINO DE SIENA



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO – F.R.C.



1998-3351

TEMA 0.803



Quando fita-se o firmamento numa noite calma percebe-se o gracioso piscar das estrelas, além disso, aparentemente coisa alguma muda, o cenário é quase o mesmo noite após noite, existe nele paz e quietude. Algumas “estrelas” só de forma quase imperceptível é que mudam de posição, algumas se for observada noites seguidas. Somente algumas vezes é possível perceber-se algum risco luminoso no céu marcando a trajetória de algum meteorito. Mas, toda essa calma é só uma aparência, pois em verdade as transformações são de magnitude inconcebível, são vórtices tremendos de radiações, estrelas que ejetam matéria em volume colossal para o espaço; vezes estrelas que explodem como supernovas, nuvens incomensuravelmente grandes de gases bruxuleando em turbilhões indescritíveis. Estrelas que nascem, estrelas que se conservam, e estrelas que “morrem”; buracos negros “devorando” sistemas solares inteiros...

Idêntico panorama é o que se observa no tocante à própria terra, quer seja a nível microscópico, quer seja a nível macroscópico, tudo é transformação, é nascer, viver e morrer, seres devorando seres... sangue, suor e lágrimas. São queixas e mais queixas... pelo que disse Joaquin Setanti: “*No mundo o número de queixosos é igual ao número de homens*”. Ou, como disse o irreverente Voltaire: “*O mundo é um enorme templo dedicado às discórdias...*”

Segundo a astrofísica tudo começou por uma explosão tremenda a partir de um ponto do qual toda a energia existente foi instantaneamente ejetada e cujos fragmentos afastam-se uns dos outros numa desordenada carreira, podendo ou não um dia parar e voltar ao ponto inicial, repetindo-se o processo de modo inverso Ou como diz o Bramanismo: O respirar de Brahmâ, ou o dia e a noite de Brahman. Esse respirar, contudo é tremendamente tumultuado em seu íntimo. Hora, são galáxias inteiras “atropelando-se” mutuamente, corpos celestes chocando-se entre si.

A ciência não descarta a possibilidade de que exista um número imenso de planetas habitados e que já haja ocorrido e ainda vai acontecer muitas vezes destruição total e instantânea de planetas inteiros, incinerados por estrelas supernova que explodem astronomicamente próximo.¹⁷

¹⁷ A estrela Alfa da constelação do Centauro, situada há 3.4 anos luz do sistema solar, se viesse a se transformar numa supernova, toda a vida na terra seria eliminada. (Não fiquem temerosos pois Alfa Centauri não é uma candidata a supernova, embora isto seja possível de acontecer em sistemas distantes...)

Na realidade nem mesmo na intimidade dos átomos existe quietude alguma, desde que ali também ocorrem modificações sucessivas; são núcleos que se desestabilizam e explodem, são átomos que emitem sub-partículas, que atingem outros átomos e os destroem, ou que emitem radiações incompatíveis com a vida biológica.

Nenhum ser biológico conhecido tem condições de sobreviver no espaço sideral, assim sendo podemos dizer que no universo são poucos os locais susceptíveis de darem guarida as formas de vida biológica, e ainda assim tendo que se defenderem de uma tremenda quantidade de fatores adversos. Desde a vida intra-uterina, desde o ovo até o nascimento, e desde o nascimento até a morte biológica os seres têm que estar tentando as mais diversas formas de sobrevivência precária.

Diante de tudo isto como podemos admitir que exista paz na criação? Onde, pois, está a quietude, a paz, o verdadeiro amor?

As sociedades humanas desde os primórdios de sua presença vivem se dilapidando, competindo sem uma razão de aparente. Mesmo que se admita uma razão para a instabilidade em torno do homem e outros seres dotados de espírito em desenvolvimento, de haver uma culpa implícita nele para que passem por tamanhas vicissitudes, mas por que isto também se repete desde seres biológicos mais rudimentares, desde o próprio átomo até as estrelas, as galáxias, ou mesmo o universo em sua totalidade? Pode-se até dizer que os homens merecem toda esse ambiente turbulento em que vive mas porque o panorama é sempre o mesmo?

Diante desse cenário de terror será justo afirmar-se que o universo é uma obra boa, segundo nossa forma de entendimento? Caso a resposta seja negativa, cabe uma segunda indagação. Qual, então, dos aspectos do Inefável foi invocado para a criação? Que Poder se fez sentir?

Por que tudo no universo é assim, eivado de destituições? - Exatamente porque na própria criação estão presentes e em ação as duas polaridades, aquela que se chamam de demoníaca e a aquela que chamam de Divina.

Segundo relata a cosmologia hebraica no início da criação houve uma desobediência dos Anjos, ou seja, de seres que segundo essa doutrina eram puros, e que somente depois de se revoltarem contra Deus é que se tornaram impuros e foram expulso do céu. Na realidade, como temos demonstrado, se esses anjos existiam na criação eles já não podiam ser puros. Admitindo-se que a pureza absoluta só pode existir no Absoluto, então se houve polarização esta só pode ter ocorrido para baixo. (Vide tema 802). Se houve polarização, então, por mais puros que os anjos fossem eles já haviam se distanciado do Inefável, já estavam imersos na dualidade do mal e do bem, tornando-se assim possível a desobediência e a revolta contra o Superior.

Também se chega à mesma conclusão tendo-se como base a cosmologia gnóstica do início do Cristianismo em que algumas escolas falam do Demiurgo e outras de Sophia, integrantes da Trindade Suprema e que desobedeceram gerando a criação do mundo material. Assim quer hajam sido os anjos de Deus que desobedeceram, quer o Demiurgo, quer Sophia, conclui-se que neles já estava implícito a capacidade da desobediência, ou seja, já fazia parte deles a capacidade de manifestar qualidades que, segundo a maneira de julgar dos homens, pode ser chamado de inferioridades, ou algo assim, mas que, ante a relatividade do mal e do bem, com certeza não se pode afirmar tratar-se de uma desobediência no sentido de algo mau ou bom. Acreditamos as duas condições podem ser aceitas com um ou outro sentido dependendo apenas do objetivo e da intencionalidade do ato.

Algumas doutrinas falam de um mundo criado bom e que houve uma desobediência, os anjos revoltaram-se contra Deus perdendo o paraíso, e que a partir daquele incidente surgiu o mal. Neste caso a desobediência situa-se dentro da criação, mas já estava inerente nos seres que desobedeceram.

Eles apenas optaram por um dos lados de sua própria natureza. Por outro lado, podemos perceber que a própria criação não é uma coisa que possamos definir como boa, segundo os valores humanos, em decorrência da presença do mal em todos os momentos e lugares. Sendo assim a criação foi um mal e neste caso a causa situa-se fora dele, portanto na própria Transcendência.

De onde partiu o mal, de dentro ou de fora da criação? É possível ter sido de fora desde que, conforme já mostramos, em todo o universo só se vê o predomínio da força destrutiva. Mesmo na construção sempre se faz presente a destruição. Formam-se sistemas solares, constroem-se N coisas na natureza, mas em tudo sempre está presente a destruição. A semente tem que rebentar para nascer, a fêmea tem que sofrer para parir, todo nascimento em qualquer que seja o lugar envolve um tanto de sofrimento, de destruição. Isto nos leva a assertiva de que não somente a terra, mas todo o universo imanente é um lugar infernal.

Não é fácil as pessoas, mas por certo não é impossível, aceitarem o que temos afirmado nas derradeiras palestras, mas naturalmente a não aceitação prende-se aos tabus impostos pelos diversos sistemas sociais e religiosos em inúmeras encarnações. Não é fácil se romper com elos milenariamente incutidos. Mas, antes de negarem o que estamos dizendo primeiro busquem para si mesmos uma resposta para o seguinte dilema. Sendo o Absoluto, o Inefável, Deus em seu mais supremo aspecto a perfeição como pode algo existir perfeito que não seja Ele próprio. Qualquer coisa que ocorra se for perfeita trata-se da própria perfeição portanto é a própria pureza. Algo mais perfeito do que a perfeição absoluta é impossível portanto qualquer ocorrência nesse sentido tem que ser para baixo. Disto conclui-se que tudo o que tem origem no Deus Supremo - Inefável - sempre ocorre no sentido da imperfeição, pois não pode subir mais aquilo que já está no pico supremo.

Evidentemente que estamos mencionando não diz respeito a imperfeição dentro dos limitados conceitos humanos. Dentro do mais elevado conceito humano o Criador do Universo é puro e perfeito, mas em nível de Absoluto Supremo não o é. Oxalá já pudéssemos ao menos nos aproximar tais qualidades ao Grande Arquiteto do Universo...



A DIFÍCIL ARTE DO VIVER NA TERRA

“CAMINHA AO LADO DA MULTIDÃO,
MAS NÃO NO CENTRO DELA E MUITO
MENOS NA SUA FRENTE ”
PITÁGORAS



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO – F.R.C.



1998-3351

TEMA 0.804



Desde que não podemos modificar a criação em sua totalidade, mesmo assim devemos nos modificar afim de que nos libertemos desse redemoinho infernal que é a existência dentro da criação. Por isso os orientais, especialmente os Bramanistas e Budistas tanto fazem para alcançar o *Nirvana - Pralaya* individual - uma condição que transcende a todos os desvalores e valores constantes na compreensão humana.

A partir do momento em que o ser percebe a existência nele de uma dualidade, que nele há uma polaridade manifestando-se a cada momento, evidentemente que o processo de unificação torna-se bem mais fácil de ser conduzido, pois tende a deixar de agir pelo simples automatismo, ou por obediência a regras e determinações desde que compreende que esses elementos limitativos não servem de modelo existencial desde que não se sabe exatamente o que realmente não é, e o que é bom.

O que em um lugar, ou num momento, é tido como bom num outro pode não sê-lo, por isto não a pessoa não deve se apegar a regras de obediência estabelecidas por religiões, sociedades, governos, que visem à salvação. Até mesmo porque, conforme já falamos em temas anteriores, todas as doutrinas, religiões deuses, baseados na maneira de pensar de pessoas, ou seja, estruturadas em pensamentos, indubitavelmente são falsas. Não se deve procurar seguir normas de vivência preestabelecidas. Nesse sentido, o máximo que se pode fazer é obedecer ao próprio sentimento, seguir a orientação oriunda da própria intuição, por ser ela um canal de manifestação que transcende o mundo imanente, tornando-se, assim, um meio mais bem confiável do que quaisquer normas instituídas dentro do imanente.

Na caminhada em busca da Unificação chega o momento em que a pessoa defronta-se com a convicção da existência da dualidade presente em si mesma. Essa convicção por certo não decorre do simples pensar, ou do admitir ser assim. Não se trata simplesmente de se pensar, ou acreditar, ela vê em si uma dualidade ativa, de admitir, ou mesmo do aceitar ser isto verdade. Trata-se de algo bem mais convincente do que o próprio sentir. Nem mesmo a expressão “ver” presta-se para definir essa percepção de si, pois não se trata de ver com os olhos. Trata-se de algo cuja palavra mais adequada para defini-la é “ver” mas não com os olhos físicos. Trata-se de sentir-se com clareza que está no lugar daquele

que observa a si mesmo, de sentir-se como parte integrante de uma trindade formada pelo “eu” que vê, o “eu” satânico - ego - e o “Eu” Divino.

A pessoa ver em si a existência de uma trindade possibilita-a ter atitudes mais corretas nos diferentes momentos e situações. Vendo-se como tal ela com sabedoria pode ser capaz de fazer bom uso de um lado ou do outro conforme as condições presentes.

Os simplórios podem indagar, sobre o como admitir a atuação do seu lado negativo, pensar que é fundamental esmagá-lo, sufocá-lo. Na realidade não existe tal possibilidade e isso para ser admitido basta que se tenha em mente a própria vida biológica. Para que ela possa existir tem que haver destituições e mortes, entre tantas coisas a mais. O existir biologicamente requer destruições e mortes, e tudo isso é manifestação do lado tenebroso do ser em atividade. O viver é uma perene manifestação de sofrimentos para a pessoa e para os outros seres dos quais ela depende. A vida biológica requer destituições de outras formas de vida para poder continuar existindo. O viver biológico deixa atrás de si uma imensa esteira de sofrimentos, destituições e mortes. O simples se alimentar baseia-se em destituições; a peleja pela vida está repleta de atos destrutivos, e tudo isso faz daquilo que Jacob Boehme chamava de “o lado tenebroso de Deus” e que está implícita na natureza da própria Partícula Divina, pela Partícula de Vida que faz cada um existir. Não tem forma de existir biologicamente no universo sem que estejam presentes os dois lados, especialmente o negativo.

Costumamos dizer que o ser vivente é como uma pessoa jogada num grande lamaçal podre. Em tal situação, mesmo que a pessoa deseje sinceramente sair ainda assim tem que dar braçadas e mais braçadas no limo infecto, ter que fazer uso da própria lama a fim de poder sair. Não pode se dizer que dar braças no lodo imundo seja algo bom, mas não tem outro jeito. Mesmo que seja lançado uma corda na qual ele se agarre e saia, ainda assim tem que deslizar na lama. O importante é como administrar seus movimentos a fim de se libertar da situação, o do como fazer uso da própria lama para se salvar, não deixar que ela passe a fazer parte de si. O errado é permanecer na lama, até mesmo se adaptar e gostar daquilo. Isto é o que eu venho chamando de se ancorar no lado demoníaco da existência. A partir do momento em que a pessoa venha ter convicção de que está dentro de um terrível lamaçal mas que existe um lado oposto fora de tudo aquilo e que também está próximo dela, então é mais fácil com segurança ela fazer uso daquilo com que conta em torno de si visando sair o mais rapidamente possível daquele lugar.

Vemos não ser possível viver na terra, no mundo da imanência, de uma forma totalmente pura, isto é, tendo ativado somente o lado divino. Sobreviver implica numa série de medidas que não podem ser tidas como positivas, por isto afirmamos quem uns mais e outros menos, todos os seres apresentam atitudes de um lado e do outro pois isto faz parte a sua própria natureza íntima. O que é importante é o como administrar a duplicidade essencial no dia a dia. Podemos dizer que até agora ainda não houve e por certo jamais haverá aquele ser que venha a se constituir uma exceção à regra.

O mundo da imanência é por natureza dual e sendo assim nele somente podem existir ou mesmo se manifestar aquilo que preencher a condição de dualidade. Muitos seres podem ser tidos como puros, mas isto somente segundo valores humanos, mas num outro patamar. Todos num momento ou noutro tiveram que vivenciar situações inerentes à polaridade negativa. Manifestar-se fora do Inefável é assumir a dualidade por isso somente o Inefável pode ser considerado puro.

SOMENTE O INEFÁVEL É PURO E PERFEITO TUDO O MAIS CONTÉM IMPERFEIÇÕES

O ver a si mesmo faculta a pessoa saber a cada momento qual a mais correta maneira de agir, permite que ela afaste-se de determinados escrúpulos inadequados a um momento ou situação permitindo o agir sem as amarras impostas por preconceitos, repressões ou conveniências de muitas organizações. Possibilita a pessoa a agir conforme a necessidade e o momento, não importando se aquela atitude é ou não considerada boa pelos sistemas religiosos e morais pois tem diante de si a noção clara da relatividade do mal e do bem.

O que temos dito não significa que a pessoa deva agir de conformidade com os seus próprios instintos. Instinto é algo muito perigoso pois basicamente trata-se de uma exigência da matéria imperfeita. Falamos de agir livremente mas pela intuição que procede de um nível muitíssimo mais alto que o do instinto. Agir pelo instinto e mesmo pelo pensamento é algo um tanto perigoso, dá grande margem de erro se fazer tudo aquilo que se sente.

Na verdade o direito de agir é um direito assegurado por Deus - Livre Arbítrio - mas cujo administrar pode gerar carma. Na verdade poderíamos dizer assim: Faz o que manda o tua intuição, mas, mesmo assim continuará existindo um problema sério nesse agir, desde que a pessoa tende a confundir intuição, que é divina, com intenção que é carnal. Já vimos em outra palestra que mesmo a intuição quando se manifesta ela pode se apresentar permeada pelo pensamento. O pensamento é intruso que tende a penetrar adulterar aquilo a mensagem intuitiva.

Diante do exposto, o que se tem a fazer é procurar de uma forma ou de outra se melhorar, até que chegue o momento de “poder ver a si mesmo”. A partir daí é mais fácil haver o discernimento, saber o que é intuição e o que é intenção.

O “ver a si mesmo” não impõe uma linha de comportamento, continua presente o livre arbítrio. A pessoa se vê em sua dupla natureza, age com um lado ou com o outro segundo o seu querer.



O TEMOR A DEUS

“BEM-AVENTURADO O HOMEM QUE
ACHA SABEDORIA, E O HOMEM QUE
ADQUIRE CONHECIMENTO”.
PROVÉRBIO DE SALOMÃO



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1998-3351

TEMA 0.824



Temor a Deus é uma expressão presente na quase totalidade das religiões, mas, como veremos nessa palestra, trata-se de um conceito dualístico e não monístico.

Todas as doutrinas oriundas da religião hebraica mencionam o temor a Deus, do evitar a “fúria de Deus”, “castigo divino” e coisas assim, especialmente, na época atual, as religiões evangélicas é do que mais falam. Essas, embora afirmem a existência de Deus como um Ser de bondade, ainda assim dizem que se deve temê-lo. Mas, como entender que se deva temer a um Deus de infinita bondade? Um Deus de pleno amor e compreensão jamais puniria, e menos ainda teria ira, como muitas vezes esse atributo é mencionado na Bíblia com referência a Deus. Os Hebreus e Israelitas falavam da ira de Deus e coisas assim.

Mesmo Jesus mostrou em alguns momentos que Deus não era unicamente amor, do contrário quando da crucificação Ele não teria dito referindo-se aos que o crucificavam: “*Pai perdoai-lhes porque eles não sabem o que fazem*”... Assim vemos que o Pai a Quem se referia Jesus tinha duas faces a do não perdão e a do perdão.

Se nos reportarmos ao dualismo perceberemos a admissão de dois seres distintos, um ser - satanás - senhor do mal e das trevas e o seu oposto - Deus - um Ser de puro amor, de compreensão e de infinita bondade; portanto a existência de dois seres distintos e opostos. Se assim fosse por que temer Deus de bondade, de compreensão de perdão e de amor infinito? Dever-se-ia temer o Seu oposto, satanás, por ser a fonte do mal, e não temer a Deus.

Na realidade são as religiões dualísticas quem mais mencionam o lado rancoroso de Deus, falam da ira de Deus e de coisas assim. Pelo dualismo a pessoa deve se aproximar de Deus pelo amor e afastar-se de satanás. Por se tratarem de dois seres distintos não cabe o não temer satanás e o temer a Deus. Temor a Deus é atribuir-Lhe qualidades que pertencem à outra força, e agindo-se assim está havendo uma inversão das qualidades próprias de cada um deles. Está-se buscando em um atributo que é inerente ao outro.

Todas as religiões dualistas dizem que Deus é bondade, isto na verdade é coerente com a base filosófica aceita por elas, mas não há coerência quando diz que se deve temer a deus, que Ele tem ira e

coisas assim, pois o ser com tais atributos é satanás. Em se tratando de um Deus de infinita bondade, mesmo o maior desrespeito não teria significado algum, pois se tratando da compreensão absoluta Ele entenderia aquele que não o respeitasse, que não obedecesse aos Seus ditames, à Sua Lei.

Admitamos a existência de dois poderes separados, um pleno de bondade absoluta, de amor, e perdão; e outro dotado de sentimento de ira, e vingança. Segundo esse esquema jamais poderia ter havido o dilúvio ordenado pelo Deus de bondade, pois as próprias escrituras falam que aquela catástrofe ocorreu para punir o povo pelos seus pecados, pelas desobediências, tratando-se da manifestação da ira de Deus. No dualismo não existe um Deus de bondade que seja dotado de ira, pois aquele que detém tal condição é o oposto, satanás. Este mesmo tipo de raciocínio pode ser aplicado à destruição de Sodoma e Gomorra, e a outros eventos, tais como aquelas guerras entre seres demoníacos e divinos citadas nos Livros Sagrados da Índia: Mahâbârata, no Râmâyana e do Bhagava-Gîtâ, constantes das doutrinas védicas. Segundo o dualismo todos aqueles eventos seriam entre forças satânicas sem quaisquer participações de Deus. O Bem Absoluto não condenaria qualquer tipo de ofensas, não ordenaria destituições e coisas assim.

De conformidade com a visão dualística Deus criou o universo fora de Si e em tal universo surgiu o mal tendo como representante satanás.

O mal, a vingança, punição, orgulho, ciúme, inveja e coisa assim são inerentes a satanás, enquanto que a Deus é inerente o perdão, a compreensão, em suma Luz, Paz e Amor.

Pelo dualismo a pessoa ou está sob a égide de satanás ou a de Deus, Este sendo o Amor e a Bondade não deve ser temido, e sim o Seu oposto, satanás.

Agora vamos analisar essa mesma problemática segundo a visão monística. Não existe mais que um Absoluto, e este genericamente é denominado Deus. Uma decorrência imediata disto é que não existe mais do que uma origem para tudo quanto há. Todas as coisas e condições são aspectos do Absoluto, portanto estão contidas Nele. Tudo quanto há trata-se da manifestação de um aspecto do próprio Deus. Uma consequência disso é que os opostos, tais como ira e amor; não compreensão e compreensão; vingança e perdão; orgulho e; ciúme e altruísmo; inveja e benevolência; orgulho e humildade; treva e Luz; guerra e Paz; ódio e Amor; e outras são condições potencialmente inerentes ao Absoluto, a Deus.

Segundo o *Monismo* as qualidades mencionadas são potenciais do absoluto, de Deus. Tudo provém do Absoluto que contém tudo de forma neutra, que se manifesta de uma forma ou de outra quando se faz presente o Princípio da Polaridade, quando ocorre uma polarização. Do infinito potencial qualquer coisa pode ser evocada, pois como Absoluto nele tudo está contido.

No Monismo vale o temor a Deus desde que, segundo a polarização, pode haver manifestação de um ou de outro oposto. A manifestação se efetiva de conformidade com a evocação. As atitudes, o modo de ser e de agir deve ser de forma a não invocar um lado que não lhe seja agradável.

Já dissemos em uma palestra que existem múltiplas formas de evocação, nem sempre invocar significa pedir. Evocar é agir de forma a desencadear forças, quer isso seja através de palavras, pensamentos, símbolos, rituais, e mesmo forma de agir na vida. São inúmeros os meios que podem servir de invocação de um dos lados.

Pelo *Monismo* é fácil se entender como Deus permitiu o dilúvio. Ele não fez uso de qualquer propósito, de qualquer intenção de vingança ou mesmo de reparação. Aquela força destruidora foi uma consequência dos atos do povo. Ela foi evocada pelo próprio agir do povo, da mesma forma como o comportamento dos habitantes de Sodoma e Gomorra provocaram a destruição deles. Coisas assim têm

acontecido em um número inconcebível de vezes. Mesmo o agir do dia a dia é um constante processo de invocação. Tudo o que se faz na vida recebe-se de volta uma reação. Vale o princípio físico que diz: “A toda ação corresponde uma reação...”

Vale salientar que, de conformidade com o tipo de a ação a reação pode ser considerada boa, benéfica, divina, ou o inverso.

Na linguagem bramânica pode-se considerar que o dilúvio, a destruição de Sodoma e Gomorra e outros eventos na história da humanidade ocorreram como manifestação do lado “Shiva” de Brahman, ou seja, do lado satânico, e destrutivo.

Segundo a forma de compreensão dualística, Deus é um Ser essencialmente bom no qual não existe sequer o potencial inverso. Assim sendo por que se deve temer a Deus desde que Nele não são de Sua natureza vinganças, punições, condenações, sacrifícios, iras, e coisas assim?!

No Monismo há razão para se temer a Deus. Não se deve agir de conformidade com aquelas coisas que se convencionou considera-las contrárias a Ele e às Suas leis, desde que o agir de determinadas maneiras é um evocar, é um fazer uso de meios através dos quais é possível o desencadeamento de forças que podem ser consideradas indesejáveis em determinadas ocasiões. Dessa maneira é válido se ter respeito ao máximo, cuidado preciso para não contrariar certas leis que com certeza são passíveis de desencadear resultados que podem ser tidos como castigo divino. Eis, então, o que representa a ira de Deus, a manifestação de reações oriundas do próprio Absoluto, mas como decorrência da ação da própria pessoa.



DEUS É O LIMITE

“ OS MEDÍOCRES CONDENAM TUDO
QUANTO LHE FUGE AO ALCANCE ”.

FRANÇOIS, duque de La Rochefoucauld.



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1998-3351

TEMA 0.842



Voltamos nesta palestra insistir através do “*Princípio*” do *Limite* reforçar a convicção quanto à exatidão da natureza monística do Universo e facilitar o desenvolvimento espiritual. Não é possível a unificação sem que antes o espírito esteja convicto de que ele é apenas uma diferenciação parcial de um Todo.

Cada doutrina diz a seu modo que a meta da alma humana é a Unificação com Deus, mas praticamente todas elas O colocam como algo fora do Homem, então a Unificação para ela seria algo como um lugar ou um “estado fora” no qual o espírito após haver se purificado conquistasse o direito de nele penetrar. Essa forma de pensar, porém, é basicamente dualística, algo divisionário, e, como já temos explicado a descontinuidade é uma tendência oposta à unificação. Se a unificação é Divina não há dúvidas de que a fragmentação é demoníaca.

O místico ao buscar a unificação prima por sentir que tudo é parte de si e assim acaba por não ter dúvida alguma quanto à existência de uma “Essência Una” que compõe tudo quanto há, assim abraça facilmente o *Monismo* ao mesmo tempo em que se afasta do *dualismo* separador implícito na descontinuidade da criação. Diz, *aquele que não é capaz de enxergar o Infinito em todos os Finitos não pode sentir-se um liberto do jugo satânico divisionário*.

Em palestras anteriores recentes demos ênfase a uma condição essencial que denominamos “*limite*”. Trata-se de algo que deve ser bem estudado para poder ser devidamente sentido, sendo assim dizemos que se trata de uma condição que pode ser analisada sob aspectos.

Na verdade quando se analisa o tempo buscando um limite, um nível em que ele não mais possa ser dividido, chega-se inexoravelmente àquela condição que se denomina “eternidade”. Limite do tempo é a eternidade, isto pode ser evidenciado facilmente bastando dividi-lo progressivamente, ou o inverso, ampliá-lo. Onde se situa o limite em nível de micro ou de macro? No Infinito, que em se tratando de tempo usa-se normalmente o termo eternidade. A eternidade é o limite Infinito temporal, logo o limite é Deus.

Esclarecendo melhor, com um exemplo já apresentado em outras palestras. Analisemos um evento qualquer segundo a sua cronologia. Por exemplo, falta uma hora para a ocorrência de um evento qualquer... falta meia hora, falta um minuto, um segundo, um décimo de segundo, um milionésimo, e assim por diante. Somente na descontinuidade é que é possível se chegar ao aparente momento do evento, mas isso não acontece na continuidade. Nesta a divisão tende ao infinito e o Infinito é Deus, o Absoluto.

Mesmo analisando-se um evento segundo a descontinuidade ainda assim há um momento em que ocorre um “pulo” do não evento para o evento. Na realidade há como que um lapso, um “salto” por cima do exato momento da ocorrência, ou seja, uma não percepção do momento zero. Na realidade isto é apenas o resultado da limitação da percepção. Assim, vemos que mesmo na descontinuidade apenas chega-se aparentemente no momento do evento. Isso nos mostra que o “mundo da imanência” é resultado basicamente de um estado mental... “Tudo é Mente”.

Pode-se buscar descobrir o limite em qualquer campo. Os filósofos gregos, por exemplo, buscaram o limite da matéria e denominou o limite de átomo, a matéria indivisível. A ciência atual mostra que esse nível não se situa na matéria, e sim na energia, mas depois a física quântica conclui que não é ao nível da energia e sim de um nível indiscreto, em algo que, por não poder ser comparado com qualquer coisa que se faça idéia chamada de “nada”, mas que não corresponde a um nada no sentido absoluto, por isso o físico David Bomm diz que onde nada existe, existe informação, algo que seria nas suas palavras “a ordem implícita”, um “vir a ser”...

Se for analisado o limite em função de espaço a situação é a idêntica, defronta-se com o paradoxo de Zenão, onde aquele filósofo cita uma corrida entre uma tartaruga e Aquiles, o maior corredor da Antiga Grécia.¹⁸

Continuando, se transportarmos esse mesmo raciocínio à origem de algo veremos o mesmo, uma coisa sendo gerada por outra, apresentando-se o Princípio de Causa e Efeito. Onde o limite, a causa primeira? - Evidentemente no infinito, pois existisse um limite de causa que estivesse fora de Deus e Este não mais pudesse agir sobre aquela hipotética gênese, então Deus não seria o Absoluto em decorrência da existência de algo que fugia à Sua capacidade causal.

Agora nos reportemos às leis físicas. Uma lei é sempre gerada por outra e assim sucessivamente. Qual, então, é o limite das leis físicas. Qual a Lei Primeira, a gênese primordial de todas as demais? Se esta se situasse fora do próprio Deus Ele teria algo que O criara, portanto algo acima de Si e se a Lei Primeira e Deus ambos fossem eternos, independentes, então não haveria a impossibilidade comprovada da existência de dois infinitos, de duas condições que preencham absolutas. A condição “sine qua non” para que algo seja absoluto é o não existir qualquer coisa ou condição de fora dele. Chega-se à conclusão óbvia de que se houvesse uma Lei Primordial que não fosse o próprio Deus, quer fosse independente ou mesmo que compartilhasse com infinitude, existiram duas coisas e nenhuma delas, portanto, seria Absoluta. Se a lei gênese primordial fosse independente de Deus ela roubar-Lhe-ia a condição de Absoluto. Mais uma vez vemos que o limite das leis físicas situa-se no o próprio Deus.

Quando analisamos um corpo celeste, ou um objeto qualquer, podemos indagar quanto ao que o segura, que o mantém num lugar, numa posição ou numa órbita e assim por diante. Uma coisa sempre se apóia em outra, quer se trate de algo material, energético, num campo de força, etc. Na realidade tudo requer uma forma de sustentação. No universo tudo quanto há tem um sistema qualquer de susten-

¹⁸ Vide Tema-129

tação. Sempre há uma coisa para sustentar outra. Onde isso termina? - naturalmente mais uma vez temos que admitir ser no Infinito. Portanto o limite é o Infinito e o Infinito é Deus. Vemos que o limite do apoio quer o universo imanente, quer no Transcendente é o próprio Deus, pois se este precisasse de um apoio então ele deixaria de ser Absoluto. Um deus que necessitasse de alguma base de sustentação seria evidentemente dependente e por ser dependente conseqüentemente seria limitado.

Pode-se fazer inúmeras conjecturas desse nível, pode-se aplicar o raciocínio aqui desenvolvido a todas as coisas e condições, e sempre se chega à mesma conclusão, *o limite de tudo quanto há é sempre o infinito e o Infinito é Deus.*

As especulações que fizemos nesta palestra situa-se no campo da continuidade. No campo da descontinuidade são incontáveis os limites, tudo tem um limite que pode ser determinado, mas tal limite resulta daquele “salto” que mencionamos antes. Tratam-se de limites estabelecidos pelas limitações instrumentais e sensoriais, em suma, condições basicamente mentais, apenas.

Visamos mostrar nesta palestra que todas as coisas, todas as formas de existência, todos os aspectos de manifestações, encontram-se no Infinito, portanto tudo conflui na para um único ponto primordial que é o próprio Absoluto, não importando se o denominarmos de Deus ou outro termo qualquer. Não é o nome o que importa e sim a maneira como esse conceito reflete-se em cada pessoa no que tange ao seu desenvolvimento espiritual.

Muitos dirão que tudo conduz ao infinito, isso é verdade. O que queremos enfatizar é que se o Infinito não fosse Deus Este estaria aquém do Infinito e conseqüentemente não seria o Absoluto. Para sair desse impasse só existe uma maneira que é a admissão de que o limite de qualquer coisa sempre é o próprio Deus, portanto Ele está em tudo, tudo está contido Nele, e Ele está presente em tudo. Conclusão o Universo é mental e Uno e Deus a coroa de toda existência. Mais ainda, sendo infinito não há limite.

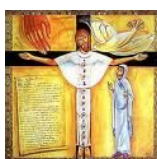


LABIRINTO TEOGÔNICO

“ SE CHORARES POR TER PERDIDO O SOL
AS LÁGRIMAS IMPEDIRÃO QUE VEJAS AS
ESTRELAS ”
RABINDRANATH TAGORE



TEMA 0.914



Nesta palestra queremos fazer alguns esclarecimentos que julgamos de grande importância para os que procuram estudar e mesmo colaborar no trabalho dos Mestres Ascencionados e as organizações por eles orientadas. Com o que vamos dizer visamos apenas facilitar os que tentam penetrar nos conhecimentos da Teosofia e de algumas Doutrinas orientais, especialmente indianas.

Quando se tenta entender como está estruturada a cosmogonia de muitas doutrinas orientais a primeira dificuldade com que a pessoa se defronta e o tremendo labirinto de nomes, cargos e funções. Via de regra, tal como o assunto é tratado por inúmeros autores é quase uma impossibilidade o entendimento de “quem é quem” nas hierarquias apresentadas. É muito elevada a quantidade de nomes e de funções, existentes, tais como Choan, Mestres de Sabedoria, Mestres Ascensos, Logos Planetários, Manus e vários outros. Até mesmo entender a função de cada um desses seres torna-se um trabalho hercúleo.

Tal como esse assunto é tratado na quase totalidade dos livros que versam sobre as doutrinas hindus em geral e em especial sobre a G.L.B. faz com que muitas pessoas, por não chegarem ao entendimento do organograma administrativo nos primeiros contactos, afastem-se da senda por considerar um trabalho impossível de ser feito, algo que visa mais confundir do que esclarecer.

Evidentemente não é viável de forma alguma baseado no que dizem os livros especializados a pessoa chegar a estabelecer um diagrama das funções. Desde as primeiras tentativas, geralmente, ela já se sente confusa diante da vastidão de nomes, a par de uma terminologia estranha, e isto está sujeito a se constituir um motivo de perda do interesse pessoal na nova proposta de estudos místicos.

Até mesmo a maneira como Alice Bayle recebeu e escreveu sobre os ensinamentos do Mestre de Sabedoria conhecido pelo nome de “O Tibetano” - por quem mantemos uma afeição bem especial - não é fácil a pessoa chegar a um entendimento claro quanto à estruturação administrativa ao nível das Hierarquias Celestiais. O mesmo podemos dizer da grande obra da Madame Blavatsky “A Doutrina Secreta”. Pela leitura desta formidável obra é quase que impossível uma pessoa chegar ao entendimento preciso sobre as hierarquias de Mentores que regem nosso planeta e humanidade nela existente, assim como a sua verdadeira história. Já nas primeiras tentativas a pessoa sente-se como se se defrontasse com um poço de areia movediça onde penetrar seria o mesmo que não conseguir mais sair.

Conforme é colocado nas publicações, que ao nível de não filiados quanto mesmo a de filiados de Ordens autênticas, as hierarquias são mencionadas sem que estejam de acordo com uma distribuição clara, na maioria as vezes suas funções e seus mentores são colocados em posições interconflitivas.

Diante da confusão apresentada nas publicações, mesmo aquelas consideradas oficiais de certas Ordens e Sociedades, podemos dizer que, após infrutíferas tentativas de entendimento quanto à composição das hierarquias, a pessoa ou descrê, ou desiste, ou permanece apenas repetindo automaticamente nomes sem que tenha uma precisa idéia de como na verdade a organização que administra o desenvolvimento humano a nível espiritual é constituída. Mesmos os gráficos que os livros apresentam não são de grande auxílio nesse esclarecimento, quando não a maioria deles apenas tornam ainda mais difícil a compressão.

Não acreditamos que exista nem ao menos uma pessoa que através das publicações comuns chegue ao entendimento da estruturação das organizações sublimes que dirigem os planetas.

Como um dos objetivos dessas palestras visa simplificar as coisas, tornar inteligível aquilo que comumente é apresentado de forma confusa, e muitas vezes truncada, preparamos esta palestra com a finalidade de evitar o desestímulo de muitas pessoas pela dificuldade que elas encontram no estudo relativos às atividades da F.G.B.

O principal motivo da tremenda confusão que impera nesse sentido tem várias causas. Uma delas é que, conforme já dissemos em outra palestra, os que descrevem algo sempre o fazem, por diversas razões, com variáveis índices de perda de precisão. Nunca a pessoa consegue descrever exatamente aquilo que lê, que escuta, e até mesmo que vê. Outra razão é a interferência exercida pela atividade mental pessoal, do pensamento que limita muitas as coisas. Ele apenas é um veículo do conteúdo limitado e deformado do que está registrado na memória pessoal em inúmeras ocasiões e situações. Como na memória existem registros de inúmeros esquemas, quando a pessoa tenta descrever algo, via de regra, mesmo que não intencionalmente, ela tende mais a atender a um daqueles esquemas do que dar vazão a um novo que possa provir da intuição genuína.

A pessoa que recebe uma informação tende a repassá-la segundo os esquemas preestabelecidos na mente, e com uma grande tendência a humanizar de forma marcante o que é de natureza cósmica e espiritual. Ela tem dificuldade em separar o que é intuitivo do que é pensamento, portanto quando descrever algo, mesmo que esquematicamente, ela tende a fazê-lo tal como se fosse montado por ela própria.

Outro ponto que origina a dificuldade que estamos citando, é que os Mestres não revelam tudo quanto à organização, que há muitos pontos vagos. Não revelam por alguma condição óbvia e mesmo porque acreditamos que nem mesmo os de mais elevado nível que temos ciência detêm o conhecimento de todo o organograma cósmico.

Na verdade não é sabido realmente quantos níveis hierárquicos existem desde o Creador até chegar ao nível humano terreno. Tudo o que é dito a respeito dos níveis hierárquicos é muito incompleto. Fala-se de diversos níveis mas na verdade não se sabe precisamente quantos eles são, e menos ainda o número de seres pertinentes a cada um deles, e assim também quanto às suas exatas funções.

Outra razão para os desencontros de informações sobre a constituição das hierarquias diz respeito às interferências de interesses espúrios. A força negativa através das “lojas negras” procura de todos os modos interferirem, confundir e dificultar o esclarecimento exato de tudo o que esteja afeito à Fraternidade da Luz.

Dificuldades existem também pois os autores de livros e mesmo orientadores religiosos e espirituais humanos tendem naturalmente a dar características humanas ao trabalho das hierarquias. Tendem a caracterizar a atividade delas como se se tratassem de algum tipo de organização civil administrativa terrena, algo semelhante às desenvolvida a nível terreno, constituídas com presidentes, senadores, deputados, governadores, ministros, vereadores, gerentes, etc.etc., quando na verdade não é assim em se tratando da estruturação das hierarquias superiores em que nenhum organograma administrativo da terra serve de modelo.

É natural que o ser humano tenda a antropomorfizar tudo, não só a forma e maneira de pensar humano quanto às formas de organização dos planos celestiais.

Diante disto acreditamos que a melhor maneira é a pessoa deixar de lado os esquemas organizacionais e se prender às funções principais. Acreditamos que não é importante saber-se como está estruturado em detalhes as hierarquias superiores, Basta que se tenha em mente a necessidade de se saber da existência dos Mestres Ascensos, suas funções genéricas; saber da existência de um legado que pode ser considerado o Santa-Kumara, ou Melquisedec. Não consideramos ser importante no desenvolvimento espiritual saber que lugar ele ocupa entre o Creador e nós, apenas que ele está acima da G.L.B. Também saber que existe a Grande Loja Branca responsável pelo trabalho de desenvolvimento humano e planetário, que administra as ordens e religiões da terra e que as orienta no sentido positivo do desenvolvimento humano. Também é significativo saber-se que existem as organizações negativas estruturadas e atuantes e que visam o lado negativo. Isto é importante porque todo o trabalho que a pessoa desempenha ou situa-se de um ou do outro lado, e naturalmente como ela deve posicionar-se perante a vida sempre no lado positivo. Querer saber mais, segundo a nossa compreensão não tem significação quanto ao desenvolvimento espiritual, mesmo que possa ter imensa significação a nível cósmico. Aconselhamos, portanto, a todo aquele que se decide pela busca mística a não deixar de estudar sobre a doutrina, ou evitar a orientação dos Mestres por não entender a organização da G.L.B e os detalhes de como é ela constitui-se e atua.



MANIFESTAÇÃO DIVINA NA TERRA

“SÓ PERCEBEMOS O VALOR DA ÁGUA
DEPOIS QUE A FONTE SECA”.
PROVÉRBIO POPULAR.



TEMA 0.948



Um das grandes distinções entre pensamento o ocidental e oriental é que o ocidental tende a pensar em termos de tempo linear - a história mundial e humana que tem um começo definitivo, meio, e fim. Nesta linha de tempo horizontal, Deus tem intervenções específicas, históricas. Em contraste, a oriental pensa em termos de grandes ciclos: ascensão e descensão, criação e destruição, crescimento e decadência. Esses ciclos são vistos como se repetindo em ondas contínuas num processo cósmico eterno.

Civilizações, religiões, e indivíduos são todas parte deste ciclo contínuo. As duas formas de pensamento podem ser consideradas como causa das imensas divergências filosóficas e teológica existentes. O pensamento ocidental coloca o passado num extremo de uma reta e o futuro no outro extremo, desta forma não há a volta à origem e sim um direcionamento constante para o futuro. Deus é algo fora do ser, criatura e Criador coisas totalmente distintas. Isto é essencialmente um pensamento dualístico, divisionístico. Enquanto isto o oriental normalmente vê o futuro unido ao passado, o futuro está no passado e vice-versa; portanto as religiões preceituam uma volta à origem, o espírito tendo que voltar a Deus. Na realidade nem mesmo se trata de um voltar, mas sim de um descobrir que ele mesmo é Deus.

Quando bem examinado vê-se que todas os pontos divergentes entre as religiões de base oriental e ocidental tem como causa esses dois modos de pensar.

As religiões dominantes no ocidente admitem que a pessoa se salva, ou como alguma outras que ele foi criado e deve chegar a Deus, ou a um estado oposto. Nesta religiões admite-se que pessoas venham a ser santos sem uma casa determinante. Os santos são pessoas comuns que têm uma vida correta, pura, por isso chegam ao fim da reta de evolução. Não fazem parte de um processo, são serem que agem individualmente, não vêm como santos, mas que se santificam em suas vidas. Em contraposição o pensamento oriental diz que muitos seres são manifestações diretas de Deus, os Avatares cujas missões é reativar o processo de desenvolvimento espiritual da humanidade

O aparecimento do avatar é essencial a este movimento eterno de declínio espiritual seguido por regeneração. *Swami Shivananda*, um dos discípulos de Ramakrishna, disse: "*Se Deus não desce como um ser humano, como os seres humanos o amarão?*"

Quando uma pessoa ama intensamente algo fora de si este algo facilmente chega a fazer parte dela mesma. Uma mãe pode amar, mesmo a um filho adotivo, com tal intensidade que aquele filho torna-se parte dela mesma, tudo o que o atingir atingirá a ela também. Assim o amor é um dos meios de unificação. Nisto reside uma das razões pelas quais é importante a vinda de um Avatar.

No decorrer do tempo Deus vem objetivamente ao seio da humanidade e isso faz com que o seu amor seja sentido e as pessoas o amem e assim sintam-se unidas a Ele.

O termo Avatar literalmente significa manifestação de Deus em forma humana e como tais podem ser considerados: *Jesus, Buda, Zarathrusta, Rama, Krishna, Thoh, Muhammad, Chaitanya, Ramakrishna*, e por certo, na atualidade *Sai Baba*. Todos estes avatares verteram energia nova na fé e dedicação espiritual da humanidade. Sempre se fazem presente quando a humanidade está muito envolvida com a negação da fé, com a hipocrisia, o egoísmo, orgulho, ciúmes, invejas e muitas outras condutas nefastas que mantêm o homem distanciado da sua natureza essencial.

Deus pode mui facilmente ser amado em presença humana como um pai, como uma mãe, quando as pessoas dele se aproximarem fisicamente. O ser humano tem uma necessidade inata de objetivizações, assim é mais fácil para ele amar um ser objetivo, material, que a um ser subjetivo, imponderável. Evidentemente Deus não requer ser amado, mas o homem necessita amar a Deus, pois amando-O ele sente-se dEle.

Normalmente a pessoa sente Deus como uma hipótese aceitável, quando muito aceitam-no como algo distante de si, mas a unificação requer que a pessoa sinta-se unido a Ele. Para tanto se faz necessário que sejam rompidos os véus que estabelecem a separação. Esse véu, porém não tem consistência real, tão logo a pessoa supere alguns artifícios da mente ela naturalmente sente que ela e Deus são um só. O mencionado rompimento do véu é feito pela aceitação plena, assim como uma mãe pelo amor sente que ela e o filho são que se que um único ser, assim também a intimidade que se estabelece com Deus provoca esse sentir unificante.

Diante disto é bem significativo a presença de Deus manifestado sob forma humana. Assim com muito maior facilidade as pessoas podem amá-lo como a um pai ou a uma mãe, ou um amigo.

A segunda razão pela qual Deus encarna como um Avatar é a fim de restabelecer uma religião, reativar uma verdade espiritual. Não importa onde o avatar aparece na terra, o mundo inteiro é enaltecido e regenerado pelo advento de Sua presença.

De acordo com *Vedanta*, Deus também pode ser percebido sob a forma humana, assim torna-se mais fácil para a maioria das pessoas meditar sobre Ele, pois é bem mais fácil amarem a um Deus com forma em vez de a um Deus sem forma, ou seja, apenas uma idéia nebulosa, um ser infinito, uma consciência e felicidade pura. Por isto *Swami Shivananda*, um dos discípulos de Ramakrishna, disse: "*Se Deus não desce como um ser humano, como os seres humanos o amarão?*"

A maioria das pessoas necessita de concretizações, de representações concretas, quer seja um símbolo, um desenho ou uma escultura. Em palestra passada falamos deste tipo de comportamento da mente humana (Tema 087). Pode parecer estranho ao ocidental a afirmativa do Poder Divino assumir

forma humana periodicamente. Um cristão tende a negar isto, mas aceita que Jesus haja sido uma destas manifestações diretas da Divindade na terra.

Se existe um grande número de pessoas que necessitam da concretização para ligarem-se a algo transcendental, também existem os que prescindem disto. Podemos dizer que se trata de uma questão de temperamento, ou de estruturação mental. Muitas pessoas alcançam o objetivo através da meditação e do trabalho devocional, havendo por isto na *Vedanta* os quatro métodos de Ioga indicados conforme a natureza pessoal das pessoas.



FORMAS DE REPRESENTAÇÕES DIVINAS

“ PARA SE CHEGAR À PERFEIÇÃO, É MISTER
CONQUISTAR A CIÊNCIA DA UNIDADE QUE
ESTÁ ACIMA DE QUALQUER SABEDORIA ”.
HENRIQUE JOSÉ DE SOUZA



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1999 - 3352

TEMA 0.979



Conforme dissemos na palestra anterior, muitas pessoas e religiões costumam considerar idólatras àqueles que adoram, ou mesmo cultuam formas materiais representativas de Deus. Mas salientamos que todas as religiões dão formas à Divindade, quer sejam desenhos, símbolos, figuras, ícones, sons, ou mesmo descrições qualitativas. Mas, devemos convir, que se tratam de formas representativas de real significação, como veremos nesta palestra, mesmo que nenhuma corresponda à verdade. Se bem examinado esse modo de pensar não é correto desde que mesmo um Deus mencionado como atributos, ainda assim Ele não corresponde exatamente à verdade pois esta é inefável, algo que não pode de qualquer modo ser descrito, ou até mesmo idealizado.

Um adepto de uma das grandes religiões ocidentais, por exemplo, pode ter uma concepção abstrata da Divindade, até mesmo conceber Deus como constituído apenas por atributos, mas ao mesmo tempo censurar, ou taxar de ignorante uma pessoa simples, um nativo por exemplo, que O concebe sob uma determinada forma material. Mas, na verdade, um Deus mesmo que somente construído de atributos é tão inexato quanto aquele construído de barro, ambas tratam-se de imagens igualmente falsas.

Um nativo acha que um ícone é deus, algo que tem poderes divinos. Um erudito dualista não aceita isto, mas queremos dizer que na verdade a diferença reside apenas no fato do nativo colocar a divindade da imagem como algo com existência própria, independente da sua, portanto dentro de uma visão dualista. Por outro lado aquela idéia do nativo é totalmente correta pelo lado monista. Como *monismo* estátua, ícone, imagem mental, ou um conjunto de atributos, são uma mesma coisa, que embora inexatas, ainda assim, são plenamente válidas desde que em todas elas nada mais são do que a essência de Deus.

Agora vale dizer que, tal como as religiões nativas, também as grandes religiões atuais, tal como quase todas do passado, cultuaram deuses e mais deuses, apenas temos que considerar qual a filosofia regente de tais concepções, se a dualista ou se a monista. Muitas religiões fizeram no passado e fazem no presente uso de um grande panteão de deuses. Muitas delas segundo uma visão dualista e outras segundo uma visão monista, como é o caso de muitas religiões orientais, especialmente aquelas derivadas do Vedas.

Os religiosos mais esclarecidos sabem que o panteão de seus deuses na verdade é constituído por representações simbólicas de características diferenciadas de um só Deus. Sabem que na verdade os inúmeros aspectos representados são apenas ênfases dadas a determinadas qualidades. Assim como o Monte Olimpo na Grécia era povoado por inúmeras deidades, cada uma representativa de uma qualidade humana, do mesmo modo os orientais têm um vasto número de representações, que não são diferentes deuses, mas imagens simbólicas de qualidades de manifestações de um mesmo Deus, pois eles, monistas que são, sabem muito bem ser impossível representar numa só imagem todas as qualidades, por serem estas em sua grande maioria de natureza inefável e também por serem infinitas em número sendo a maioria totalmente desconhecidas da mente humana.

O monismo pode ser visto de forma limitada no Catolicismo com referência à Virgem Maria. Existe um elevado número de representações dela, com os mais diversos nomes, tais como Virgem da Conceição, N. Sra. Aparecida, N. Sra. das Dores, N. Sra. do Carmelo, N. Sra. do Perpétuo Socorro, N. Sra. De Fátima, e assim por diante, existindo até mesmo N. Sra. do Ó¹⁹. Os nomes e as formas representativas da Virgem Maria mesmo que muito diversificadas, o Catolicismo diz tratarem-se todas de uma única, toda diversidade na verdade são apenas representações simbólicas de suas qualidades, etc. É o mesmo que dizem as doutrinas monísticas a respeito do elevado número de formas dos seus deuses.

A Vedanta por ser fundamentalmente monista não discrimina qualquer tipo de imagem, qualquer tipo de símbolo, qualquer forma ou rede de representação da Divindade; não discrimina qualquer religião, pois sabe que nenhuma delas é inferior a quaisquer outras. A Vedanta age assim por ser monista, por saber que todas as suas formas divinas são uma única, tal como todas as das demais crenças, desde as mais materiais e simples até as mais metafísicas, pois Deus está igualmente presente em todas elas, em todos os credos, em todas as representações quer sejam elas materiais ou metafísicas; em todos os cânticos, e hinos de louvor a Deus, em todos mantras e invocações do nome do Senhor.

A Vedanta diz que em todas as formas Deus está sempre presente, apenas deve ser levado em consideração a intenção do crente e o tipo de invocação. Não existem formas verdadeiras de representação de Deus, mas sim formas válidas. Na verdade todas elas são válidas pois que refletem a maneira de concepção da pessoa. O que conta é a intenção e consequentemente a invocação. Na Divindade estão contidos todos os aspectos, assim sendo o que vale ser considerado é exatamente aquilo aspecto que se está invocando. A árvore é a mesma mas os frutos podem ser diferentes, até mesmo diametralmente opostos. Por isto conta o que está intencionalmente implícito na forma e não a forma em si. Conta o que ela evoca da mente, qual a polaridade. Vale o objetivo da pessoa.

Por tudo isso podemos dizer que Deus pode ser cultuado sob qualquer forma ou aspecto, desde que a intencionalidade seja positiva, mesmo assim tem que ser levado em conta a relatividade do mal e do bem. Deus é como uma lei, uma lei física não é boa e nem má, estas condições dizem respeito ao uso que se faz da sua aplicação, ou seja da intencionalidade apenas.

Já que em termos relativos a intenção das pessoas assemelham-se quanto à natureza do bem, então se deve ter certo cuidado com as representações, deve-se ter acesso àquelas que são consagradas pelas pessoas que temos como boas, e pelas religiões cujos lemas coincidem com os propósitos que chamamos positivos. Valem aquelas formas, aqueles cânticos devocionais, hinos, chamadas, mantras, objetos de culto, e assim por diante, que o uso consagrou, ou seja que foram estabelecidos como símbolos evocativos de estados mentais positivos.



¹⁹ Nome de uma cidade de Pernambuco e da sua padroeira.

ASPECTOS DAS REPRESENTAÇÕES DIVINAS

“TANTAS VEZES BEBEREI DESTE CÁLICE
QUANTAS O MUNDO EXIGIR A MINHA
PRESENÇA COMO ESPÍRITO DE LUZ E DE
JUSTIÇA”.
SALOMÃO



JOSÉ LAÉRCIO DO EGITO - F.R.C.



1999 - 3352

TEMA 0.980



Muitas vezes uma religião tem imagens, ou desenhos de seus deuses, algumas até mesmo de aspecto um tanto grotesco, mas isso não indica deformidades e sim qualidades. Como Deus está em tudo sob infinitos aspectos, naturalmente Ele pode ser representado por uma forma animal, quando se quer salientar a força física; por um lince, se se pretende representar a acuidade visual; por um leão, quando se pretende dar ênfase ao domínio; por uma abelha, quando o lema é o trabalho, e assim por diante. Na verdade, o que é a força de um elefante, ou a beleza de uma borboleta e assim por diante?. Não é verdade que são manifestações do Poder Divino? - Logo são expressões de Deus, por isso não se pode por em dúvida que uma daquelas representações tenha um sentido bem mais amplo que o de simbolismo pois na verdade trata-se de uma qualidade divina em manifestação.

Assim, visando dar ênfase a determinadas qualidades divinas, algumas religiões têm representações ligadas ao reino animal. Se um dualista representar Deus por uma forma animal na verdade ele estará sendo um profanador, pois para ele Deus está fora de tudo. Por outro lado, um monista o faz conscientemente e dentro do mais restrito nível de respeito desde que ele tem convicção de que só existe um Deus, e que Este tanto é um Ser metafísico inefável, como também um simples inseto, ou um peixe, um elefante, enfim, é tudo quanto existe em quaisquer dos reinos.

As religiões primitivas usam formas de animais como representação da divindade em dentro de um conceito dualista-politeísta primário, contudo muitas religiões altamente metafísicas, como aquelas oriundas do Vedas, também o fazem, mas por saber que em qualquer ser, seja de que reino for, Deus está presente e quaisquer atividade, na verdade, são atos de Deus. Certas formas animais caracterizam muito bem determinadas qualidades divinas. Assim sendo, mesmo que a forma seja simbólica, a expressão é divina, segundo o conceito de “*Deus está em tudo*”.

Uma figura de animal pode naturalmente ser a expressão de qualquer qualidade divina, e quando se pretende evidenciar mais que uma qualidade a imagem pode ser composta, formando-se assim figuras tanto ou quanto bizarras. Mas não são apenas as formas de animais que são utilizadas, também ou-

tros elementos da natureza, tais como o mar, uma árvore, uma floresta, um mineral, uma nuvem, e assim por diante. O que vale é a idéia que a pessoa está querendo representar com inúmeras finalidades.

Agora vamos analisar um aspecto muito importante para ser analisado. Pode-se dizer que muitas pessoas veneram, ou adoram aquelas formas divinas. Na visão dualista isto é um ato de ignorância, porém na visão monista é um ato de conhecimento. Para o dualista ou é profanação ou, quando muito, um simbolismo; mas para o monista o significado é bem mais amplo, é mesmo da compreensão de uma poder físico manifestado num ser de um dos reinos da natureza. Isto pode parecer chocante, mas temos que pensar assim: Um animal tem vida, e por acaso existe algo mais divino que a vida? Se um animal tem vida é porque a vida que é Deus nele está presente e manifesto.

Segundo a visão monística, na verdade, Deus está manifesto quer numa força sideral imensamente poderosa e imaterial, quer em algo abstrato como um sentimento, quer na força de um elefante, ou no vôo altaneiro de um águia, na graciosidade de um pássaro, no colorido das asas de uma borboleta; ou na sagacidade de uma raposa, na docilidade de um cordeiro, na beleza de um cristal, no brilho de uma jóia, e assim por diante. Por mais material e grotesco que seja um ser, em essência, ele é uma expressão de Deus, pois tem vida e vida é Deus. Se a vida não fosse Deus e tendo Deus vida então existiria algo além do próprio Deus, que seria a vida.

Pelo que expomos conclui-se que tanto faz cultuar Deus sob um aspecto abstrato, metafísico, quanto sob uma forma material, pois sua natureza está em tudo isto e em muito mais ainda. Como disse Unamuno: “Quando um nativo adora uma imagem de pedra ele está adorando o mesmo Deus dos cristãos”...

Agora vejamos o que significa Deus para uma pessoa. Podemos *a priori* dizer que depende do grau de conhecimento dela. Seja em que nível for Deus é um Ser, ou uma Força com poderes particulares e gerais inusitados; um Ser que tem domínio sobre determinadas qualidades, ou sobre todas as qualidades possíveis. Assim sendo, para um erudito, Deus é um Poder Cósmico pois aquele tem concepção do universo com algo extremamente amplo. Mas, em se tratando de uma pessoa muito simples, que só tem uma compreensão ainda muito restrita o universo, este é algo muito limitado, podendo até mesmo ser dito que para ele é apenas um lugar bem delimitado, coberto por um manto azul e pintado com pontos luminosos. Assim o Deus dessa pessoa também não condiciona qualidades transcendentais, é um Deus muito mais limitado, evidentemente que aquele peculiar de uma pessoa culta.

Agora queremos salientar um ponto bem peculiar. Para uma pessoa de nível intelectual elevado, mas que não aceite o monismo, que, portanto, seja dualista, por certo ela não consegue conceber Deus sob uma forma humana. Porém um dualista primitivo é passível de concebê-lo numa forma limitada como, por exemplo, um nativo tribal. Isto acontece porque Deus tem que ser algo além de tudo que a pessoa concebe. Se ela concebe o universo como algo infinito, naturalmente Deus tem que ser assim também, e por isso não “cabe” existir numa forma humana. Por outro lado, para uma pessoa muito simples Deus cabe perfeitamente numa forma de uma pessoa humana excepcional.

Na verdade a imagem que cada um tem de Deus é algo muito pessoal. Para muitos, Jesus é Deus por apresentar qualidades que nenhum homem do seu tempo, nem de longe delas se aproximavam. Mas para uma pessoa que tivesse conhecimentos metafísicos Jesus não seria Deus e sim uma pessoa comum excepcional, mesmo que revestido de qualidades divinas.

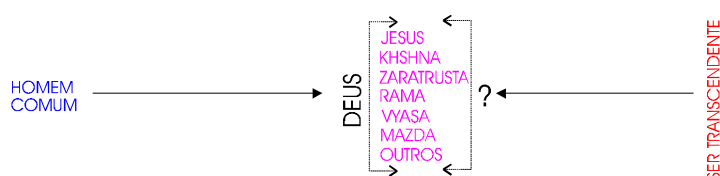
Para um cão, seu dono mesmo sendo um ser humano comum, é um deus. Ainda que ele não entenda o que seja um deus, mas a maneira de devoção, de obediência e respeito que ele tem pelo homem, reflete em atos aquilo que no homem é uma idéia, uma forma de atitude ante a Divindade. Mas, esse

mesmo homem respeitado pelo cão não é aceito como divindade por outro homem. Ai vemos como esse conceito de deus é relativo.

Com relação à uma pessoa considerada divina, pode ser aplicado o mesmo raciocínio desenvolvido nas palestras anteriores a respeito das formas de Deus. Nenhuma delas, dissemos, é verdadeira, mas todas encerram a essência da Divindade. Assim, no tocante à uma pessoa ser tida como Divindade, pode-se dizer o mesmo, nenhuma delas é Deus em plenitude, mas qualquer uma pode sê-lo segundo aquilo que dela é esperado. Qualquer pessoa pode naturalmente ser tida como Deus para uma determinada pessoa, seita, ou religião, pois todos somos Deus conforme disse *Jesus*, *Krishna*, e outros Avatares. Para muitos cristãos *Jesus* é Deus embora não o seja para muitos povos orientais. Por sua vez *Krishna* é Deus para os vedânticos, mesmo que não o seja para muitos cristãos.

Para que um “ser” possa ser considerado um Deus ele deve estar investido de certas qualidades, por exemplo: ser bom, segundo aquilo que a pessoa considera bom; ser belo, segundo o conceito que ela tem de beleza; ser sábio, segundo o que considera sabedoria; ser justo, segundo a visão que aquela pessoa tem de justiça; e assim por diante. Qualquer desses valores pode ser representado por uma imagem, ou por uma pintura, ou mesmo por uma idéia. Na realidade nenhuma delas encarna a plenitude Divina, mas nem por isso Deus deixa de estar em todas. Assim, assim por mais elementar, ou por mais grandiosa que seja a imagem, nenhuma é Deus, mas Deus está em todas, e o que é significativo, Ele não está mais em uma do que em outra. Isto faz com que todos os seres sejam Divinos.

Se uma pessoa vê em um ser humano, ou mesmo em um animal, qualidades que considera divinas, aquela pessoa, ou animal, realmente o é tanto quanto um Deus de concepção metafísica, pois que, nem Este e nem aquele é Deus na Sua plenitude mas sim na essência. Segundo esta perspectiva podemos afirmar que *Jesus*, *Sai Baba*, *Zaratrusta*, *Odin*, *Krishna*, *Sankara*, *Buda*, *Tupã*, *Salomão*, *Thoth*, *Rama*, *Vyassa* (o codificador da Vedanta), *Orfeu*, *Maomé*, *Yahveh*, *Lao Tsé* e tantos outros podem ser considerados Deus e realmente o são desde que se refletem como expoentes máximos diante dos seres humanos comuns. Na verdade são Avatares, mas isto somente diz respeito ao ciclo de encarnações, pois na verdade todos os seres são Deus, como disse o próprio *Jesus* “*Vós sois Deus*”... Mas, indagamos, seriam Deus essas formas vistas por uma mente que transcendesse o nível de exigência humana? Vide o gráfico.



Cada um dos leitores dê a sua própria resposta, mas vale meditar bastante sobre isto.



MANIFESTAÇÃO DE DEUS

“EU, POBRE QUE SOU, TENHO APENAS OS MEUS
SONHOS E ESPALHEIO-OS AOS TEUS PÉS. PISA DE
MANSINHO, POIS ESTÁS PISANDO OS MEUS SONHOS”.

W.B.YEATS



2000 - 3353

TEMA 1.214



²⁰ A vida envolve muitos mistérios expressos por questionamentos para os quais as religiões e doutrinas comuns não oferecem respostas, pelo que os classifica como “mistério”, sem se darem conta de que tal expressão é sinônima de ignorância. Tudo aquilo do qual se desconhece o “*modus faciendi*” e o “*modus operandi*” é tido como mistério. Por exemplo, o efeito da maré é um mistério para uma pessoa de nível cultural simples, mas não para uma outra que sabe da ação da força gravitacional da Lua.

Mistério é algo totalmente relativo e que só existe consoante ao nível de ignorância.

Quando a pessoa se propõe a compreender a natureza do universo em geral, e a de Deus em particular, na realidade ela se defronta com miríades de mistérios, isto porque se ignora quase tudo o quanto existe além das fronteiras do plano objetivo da existência do mundo imanente.

Consideramos que o primeiro passo para que se possam desvendar os mistérios do Cosmos é a aceitação da *Natureza Unista da Existência*. A quase totalidade dos mistérios é resultante da visão dualista que se tem dele Cosmos.

Quando se tem uma visão monista, grande parte dos mistérios desaparece, mas mesmo assim ainda continuam a existir muitos enigmas. Não basta apenas o aceitar teoricamente o Monismo, é preciso muito mais, se faz necessário senti-lo, vivenciá-lo e finalmente sentir-se integrado, e isto evidentemente não é fácil, normalmente leva milênios e milênios. Quando a pessoa começa a sentir a natureza una do Universo ela de imediato começa a encontrar resposta para os grandes enigmas; já não mais pergunta o que sou, por que estou aqui, por que Deus permite o sofrimento e coisas assim, etc.

Mas, a visão monista também sugere um elevado número de questionamentos, alguns dos quais vamos estudar nestas palestras. Podemos dizer, como primeiro passo para um aprofundamento há duas vias básicas; uma que está relacionada com a doutrina védica, e outro com a hermética. É mais fácil para os ocidentais fazerem uso da Via Hermética por se adequar melhor à natureza do raciocínio cartesiano que predomina no ocidente.

²⁰ Este tema para ser entendido requer um detalhado exame dos temas prévios que são indicados nos textos.

Conhecendo-se os 7 Princípios Herméticos e os demais que normalmente não são citados nos livros esotéricos torna-se fácil entender diversas características do Mundo Transcendente. Um outro fator importante a ser tomado em consideração como facilitador do entendimento dos denominados mistérios diz respeito à natureza sétupla da criação.

Tudo que existe objetivamente neste mundo imanente está sujeito à setuplicidade de aspectos. Como dizem os místicos o 7 é o número da criação, pois como toda a imanência é resultante da vibração, e esta se organiza em setuplicidades (Exemplo: 7 notas musicais), logo tudo que constitui o mundo imanente pode ser considerado como tendo um aspecto sétuplo de manifestação. Todas as coisas existentes são *unas*, mas quando se leva em conta a criação elas não se apresentam como tal isto porque é 7 o número de aspectos possíveis. Visto do imanente tudo é sétuplo, até mesmo (Deus), o Inefável se apresenta em 7 níveis de manifestação, conforme já escrevemos em outras palestras. Tudo quanto há apenas se trata de uma manifestação da Mente Cósmica, tudo está unido neste nível, portanto. Assim sendo podemos dizer que “visto” do plano cósmico – transcendente – tudo é *uno* enquanto que visto do plano da individualização tudo é múltiplo e agrupado em 7 níveis, tentando uma forma simples, mesmo que imperfeita de dizer isto. Deus “visto” por Deus é Uno, mas visto pelos seres humanos é Sétuplo, conforme estudamos nos temas 0.718 – 0.719 – 0.720.

A descontinuidade do mundo imanente, que na realidade se trata apenas de uma aparência, ou seja, da limitação da manifestação da Consciência Cósmica, nos leva a uma indagação: Se a consciência é *una* por que ela se limita fazendo com que se apresente em uma incalculável quantidade de mentes individuadas? Isto é o mesmo que a indagação das religiões clássicas: Por que Deus se torna homem, qual a necessidade dele se limitar? Já estudamos isto, sob o título “O Ver a Si Mesmo” tema 0.773 – 0.774 – 0.775.

O *ver a si mesmo* evidentemente indica não o perceber visual, mas o vivenciar, assim sendo podemos dizer que cada um dos seres, cada um de nós é uma vivência de Deus, cada um de nós é um daqueles setores. A trajetória de cada um é uma “das estórias” montada a partir da existência absoluta (Vide temas 1.123 – 1124), uma estória montada em nível de tempo linear. Deus *quer*, e escolhe ver um “setor” do Si mesmo, e isto constitui exatamente a estória de cada um. Quantas seriam as estórias possíveis? - É inconcebível o número de probabilidades, se é que existe um número delas.

O querer, como já estudamos, não é um dos princípios herméticos, pois os princípios herméticos só surgem a partir da criação, só estão presentes na imanência e o querer já se faz presente na Transcendência. O Creador criou o mundo porque quis, portanto antes que a criação ter início já se fazia sentir o “querer”.

Nesse ponto do nosso estudo já podemos dizer que não houve criação, que Deus não criou, e sim aquilo que denominamos “criação” em essência é Ele se “percebendo” no próprio Uno. Mas, mesmo diante dessa compreensão, ainda assim continua válida a indagação por que Ele quer se ver, da razão pela qual faz uso do *querer*. A resposta agora não é de difícil compreensão. A nossa percepção na verdade nada mais é do que a percepção de Deus se não houvesse algo para ser percebido não haveria percepção e conseqüentemente Deus seria a própria inexistência, ou como admitimos a expressão da inefabilidade.

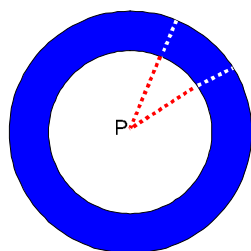


Figura 1

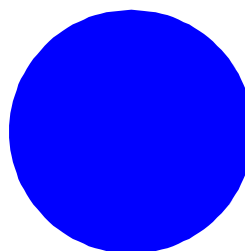


Figura 2

A fig.1 mostra o UNO em que P representa a percepção. Em sendo Uno (Fig.2) é evidente que a percepção não pode estar fora, pois no Uno, Absoluto, não existe o fora, tudo está contido, do contrário não se trataria de Uno e sim de múltiplo.

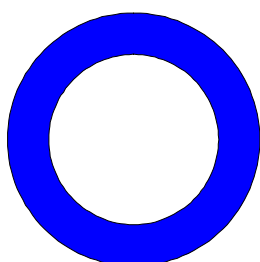


Figura 3

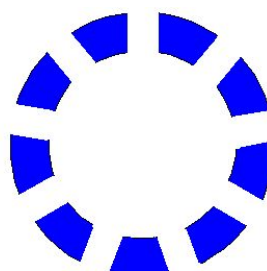


Figura 4

Na fig. 4 estão assinaladas as “estórias” de cada um. Embora pareçam separadas na verdade estão todas integradas no UM, pois todos os eventos já estão contidos no Absoluto, no *eterno agora*. Nesta condição não existe o antes e nem o depois, tudo simplesmente “E”.

Assim como o *porquê*, também o *querer* faz parte do Todo. O “querer” não é algo que o Todo use, mas sim um estado natural do próprio Todo. “Ele” não quer perceber, não quer ver, simplesmente vivencia esses estados. Vemos, portanto, que o *querer*, assim como o perceber, não deve ser considerado como qualidades de Deus²¹ mas sim como natureza do próprio Deus.



E-mail

thot@hotlink.com.br

²¹ Nesta palestra estamos usando o termo Deus no sentido do creador do universo e não no de Inefável. A Este nem ao menos nos é dado dizer ser Creador, pois isto implicaria numa definição, numa conceituação, portanto num atributo e ao Inefável não cabe qualquer atributo, ou seja, estamos abordando um dos níveis superiores.

PLANOS DE PERCEPÇÃO DE DEUS

“DEUS NÃO REVELA A SI PRÓPRIO ATRAVÉS
DA OBSERVAÇÃO EXTERNA, MAS ATRAVÉS
DA EXPERIÊNCIA INTERNA”.
NEALE DONALD WALSCH



2000 - 3353

TEMA 1.240



Na palestra anterior falamos sobre a Nona Câmara, uma daquelas câmaras do Templo Hermético da Esfinge. Dissemos que cada câmara está ligada a um dos Princípios Herméticos, mas agora queremos dizer que o conteúdo de cada câmara não se restringe apenas a um princípio e sim a um sistema imenso de conhecimentos relacionados com um princípio.

Há inscrições que dizem que Thoth deixou mais de cem mil papiros gravados. Este vasto conhecimento abrange o que hoje se chama de Alquimia, de Magia, de Princípios Herméticos, Cabala e de outros ramos das ciências herméticas. O material constante deste imenso acervo está distribuído em categorias constituindo as câmaras que é dito ainda existirem sob as ruínas do Antigo Egito. Dizem alguns iniciados que as câmaras ainda estão fisicamente preservadas guardando o imenso acervo de conhecimentos. Não podemos afirmar que assim seja, mas podemos dizer que todos os conhecimentos herméticos continuam preservados por algumas Ordens que os distribuí segundo o que contém em cada câmara. Isto quer dizer, os ramos autênticos do Hermetismo têm por norma denominar de câmaras o nível de ensinamento atingido pelo *peregrino da senda*. O estudo hermético é feito didaticamente através de “Câmaras de Amenti”.²² Isto tem o mesmo sentido de “graus” usado por outras organizações.

Um outro ponto que vale salientar é que as “Câmaras do Conhecimento” não são estanques, isto é, a pessoa não tem que permanecer numa delas até esgotar todo o conhecimento ali contido. Exemplificando, mesmo quando uma pessoa está na quinta câmara ela já pode perceber um tanto das seguintes. Também ela pode complementar algo baseado no que diz respeito às câmaras precedentes. Atingir uma câmara basicamente significa haver alcançado um determinado nível de compreensão, atingido um nível de ser capaz de absorver os conhecimentos das câmaras precedentes.

A pessoa galga determinada câmara mais pelo nível de desenvolvimento mental do que por domínio dos ensinamentos propriamente. Vamos esclarecer melhor. Os conhecimentos de Alquimia não integram as câmaras mais elevadas. Uma pessoa que esteja na sexta câmara, por exemplo, pode saber pouco de Alquimia prática, mas ela já está mentalmente preparada para, caso isto lhe interesse, facil-

²² Os ensinamentos herméticos são distribuídos em 12 etapas, que também são chamadas de “Câmaras”. O mesmo termo é usado para representar o desenvolvimento espiritual, o espírito até a sua libertação total tem que galgar 12 etapas distintas.

mente entendê-la. Sua mente já está em um patamar superior, já tem um desenvolvimento capaz de penetrar nos “segredos” da alquimia. É a capacitação quem determina a câmara e não o conhecimento de tudo o que existe nela.

Após estas considerações volvamos ao tema básico desta palestra. Nesta série de palestras temos nos defrontado a cada momento com incongruências diante das quais apenas nos resta a mera conformação que possa nos conceder a palavra mistério.

Agora tentaremos situar Deus no contexto do que foi exposto nestas palestras sobre filosofia monista. Já temos dito que Deus pode ser visto em sete níveis básicos e em miríades de níveis secundários. Na mais alta expressão temos chamado Deus de O Inefável, aquele a quem não se pode atribuir qualquer qualidade. Um ser sem atributos, mas, consideremos que ao usarmos a palavra “ser”, já estamos concedendo atributo. Mesmo o termo “inefável” não deixa de ser uma qualificação. Muitos preferem dizer “*Sou quem Sou*”, mas isto também é uma qualificação. Dizer o “*Inominável*”, o “*Sem Atributos*”, a rigor nenhum destes nomes pode ser usado, pois são denominações qualificativas. Venho, a vida inteira procurando uma forma apropriada para denominar Deus na Sua expressão mais elevada e concluí ser isto uma tarefa impossível. Quando chamo Deus de “*Inefável*”, O estou limitando porque existe a inefabilidade assim como nefabilidade e esta tem que fazer parte Dele; se O chamar de “*Sou Quem Sou*”, O estarei limitando porque tem o aspecto “*não sou*”, e assim por diante. Seja qual for a expressão dada tem o seu oposto²³ e assim sendo em todos os casos O estarei limitando. Conceituando-O como “*A Lei Primeira*”, O estou limitando, porque existe a “*não lei*”; conceituando-O de “*O Nada*” temos que considerar a “*a existência*”. Por isto é tolice se querer pensar no Deus Supremo (termo inadequado), portanto o mais óbvio é não tentar denominá-Lo e nem definí-lo de forma alguma.

Desde que nenhuma definição se presta para denominar aquilo que chamamos genericamente de Deus, então qualquer nome serve, para menção do nível mais elevado do que chamamos de Deus. Desde que qualquer denominação é limitada, então devemos usar os parâmetros que condicionam determinados limites a fim de que possamos defini-Lo. Em outras palavras, quando usamos uma denominação temos que ter em mente, e se preciso indicar, quais os parâmetros que condicionam aquela denominação.

Em decorrência do que dissemos, advém a assertiva de que a Deus podem ser atribuída uma infinidade de nomes, cada um representando um ou mais de Seus aspectos ou atributos.

Como no mundo imanente tudo se agrupa em setuplicidade, também podemos situar Deus segundo esta classificação e falar nos Seus sete níveis de manifestação. Tudo quando existe é Deus, logo podemos agrupar tudo quando existe em sete níveis, que conseqüentemente são níveis de Deus.

Qualquer expressão usável para denominar Deus corresponde a um dos sete níveis básicos de Sua manifestação, de uma infinidade de subníveis.

Falamos em sete níveis de Deus, mas na verdade não há nível algum desde que tudo é UM. O que ocorre é que este UM pode ser percebido em níveis. É a mente fracionada quem separa os níveis segundo determinados de atributos. O que chamamos de níveis são delimitações baseadas em conceitos estabelecidos, em paradigmas, em códigos. Como tudo é sétuplo então até mesmo quando falamos de todos os atributos existentes nos mundos podemos distribuí-los em sete grupos e atribuir a cada um deles qualidades de atributos divinos.

²³ Isto não deixa de ser uma polaridade e se sabe que a polaridade, assim como todos os demais “Princípios Herméticos”, só existe na Imanência e não de Transcendência. Na verdade não é que eles inexistam na Transcendência, o que acontece é que na Transcendência eles são potenciais, e na Imanência são manifestações.

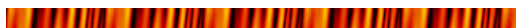
Agora vamos mencionar o ponto considerado mais cruel do Monismo para uma pessoa que vive, e que conseqüentemente pensa, em nível de dualismo. Todas as religiões falam de um poder maléfico que chamam de demônio, ou de algo semelhante, paralelamente a um poder benéfico que chamam de Deus. No dualismo estas forças podem ser estudadas separadamente, como coisas distintas, mas isto não pode ser feito em nível de Monismo desde que esta compreensão dita que tudo é UM. Assim sendo as mencionadas forças apenas podem ser consideradas como aspectos, como delimitações do que é Uno, níveis do como o Uno é percebido pela mente humana. O que é mais curioso é que qualquer manifestação em nível de dualismo é sempre relativa, portanto nem ao menos permitindo estabelecer algum limite definitivo entre uma coisa e outra, tal como acontece no Monismo em que não existe relatividade alguma porque não existem partes para que uma possa ser relativa à outra.

Pela visão do Monismo percebe-se que apenas existem delimitações impostas pela mente, enquanto que no Dualismo existiriam separações reais. Mas, em ambas as perspectivas - dualística e monística - os aspectos considerados demoníacos e divinos podem ser tidos como relativos, pois algo numa determinada situação, ou momento, considerado por uma determinada pessoa como demoníaco pode ser considerado o inverso num outro momento pela própria pessoa ou por uma outra. Não se pode separar o mal do bem nem no dualismo, pois que se tratam de condições relativas, de polaridades opostas de uma mesma coisa²⁴, e nem no Monismo, pois nele tudo é Uno, não há lugar para uma coisa e outra. Então vale aquilo que disse M. Gabriel: “*O bem quem sabe é quem recebe*”.

TUDO É MENTE

E-mail

thot@hotlink.com.br



²⁴ Vide o tema 105

A PERFEIÇÃO DIVINA

“SÊDE VÓS, LOGO PERFEITOS,
COMO TAMBÉM VOSSO PAI
CELESTIAL É PERFEITO”
BÍBLIA, SÃO MATEUS, 5-48



2000 - 3353

TEMA 1.242

Iniciamos esta palestra examinando o versículo assinalado que fala da perfeição do Pai Celestial e exortando as pessoas a serem também perfeitas como o Pai Celestial.

Podemos dizer que o Pai Celestial a que se refere aquele versículo não é o Inefável. Também não estamos dizendo que o chamado Pai Celestial não seja perfeito. Mas para afirmar isso é preciso que refira os parâmetros mediante os quais se estabelece a perfeição, ou seja, quais os critérios levados em conta para essa avaliação.

Ao se dizer que Deus é perfeito, ao denominá-lo de “Pai Celestial” já estabelecemos um limite muito restrito para situá-lo. Estaremos falando de Deus, mas como um aspecto manifestado de um determinado nível.

Vale a indagação: Em qual nível Deus é perfeito? – Podemos responder em todos, pois se os níveis são estabelecidos mediante critérios então dentro desses critérios pode haver perfeição, mas não nos demais.

Temos falado um tanto sobre um nível de Deus para o qual nenhum atributo pode ser conferido, ou que, pelo contrário, abranja todos os atributos possíveis. Nesse nível não se pode nem sequer dizer que é a perfeição, porque como é que algo incompleto pode ser perfeito? Sendo só a perfeição onde situar a imperfeição? Na verdade, algo para ser perfeito tem ser também imperfeito. Tem que ser as duas coisas, nem uma só e nem a outra. Por isso é que existe tanto a perfeição (limitada), quanto à imperfeição (limitada).

Um Deus da compreensão de alguém pode ser perfeito desde que ele preencha as qualidades que a pessoa considera como paradigmas da perfeição, mas neste caso é um Deus limitado. Na verdade todas as formas imagináveis de Deus são limitadas.

Quando a Bíblia fala de perfeição do Pai Celestial ela se refere à imagem cristã da divindade num nível já muito dualístico, naquele em que o mal está separado do bem, em que não é visto que um nada mais é que a polaridade oposta do outro.

A perfeição referida diz respeito ao cumprimento de um código estabelecido no qual se baseia o Cristianismo, em que constam determinados paradigmas no tocante “à vontade de Deus”. Um Deus que para um seguidor de uma das religiões judaico-cristãs é a suprema perfeição, mas não se deve esquecer que isso só é válido considerando-se um conjunto de qualidades constantes de um determinado código.

Falamos do Cristianismo, mas o que dizer das demais doutrinas, das demais crenças? – Na verdade cada uma delas tem um conceito próprio de Deus e que julga ser a perfeição. Neste sentido não se pode a rigor considerar que não seja perfeito o deus da mais inferior das organizações, todos eles são perfeitos dentro dos limites dos códigos estabelecidos por elas.

Tudo isso reflete o que podemos chamar de “lado cruel do dualismo”, ou “paradoxos do mundo da descontinuidade aparente”. A visão dualística exige que se separem as coisas, e assim sendo que existam deuses maus e deuses bons, quando na realidade tudo é Um. Neste caso demônios e deuses não são mais que aspectos percebidos pela mente das pessoas, condições estabelecidas como códigos. A dualidade leva a pessoa a criar códigos, ricos em qualidades atribuíveis a demônios e deuses, para serem infringidos e conseqüentemente gerando infrações, gerando culpas, e pecados que a fazem se sentir condenada ao inferno.

Não existe qualquer demônio como ser independente. Obviamente existe o demônio, mas como uma condição da mente. Pode ser uma entidade tremenda, cruel, terrível, mas tudo isso por representar aquilo que no código pessoal é assinalado como maldade. A pessoa deve se afastar o quanto puder daquele ser (estado interior), mas ao mesmo tempo procurar entender e sentir que ele só existe como mente.

Não estamos insinuando que a pessoa pode desafiar aquele poder, dizer isso seria o mesmo que dizer que se podem infringir códigos sem que advenham culpas, sofrimentos e inferno. Seria loucura pensar assim, pois isso implicaria na violação de um código em que há um lugar para aquilo que a pessoa considera o supremo mal. É o mesmo que desafiar um personagem de um jogo de Realidade Virtual, no qual a própria pessoa está participando. A atitude da imagem virtual pode lesionar o jogador.²⁵

Também podemos dizer que não existe qualquer Deus como ser independente. Deus o Supremo Bem é um o reflexo de uma série de condições que são meras componentes do código pessoal. A pessoa por certo vive em paz, vive bem, vive sem culpa, vive no “céu” quando está acomodada no não se sentir culpada, então ela usufrui a tranqüilidade mental por haver cumprido o seu código de moral, por haver atendido ao que preceituam os seus paradigmas de “certo” e de “errado”.

Sempre há paz quando não há infringência aos códigos, e assim se pode dizer que tanto pode ter paz aquele que obedece aos chamados aspectos divinos do código quanto aquele que faz exatamente o inverso, pois o que conta não é ser algo demoníaco ou divino, e sim estar em consonância com o código que ele aceita como bom. Evidentemente tudo não passa de meros conceitos de “errado” e de “certo”. A condição de terribilidade do demônio resulta do fato de que as pessoas têm no código paradigmas referentes a maldades, remorsos, etc. e isso quando é infringido há o sofrimento.

Uma pessoa só sofre pelo poder demoníaco quando ela aceita que se trata de um ser maligno que age por conta própria, mas não quando ela percebe e sente que sem conflitos não há sofrimentos, sem conflitos interiores não existe sentimento de culpa e quando não há culpa também não há pecado e, conseqüentemente, inferno algum.

É importantíssimo que uma pessoa no mundo dialético tenha uma religião, adote uma forma de expressão de Deus na qual conte tudo aquilo que ela considera bom, considera prazeroso. Quando a pessoa clama por Deus, quando ama a Deus, ela está bem porque isso é o que o seu código pessoal cobra. Se ela clamar pelo demônio, evidentemente que ela sofrerá, isso porque sente que ele existe e que as condições que o constituem não é o que considera prazeroso para si.

²⁵ Vide o filme matrix.

Uma das coisas mais terríveis que uma pessoa pode praticar é manter pactos com o demônio, mas isso porque consta do seu código que ele existe e que é terrivelmente mau e poderoso. Se esse paradigma persiste, a pessoa, mais cedo ou mais tarde, será vítima da culpa, será castigado com o sofrimento, será atingido pelo poder satânico que faz parte do seu código. Tanto maior será a culpa e, conseqüentemente, o sofrimento quanto mais forte for a imagem do maligno no código. Por outro lado, uma pessoa que não tivesse em seu código paradigmas referentes ao chamado poder maligno ela não sofreria coisa alguma por manter pactos satânicos, a começar porque nem ao menos ela poderia fazer isso, não poderia manter pacto com algo que não existe para ela.

Em muitas palestras falamos do “terceiro interesse”, do “poder das trevas”, de “demônio”, de “satanás”, de “lado negativo da natureza” e de coisas assim, mas neste ponto podemos dizer que tudo isso não vai além de uma apreciação relativa, de uma visão dualista do mundo. Na verdade tudo é como dissemos, mas agora devemos dizer que tudo é nuances da atividade da mente, que são apenas condições, resultados de códigos pessoas ou coletivos.

E-mail

thot@hotlink.com.br



OS SETE CÉUS

“ O SER NUNCA EXPERIMENTA O INFERNO
QUE TANTO TEME, A MENOS QUE ESCOLHA
EXPERIMENTAR”



2000 - 3353

TEMA 1.248



Deus pode ser percebido pela pessoa basicamente em sete níveis, estabelecidos a partir de uma série de qualidades que parecem específicas, mas que na verdade são apenas aspecto de Um Único Supremo Ser. Esse ser contém tudo quanto há, é a mente individuada quem O separa numa série de qualidades às quais se atribuem as condições de Deus. Segundo os níveis da criação tal como é entendido pelas doutrinas tradicionais, Deus pode ser situado em sete níveis, mas isso não indica que as qualidades do Deus de um nível excluem as qualidades dos demais, apenas cada um transparece determinadas qualidades que existem no Inefável. O Deus de um nível se apresenta diferente do de outro nível apenas por decorrência da apreciação que é feita Dele.

Na verdade as conceituações a respeito de Deus não se referem ao como Ele quer se apresentar, mas sim ao como a pessoa quer percebê-lo. São quatro os tipos de imagens possíveis. Uma é aquela que a pessoa passa de si mesmo pelo seu querer, aquela como ela quer ser vista. A seguir tem a imagem que ele crê que é; a terceiro a que o observador faz; e a quarta a verdadeira imagem. As imagens de Deus aceitas pelas religiões enquadram no terceiro grupo.

Os deuses são simplesmente delimitações de qualidades de um único ser.

Considerando-se pelo prisma da criação se podem perceber sete níveis distintos de Deus, mas sobre outros ângulos existe uma infinidade deles. Para se ter um deus basta juntar algumas qualidades que a pessoa considera divinas, atribuí-las a um ser, ou a uma forma, e então está particularizado um deus. Por essa razão é que tão grande número de deuses existiram em todos os tempos e lugares; um para cada tribo, um para cada raça, um para cada religião, e até mesmo um para cada pessoa. Indaga-se: todos os deuses citados existiram: Num certo sentido sim, no sentido de criação mental, de egrégora.

O Deus das religiões, mesmo o das mais tradicionais, não é mais que delimitações de qualidades desejáveis, não mais que isso, mas, mesmo assim, as pessoas têm aquelas qualidades tão fortemente incorporadas aos seus códigos que, ao infringir alguma delas sente cair sobre si o peso da culpa. Ela assim escolhe o inferno que tanto teme. Alguém jamais experimentará o inferno a menos que escolha experimentá-lo através da desobediência aos paradigmas, aos códigos aceitos, a culpa.

O que dissemos quanto ao “inferno” pode igualmente ser dito quanto ao “céu”. A pessoa cria o “céu” que tanto deseja quando obedece aos códigos que são aceitos como certos. Nesta condição ela não tem conflitos.

Agora vamos fazer algumas considerações peculiares. Vamos iniciar com aquele pensamento de M □ Gabriel: “*O bem quem sabe é quem o recebe*”. Assim o céu de cada um é o cumprimento daquilo que a pessoa considera certo. Uma mesma atitude pode ser considerada má para uma pessoa e boa para outra e disso resulta que tanto o inferno quanto o céu são condições muito pessoais. Não se pode, portanto, estabelecer isto da seguinte forma: aqui está o céu e ali está o inferno. Ele não está em parte alguma, mas ao mesmo tempo está em toda parte onde quer que exista um ser que o considere e que possa se sentir culpado. Por isto se diz que o inferno e o céu estão dentro de cada um. O que é deveras interessante é que o céu de uma pessoa pode corresponder ao inferno de outra, e vice-versa.

A pessoa pode ter a vida mais reprovável possível segundo o ponto de vista de outra, mas se ela não estiver em conflito com aqueles valores, então não se sentirá culpada, não terá conflitos, viverá no céu. Ela é um habitante da Nona Câmara. Por isto concordamos quando as religiões dizem que as crianças por serem inocentes não podem ser consideradas culpadas. Isto é correto, o inocente por não ter ativo um código ele não o infringe, conseqüentemente não sente culpa e, assim ele não sofre pelo que fez ou deixou de fazer. Tudo o que um inocente, ou um insano, fizer nem é errado e nem certo, simplesmente é. Um insano pode estar respondendo pelo que já fez, mas não está sendo punido pela culpa do que estiver fazendo.

Como tudo é Uno, como tudo é Deus, então todas as qualidades são Divinas, mesmo aquelas que as pessoas consideram como piores. Todas as qualidades existentes podem então ser agrupadas em relação à criação e o são em sete níveis, três deles relativos ao mundo imanente.

No nível mais inferior das qualidades existentes agrupam-se aquelas consideradas satânicas e no mais elevado as qualidades divinas, mas, pelo que já foi dito, vê-se que tudo isto não passa de conceituações relativas a muitos fatores, entre eles a compreensão, o entendimento da pessoa. Se não existe o errado separado do certo em nível da Inefabilidade, então uma pessoa pode achar certo o que outra acha errado. Dessa forma alguém pode achar certas as condições tidas como satânicas, e se o seu código dita que aquilo é certo, o errado é fazer o inverso, mas se ela fizer o inverso se sentirá culpada, sofrerá, estará criando o inferno dela. Por outro lado, se agir de conformidade com o código adotado, então não sentirá culpa e estará criando o seu próprio céu.

Colocando-se as qualidades numa escala decrescente vê-se que o nível mais inferior tanto pode ser um inferno, como um céu, a depender do código de cada um. Este é um dos sete céus citados por algumas doutrinas. Vivendo de conformidade com as qualidades distribuídas nos sete níveis pode-se então falar de sete céus, isto a nível grupal, pois a nível pessoal existem tantos infernos e tantos céus quanto forem as compreensões.

Diziam os Gnósticos que Jesus depois da ressurreição continuou ensinando os mistérios maiores durante 11 anos, mas somente chegou a ensinar até os mistérios do quarto céu²⁶. Isto equivale a dizer que Ele somente chegou a dissertar sobre os códigos da quarta câmara.

Diante de tudo o que foi dito nessa palestra, a pessoa pode indagar se um espírito que teve atividades consideradas diabólicas está no “inferno” ou no “céu”. – Isso depende. Como “inferno” e “céu” na verdade são estados conceituais da pessoa, estados de harmonia ou de desarmonia com os códigos, podemos então dizer que se a pessoa se sentir culpada pelos seus atos ela sentir-se-á no “inferno” do contrário sentir-se-á no “céu”. Se a pessoa estiver sem conflitos com as coisas que outros consideram diabólicas ela estará vivenciando um estado de “céu” e o deus dela em todos os sentidos é satã para os demais.

²⁶ Só haver chegado a ensinar até o quarto mistério não foi por limitação dos conhecimentos de Jesus mas sim pelas dos discípulos de aprenderem mais além.

Do que foi dito resulta outra indagação: Se um existir satânico permite viver no céu o que importa então a pessoa ter uma vida considerada diabólica por outros? – Basicamente este estado pode se apresentar com duplo aspecto. Se a pessoa tiver conflitos com o seu código por agir satanicamente, então ela viverá no “inferno”, mas se não tiver conflito algum resultante desta situação, viverá no “céu”. Basicamente o que conta nisto é o transgredir ou o não transgredir o código individual.

Mas, em tudo isto há um ponto que merece ser considerado. Os códigos que conceituam o mal, o errado, são muito fortes por estarem muito arraigados na mente das pessoas, mesmo daquelas que têm “vida diabólica”. Assim sendo, aquele que faz um pacto com o demônio está se associando a um estado mental de intensíssima potência, mesmo que para muitos tal ser não exista. Por um lado ele está tolerando, mas no seu íntimo possivelmente esteja se condenando por infringir um código demasiadamente intenso. Temporariamente ele pode não ter conflito por tal pacto desde que estabeleça que aquilo é certo. Mas, determinados códigos podem prevalecer potencialmente, por serem muito marcantes eles podem permanecer inativos mas não extintos. Eles se não forem extintos, se estiverem apenas suprimidos, eles permanecerão um momento para se fazer sentir, e assim sendo mais cedo ou mais tarde estará sujeito a ser reativado. Enquanto a pessoa estiver agindo de acordo com o código ela pode estar bem, mas quando o código que dita ser aquilo errado voltar a se fazer sentir, em se tratando de um paradigma de grande poder, a conseqüente culpa será tremenda. Por isto é que aquele que faz um pacto de tal tipo leva muitas encarnações para se libertar. Mesmo que não se trate de um pacto com um ser real, e sim com um código, quanto ao resultado não há diferença alguma. Para anular a ação seria preciso a extinção plena e permanente do código, e isto não é fácil de se processar.

Agora queremos ressaltar outro ponto que fala alto, o remorso. Remorso não leva à libertação, assim como não conduz à purificação. O que significa um remorso? A negação de uma atitude que feriu um paradigma. Assim a pessoa enquanto tiver remorso não volta a desobedecer aquele paradigma, e assim fazendo não será atingida pela culpa do fazer de novo, mas não estará liberto da autocondenação de haver cometido uma infração. Somente quando não sente culpa está pura naquilo, mas não está liberto do código, até mesmo porque quando se tem remorso é porque se tem culpa e quando se tem culpa é porque se violou preceitos de algum código. Remorso é indicio de forte poder de um código. O ser quando abandona um código não mais sofre coisa alguma relacionada com ele, pois se sofrer é porque não está liberto, quanto muito está contido. Nem ao menos se pode dizer que está acomodado. Com remorso o estado não é de céu, mas de inferno. Libertar um ser do remorso é atenuar a culpa, e isto equivale retirada do seu código o sentimento de culpa por algo feito ou deixado de fazer.

O “inferno” é o mais baixo dos sete níveis de “céu” e satã o mais baixo aspecto dos sete níveis de Deus. Isto o choca? – Lembre-se de que tudo é Deus, e de que todos os nossos conceitos são apenas nuances da mente. O Universo é mental.

E-mail

thot@hotlink.com.br



O QUERER E O INEFÁVEL

O QUE QUER QUE SE PENSE DE DEUS

ELE COMO TAL SE APRESENTA



2000 - 3353

TEMA 1.255



Na palestra precedente mostramos a presença do “querer” até mesmo em nível de Transcendência, e consideramos que enquanto um ser tem “querer” ele ainda não está na Inefabilidade, pois o “querer” é uma qualidade definível. Enquanto o ser apresenta querer, ele pode vacilar entre o querer e o não querer algo.

Entre os pontos pelo qual o Dualismo não consegue se impor, o “querer” é um deles. Visto pelo enfoque dualístico o Creador usou o querer para criar, e sendo assim Ele fez uma opção entre o “querer criar” e o “não querer criar”. A visão monista dissipa essa problemática, pois, considerando basicamente o “eterno agora” - não existência de tempo linear - não pode haver o criar e o não criar, pois tudo se reduz ao “É”, condição em que todas as opções estão simultaneamente presentes. No Monismo não é precisa a expressão “querer ver a si mesmo”, e sim “ver a si mesmo”, a parte vista é que condiciona uma “visão” limitada, e não o Todo. Este “Si vê” como Todo e como Parte. Como parte pode haver linearidade temporal, mas não como Todo. O que chamamos visão limitada não indica um dualismo e sim uma setorização, por isto é que no Monismo se “o que quer que se pense de Deus, ele assim se apresenta”. Deus é um tudo que pode ser percebido por Ele mesmo como partes. Perceber como parte não indica que haja sequência temporal, ou seja, ver uma parte, depois a outra e assim por diante. Todas as partes são perceptíveis simultaneamente, apenas existe uma setorização definida por qualidades e não por seccionamento da unicidade.

Pelo enfoque dualístico não é fácil se definir ser o “querer” uma manifestação direta, primária, sempre presente do Inefável, ou se é uma manifestação secundária, algo que só veio se manifestar numa das etapas do processo creativo. No dualismo até mesmo o indefinível (Inefável) se torna definível desde que Lhe atribua um ato de decisão, uma manifestação temporal do “querer”. Nesse sentido o Monismo nos apresenta uma visão mais simples, pois aponta para uma manifestação direta, primária, uma manifestação do “querer” sempre presente, ou melhor, uma condição que não requer o “querer ver”, pois tudo já está visto simultaneamente. Neste caso o “querer” seria uma expressão do próprio Inefável, ou seja, a primeira manifestação que se pode perceber dele. Não indica uma sucessão, conseqüentemente não existindo um momento a partir do qual o “querer” se fez sentir.

Se pensarmos bem, no “eterno agora” algo para ser percebido não requer “querer” algum, pois tudo está presente. Coisa alguma pode aparecer onde não existe tempo linear, onde na verdade “tudo já está”.

A visão dualista acentua que o querer, assim como outras condições, só se tornam qualidades quando se manifestam. No Monismo a expressão “quando se manifestam” não tem sentido, pois não existe o “quando” no “tudo é”.

No Monismo qualquer manifestação é a “percepção” eterna dela mesma. Neste caso o eterno também tem sentidos diferentes nos dois sistemas - dualismo e monismo.

No Dualismo o eterno seria uma sucessão interminável, enquanto no Monismo não há sucessão alguma. No primeiro caso seria um evento que se repetiria indefinidamente, enquanto que no Monismo coisa alguma se repete, pois não há tempo linear; algo é o que é e nada mais que isto.

Na verdade o que estamos tentando explicar não é algo fácil de ser entendido, pois a nossa atividade mental é por natureza dualística, a nossa mente sente tudo como coisas separadas e isto é o que torna tão difícil ela entender a unicidade.

Na verdade consideramos o “querer”, talvez, o maior de todos os enigmas, pois dizer que ele já existe na inefabilidade é definir algo no Inefável e isto anula essa condição. Assim não se pode falar de manifestação nem direta e nem indireta do Inefável.

A mente humana tem limitações que fazem com que a própria metafísica não seja capaz de explicar as coisas além de um determinado limite. Entre a inefabilidade e a manifestabilidade se situa um limiar intransponível para a compreensão humana. Acreditamos que nem mesmo os Maiores Avatares puderam penetrar neste nível de conhecimento. Acreditamos que somente com a volta à inefabilidade é que o ser pode compreender isto. Mas aqui ainda reside uma tremenda dificuldade. Não tem sentido algum se falar da volta à inefabilidade, pois sair na inefabilidade já indica uma qualidade, o que não pode ser aplicado a Ela. Afinal há mistérios que a própria metafísica está muito distante de explicar, e quiçá jamais o consiga fazer.

Falamos, em outras palestras, sobre a Trindade da Transcendência ligada à criação. Dissemos que o Creador efetivou a criação tendo como base um triplo atributo: *Sentir* (sentiu a necessidade de criar), *Poder* (pôde criar), e *Querer* (quis criar). Na etapa que nos encontramos nestes estudos já podemos dizer que quando falamos sobre esses atributos estamos falando segundo um enfoque dualista, mas eles também podem ser definidos segundo o enfoque monista. Numa visão monista esta trindade não se fez sentir, pois não houve criação e sim percepção de um potencial expresso no “eterno agora”.

A fim de um melhor entendimento do que dissemos, usemos a analogia que fizemos num tema anterior entre o “eterno agora” e um filme cinematográfico. Falamos do filme inteiro, montado linearmente, portanto a história tendo o momento, o passado e o futuro. Esta é a forma dualista de percepção de um evento. Também falamos de uma situação em que o mesmo filme estivesse picado, separado quadro por quadro, portanto distribuído não linearmente, neste caso a estória toda estaria presente, mas sem seqüência, sem sucessão de quadros, portanto sem começo e sem fim. No conjunto de quadros todo o enredo, toda a estória seja lá qual for está presente nos quadros simultaneamente distribuídos. Pelo comportamento dualístico a mente só entenderia o filme se ele fosse apresentado seqüencialmente e para isto ela poderia “sentir” a necessidade e o “querer” de montá-lo. Por outro lado, o comportamento monista da mente não sentiria (*sentir*) a necessidade, portanto não quereria (*querer*) montar a estória linearmente desde que a presença dos quadros lhe daria a visão total da estória, independentemente dos

quadros estarem sem seqüência alguma. Para a mente funcionando em nível de monismo não se faz preciso *sentir* algum e nem *querer* algum.

O que exemplificamos analogicamente facilita o entendimento de que no “eterno agora” (a presença simultânea de todos os quadros da estória) a mente em nível de Monismo não *sente* a necessidade de enfocar alguns quadros, e nem o *querer* fazê-lo porque ela percebe independentemente de seqüências, de linearidade temporal? Na verdade nesse nível não há enfoque algum, simplesmente cada parte é o que é.

Pelo que foi dito nesta palestra, cada um de nós não é Deus “vendo” uma parte de Si, mas sim a própria existência Dele em manifestação. O ser não é uma estória linear, na verdade é algo que está no “eterno agora”, parte desta condição ainda tão difícil de ser compreendida pelas pessoas.



DEUSES E EGRÉGORAS

“O RIO FORMA-SE GOTA À

GOTA”

PROVÉRBIO POPULAR



2003- 3356

TEMA 1.419



É incontável e número de deuses que já foram adotados no mundo nas distintas civilizações e pelos povos de toda história humana. Mesmo assim, nenhum deles resistiu à inclemência do fluir do tempo. Nenhum dos deuses resistiu ao tempo, poucos foram cultuados por milênios, e se pode dizer que a maior parte deles teve vida efêmera.

Todos os dias se criam deuses e todos os dias deuses caem no esquecimento. Muitos deles existiram somente durante o tempo em que floresceu uma determinada civilização. Assim desapareceram todos os deuses da Lemúria, da Atlântida, da Antiga Grécia, do Egito, dos Sumérios, dos Persas, dos Romanos, e assim por diante. Nenhum deles resistiu ao declínio da civilização que o cultuava, assim como nenhum dos deuses das religiões atuais sobreviverá. Por certo isto se repetirá no tocante ao deus dos católicos, dos evangélicos, dos mulçumanos e das múltiplas seitas indianos e orientais. Nenhum deles conseguirá esquivar do implacável tempo cronológico.

Luminares como Jesus, Buda, e outros jamais descreveu algum Deus. Jesus se referia ao Pai, mas sem descrevê-lo. Dessa forma Ele apenas citava um *Poder Superior* sem atribuir-lhe formas ou qualidades. Quando muito Jesus disse: Bom é o Pai. O deus das religiões cristãs foi elaborado paralelamente ao desenvolvimento do Cristianismo, mas não com base em alguma descrição feita por Jesus. O Budismo é considerado uma religião que não cita nenhuma forma de Deus, pois Buda sentiu a inexistência de qualquer deus aos moldes do que as religiões descrevem.

Indaga-se então se os deuses que existiram na trajetória da epopéia humana desapareceram por serem falsos deuses. Seria uma incongruência se admitir que desde quando o homem habita na terra somente agora o verdadeiro Deus houvesse se manifestado. Se todos os povos que nos antecederam viveram no engano e que somente neste período é que Ele se deixou conhecer.

Mesmo assim, havemos de convir que nenhum Deus citado pelas religiões é único, mesmo na época atual. Evidentemente o número de deuses ainda é imenso, uns representativos das grandes sociedades e outros das minorias étnicas. O curioso é que o quadro não mudou desde milênios, ainda agora existe um imenso panteão de deuses e o homem continua admitindo que somente aquele a que a sua religião aponta por ser aceito como verdadeiro.

Na verdade a inefabilidade de Deus justifica a afirmativa de que nenhum dos deuses do passado, do presente e mesmo do futuro seja real. Os deuses preconizados pelas religiões atuais são tão efê-

meros quantos aqueles que predominaram no passado. Todos desapareceram assim como todos os atuais desaparecerão sob a névoa do tempo.

Falar da efemeridade de Deus é um sacrilégio para a quase totalidade das pessoas. Muitas pessoas estão certas de que o seu deus pessoal é o verdadeiro porque ele age. Os que pensam assim é porque desconhecem a natureza das coisas em geral e do universo em particular.²⁷

Seja qual for a filosofia, doutrina, religião, em que a mente esteja envolvida, por certo se estabelecem registros que se agrupam formando um egrégora e como tal ele passa a agir como se fosse algo real e objetivo. Assim, por meio da atividade mental, os grupamentos humanos elaboraram um enorme panteão de deuses. O deus das religiões cristãs não existe como realidade fora do nível de egrégora. Veja-se porém que a condição de egrégora não é indicativa de se tratar de uma mera idealização. Na verdade, um egrégora, mesmo não se tratando de um ser existencialmente vivo, ainda assim ele não deixa de ser algo atuante. Independentemente de não ser um ser vivo, um egrégora age como se o fosse, pois mesmo na condição de mero registro ao ser acessado pela mente através desta ele se torna um elemento ativo. Atua como um programa de informática que mesmo não sendo um ser vivo, ainda assim, ele pode comandar e exercer as mais diversas com toda precisão, até mesmo mais eficientemente que um ser “vivo” pode fazê-lo.

Consoante essas considerações podemos dizer que a totalidade dos deuses cultuados por todas as religiões na verdade não foram mais que egrégoras, formas criadas pela mente nos distintos grupamentos humanos. Um egrégora quando deixa de ser “alimentado” ele deixa de atuar. Ele só atua através da mente das pessoas, e quando estas não se fazem mais presentes o egrégora. Por se tratar de um registro e não de um ser, um egrégora nunca se extingue, mas na maioria das vezes pode deixar de agir.

Os deuses, como egrégoras, começaram a existir desde que a mente dos distintos povos os elaborou, mas em se tratando de uma expressão de registro jamais serão extintos. Muitos chegaram a ser poderosíssimos, mas tão logo a sociedade que o alimentava se extinguiu então o egrégora do deus que as pessoas cultivavam deixou de ser acessado e em sentido prático eles desapareceram com forma ativas atuantes. Em outras palavras o “deus egrégora” se torna esquecido por parte da humanidade na medida em que as pessoas esquecem aquele deus. Concomitantemente outros são cridos.

Enquanto um povo cultua um deus, ele na realidade está fortalecendo um egrégora que agirá sempre que for acessado. O egrégora retrata tudo o que houver nele sido registrado, conterà tudo aquilo com que foi “alimentado”. Por exemplo, na civilização grega antiga, Zeus nunca existiu como um ser real, mas sim como um egrégora poderosíssimo. Uma mente que estivesse ligada a ele por certo exerceria um poder fantástico. Mas quando a civilização declinou, quando Panteão do Olimpo deixou de ser considerado Zeus desapareceu com ela, bem como todos os demais deuses que compunham o Olimpo. O mesmo se pode dizer dos deuses de todos os povos. O deus dos cristãos não foge à regra, pois no dia em que outra forma de deus passar a ser aceita a imagem de deus que atualmente se tem ocidente, com certeza será extinta.

Já dissemos que o povo israelita foi ludibriado por uma força que se intitulava de Jeová, que de forma alguma corresponde ao conceito de deus dos cristãos e de muitos outros grupos religiosos. Na verdade ele é mais uma antítese do deus de outras religiões. Com isso não estamos afirmando que Jeová como ser é o demônio. Na verdade ele é um deus dotado de qualidades que consideramos inferiores, por apresentar características que refletem aquilo que muitas religiões consideram satânicas. Afirma-se isto porque os deuses das religiões ocidentais é caracterizado por amor, perdão, benevolência, indiscriminação de raças e de cor, e assim por diante, qualidades estas não encontráveis em Jeová tal como

²⁷ Ver Tema 0.038

descrito na própria Bíblia. Na verdade Jeová é um deus irado, conquistador, com discriminação racial, acatando e até mesmo no passado histórico incitando ódios, vinganças, guerras de conquista como atitudes corriqueiras. No Antigo Testamento e é de estarrecer o comportamento dos israelitas perante os seres humanos incitados por Jeová, chegando a um nível que se enquadra mais como um demônio do que como um deus misericordioso.

Visto dentro de um contexto histórico, o deus dos Hebreus (Jeová) foi elaborado a partir de qualidades desejáveis pelos hebreus. Justifica-se isso por ser a elaboração de um povo injustiçado, ao qual por milênios de existência tudo fora negado, que somente injustiças recebia de outros povos. Um povo que por mais de uma vez viveu as agruras da escravidão, da exclusão, das opressões, do degredo, e coisas assim. Como tal o povo almejava um deus que os vingasse, que os elegesse como seres eleitos, superiores racialmente, que os cobrisse de benesses compensatórias. Por tudo isto os israelitas não poderiam construir uma imagem diferente daquela que consta no Antigo Testamento. Aquela imagem de a um deus vingativo, punitivo, cruel e sanguinário, na verdade, um deus justiceiro.

Não nos cabe afirmar que Jeová seja um demônio como aquele descrito pelas igrejas Cristãs (força negativa), mas sim um egrégora formado a partir do pensamento negativo refletor dos anseios de gerações seguidas. Algo baseado no desejo de uma nação eleita em contraposição a de um povo segregado e vítima de inúmeras injunções de sua história. Como consequência, no egrégora que chamaremos Jeová foram incorporadas vinganças, desejo de supremacia, de discriminação e de tudo o mais que para outros povos são características de negatividades.

Jeová, como egrégora, é composto pelos anseios de punição contra as injustiças, vinganças, rancores, ódios e tudo o mais, resultantes das injunções da história de Israel. Não podemos dizer que Jeová seja satã, mas sim um egrégora composto por vinganças de um povo por toda a opressão que recebeu durante milênios e que refletem conduta que segundo a conceituação das religiões podem ser consideradas demoníacas.

O que foi dito de Jeová também pode ser dito a respeito de Alá cujos seguidores de Maomé se dividem em grupos. Uns que alimentam um egrégora de vingança, de punição, de ódio, etc., e outros alimentam e fortificam um de respeito, de dignidade, de compaixão e de amor.

O que revelamos sobre deuses nessa palestra é o mesmo com referência aos demônios, eles surgem, crescem e desaparecem com as civilizações. Na maioria das vezes são egrégoras, apenas.

Nessa palestra mostramos natureza de deuses e demônios, mas não negamos a existências dessas duas forças, mas não como são configuradas pelas religiões. Deus como Poder Superior existe independentemente das religiões e das elaborações mentais das pessoas; um Poder real, pleno e absoluto e eterno.

ELO ENTRE AS MANIFESTAÇÕES DE DEUS

“SE CHORAS PORQUE PERDESTES O SOL,
AS LÁGRIMAS NÃO TE DEIXARÃO VER
AS ESTRELAS!”

RABINDRANATH TAGORE



2004-3359

TEMA 1.441



Os Princípios Herméticos só podem ocorrer no mundo imanente, pois requerem espaço e tempo, que não existe no Transcendente, razão pela qual em manifestação eles devem ser considerados ilusões – Mundo de Maya. Coisa alguma pode deixar de pertencer ao “É”, assim acontece também como os Princípios Herméticos, mas ao serem ativados deixam de ser transcendência para ser imanência, deixam de ser realidades potenciais para serem ilusões manifestas. Quando elas são detectadas já o mundo não é o transcendente, mas sim o imanente. Acontece precisamente quanto o fazem certas características da mente.

Mas, se os Princípios Herméticos são ilusões por que os estudiosos do Hermetismo lhes dão tanta importância? - Isso acontece porque só se sai da ilusão pela ilusão, só se escapa de um mundo virtual por meios virtuais. Em um mundo de ilusão até as suas portas são ilusões, pois se assim não fosse lá existiriam coisas reais, e isto invalidaria o seu próprio conceito.

O filme *Matrix* retrata isto. *Neal* tanto para sair quanto para subsistir no mundo virtual, tinha que fazer uso de meios virtuais – ilusões – pois se não o fizesse sucumbiria. Foi-lhe dito que se ele morresse no mundo virtual também morreria do mundo real. Enquanto estivesse no virtual, o mundo exterior, quando muito, lhe oferecia indicação sobre alguma porta de saída, mas era ele mesmo quem tinha que tentar chegar até ela para sair. Isto é uma boa analogia entre o mundo real – *Transcendência* – e o mundo de Maya – *Imanência*. Se alguém ficar no marasmo neste mundo de *Maya*, por certo não sobreviverá e nem sairá dele enquanto não se tornar ativo, mas qualquer tipo de atividade envolve tão somente ilusões. No mundo das ilusões, somente existem ilusões para serem ativadas.

Já dissemos, quando MA entra em vibração surge o mundo criado – mundo imanente – também chamado de mundo dialético. MA não é algo, como por exemplo, uma substância. Apenas podemos definir como uma *condição* imanifesta que só se manifesta quando vibra. Quando isto acontece, em tempo zero, surge o mundo de Maya.

Vale salientar que, de todas as expressões de existência deste mundo em que vivemos, só é real a própria existência. Mas, é algo paradoxal se ter manifestações reais através de coisas irreais. O mundo de *Maya* – irreal – está eivado de manifestações diretas do Poder Superior, como, por exemplo, amor,

beleza, paz, harmonia, e uma seqüência imensa de Condições Divinas. Porém tais manifestações só podem se expressar através das coisas. Mas, como fica isso, se as coisas não são reais?. O que se manifesta no irreal não tem como ser real, logo, mesmo aquilo que julgamos ser manifestações de diretas de Deus na verdade não o são.

A mente é muito sutil, e de muitas maneiras ela ilude os seres em geral e o humano em particular. Uma dessas maneiras é a de levar a pessoa a pensar que todas aquelas qualidades consideradas divinas existem realmente. Para um melhor entendimento disto, voltemos ao filme Matrix. Todas as qualidades atribuíveis aos seres virtuais, tais como ódio de Smith – polaridade oposta ao amor – não era real, exatamente por serem manifestações no irreal – Smith. Como o virtual, Smith poderia ser ódio ou quaisquer outros sentimentos reais? SE a resposta for negativa não tem sentido real algum se falar de Amor Divino ou de outras “qualidades” equivalentes – Faces do Poder Superior – pois são expressões de inexistência. Seria um tremendo paradoxo, algo existir no inexistente.

Diante das conclusões que se chega mediante uma análise elevada a respeito de Deus, dá motivo para que o Hermético evitar fazer tentativas de atribuir-lhe quaisquer conceitos, pois sejam quais forem não são expressões da verdade. Assim muitos Lhes atribuem o nome de *Inefável*, outros de “*Sou Quem Sou*”. Pessoalmente usamos a expressão: “*O Deixa Pra Lá*”, isto sem qualquer sentido de menosprezo, mas sim pela incapacidade de dar nome a uma expressão de existência que sob nenhum conceito pode ser enquadrado. Se nada pode ser dito, então deixe pra lá. Deixe para um nível de compreensão que ainda não atingimos e nem sequer concebemos.

Muitas razões levam à dúvida de, se mesmo em nível de consciência clara é possível entender Deus. Deus Consciência por certo não Concebe o Deus Inefável. A consciência já é um dos níveis de Deus abaixo da Inefabilidade. Diz o Princípio da Correspondência: o que está abaixo é como o que está acima. Isto é verdadeiro, mas qualquer condição quer ela esteja abaixo ou acima tem que haver algo que estabeleça a distinção entre elas, do contrario o acima e o abaixo seria exatamente a mesma coisa, o que não é verdade. O que diz o Princípio da Correspondência se refere a uma condição e não exatamente a uma qualidade. Contudo em uma visão bem mais elevada o que está acima – causa básica de tudo quanto há – é igual ao que está em baixo. Em outra compreensão: Os seres são como o próprio Deus e vice-versa. Isto acontece porque, em num nível de compreensão ainda mais alto, as duas coisas sempre são uma mesma, todas as diferenciações possíveis são apenas condições impostas pela mente.

Vemos que não se podem atribuir Princípios Herméticos à existência em nível da Transcendência, pois, se assim for feito se chega diante de uma infinidade de possibilidades de existência, e isto não tem como ser intelectualizado. Contudo, já que vivemos uma condição dualística, precisamos entender as coisas neste nível. Em nível de dualidade, o que está em cima não corresponde exatamente ao que está abaixo, pois se assim não fosse não haveria descontinuidade para individualizar as formas de existências, porque sempre haveria um limite entre duas condições para torná-las distintas.

Se for tentado aplicar os Princípios Herméticos ao Transcendente, então surgem dificuldades. Tentemos considerar o *Inefável* e a *Consciência*. Para se separar a *Consciência* da *Inefabilidade* deveria existir “algo”. Seria *Fohat*? – Mas se o fosse o que separaria *Fohat* do *Inefável*? – O que separaria *Fohat* da *Consciência*? - Essas indagações se sucedem *ad infinitum*. Então o que é que existe para atender tal condição? - Já mostramos que qualquer Princípio Hermético é irreal em nível de transcendência.

Podemos dizer que sempre há um elemento limite, e sendo assim entende-se que o nosso intelecto concebe a existência de um derradeiro patamar, mas abaixo dele são infinitas as possibilidades existenciais. Por exemplo, entre a *Consciência* e *Fohat* tem que haver um elo intermediário e assim

sucessivamente, até atingir um hipotético derradeiro patamar. Então quantos derradeiros podem existir? - Número infinito.

Qual seria a “argamassa” básica que une cada patamar, existente entre tudo quanto há? - Podemos considerá-la como sendo MA, que não é um algo, mas apenas uma mera condição infinita²⁸. Embora não sendo uma “coisa”, o infinito está permeando tudo quanto se pode conceber. Apenas o mais elevado dos patamares possível é que por nada mais haver acima, então não mais existiria “elo” intermediário algum. Na verdade não existem separações em nível de transcendência. Quando nos referimos aos Níveis de Deus, é importante que se tenha em consideração que eles são meramente níveis de percepção da mente, fragmentações que não existem, portanto, não sendo mais que ilusões criadas pela mente. Assim, podemos dizer que entre o Inefável e a Consciência existe nada. Aquilo que julgamos ser duas é apenas uma só “coisa”. O que acontece é que a mente, não podendo conceber a unicidade, desdobra a unicidade separando-a por níveis. Assim não se pode buscar o “elemento” separador, porque ele não existe fora da mente.

Uma expressão que temos usado nesta palestra e em muitas outras, é “o ser”, dando a idéia de que somos um dos seres. Na verdade os seres são um só Ser. É a mente limitada quem cria a idéia da existência de seres e de sermos um deles. Na verdade não existe ser algum além de Deus. Como mente – limitação da Consciência – o Ser se apresenta como se fossem seres distintos. Assim, quando dizemos o ser percebe, o ser entende, o ser pode, etc. queremos dizer que um aspecto limitado de Deus entende algo mais de si próprio, ou seja, o seu “lado” limitado amplia-se.



²⁸ O estudo desse “elo” de união cósmica diz respeito a quinta câmara hermética.

SOBRE AS MANIFESTAÇÕES DE DEUS



2004 - 3359

TEMA 1.441



Os Princípios Herméticos só podem ocorrer no mundo imanente, razão pela qual em manifestação eles devem ser considerados ilusões. Coisa alguma pode deixar de pertencer ao “É”, assim acontece também como os Princípios Herméticos, mas ao serem ativados a transcendência passa a ser percebida como Imanência, deixam de ser realidades potenciais para serem ilusões manifestas. Quando eles são detectados já o mundo não é o transcendente, e sim o imanente. Isto acontece não apenas no que diz respeito aos P.H., mas também às demais características da mente.

Se os Princípios Herméticos são ilusões por que os estudiosos do Hermetismo lhes dão tanta importância? - Isto acontece porque se sabe que só se sai da ilusão pela ilusão, só se escapa de um mundo virtual por meios virtuais. O filme *Matrix* retrata bem isto: Neal para sair e subsistir, assim como para sair do mundo virtual tinha que fazer uso de armas virtuais, se não o fizesse sucumbiria. Até mesmo lhe foi dito que se ele morresse no mundo virtual também morreria do mundo real. Enquanto estava no virtual, o mundo exterior, quando muito, lhe oferecia indicação sobre alguma porta de saída, mas era ele mesmo quem tinha que lutar e sair. Isto é uma boa analogia entre o mundo real – Transcendência – e o mundo de Maya – Imanência. Se alguém ficar no marasmo neste mundo de *Maya*, por certo não sairá dele enquanto não se tornar ativo, e neste mundo só se conta com ilusões para serem ativadas. Se alguém não se defender mesmo neste mundo virtual, ele com certeza sucumbe, por isto tem que lançar mão de inúmeras coisas virtuais para continuar existindo.

Já dissemos que, MA quando entra em vibração surge o mundo criado – mundo imanente – também chamado de mundo dialético. MA não é algo, como por exemplo, uma substância. Apenas podemos definir como uma *condição* imanifesta que só se manifesta quando vibra, e quando isto acontece, em tempo zero, surge o *Mundo de Maya*.

Agora vale salientar que, de todas as expressões de existência deste mundo em que vivemos, só é real a própria existência. Mas, é algo paradoxal se ter manifestações reais através de coisas irreais. O *Mundo de Maya* – irreal – está eivado de manifestações diretas do Poder Superior, tais como amor, beleza, paz, harmonia, e uma sequência imensa de Condições Divinas mas que só se expressam através das coisas. Sendo assim, como é que fica isso se as coisas são irreais. Como a realidade pode ter suporte na irrealidade? O que se manifesta no irreal não tem como ser real, logo, mesmo aquilo que julgamos ser manifestações de Deus, na verdade não é.

A mente é muito sutil, e enganadora e de muitas maneiras ela ilude os seres em geral e o humano em particular. Uma dessas maneiras é levar a pessoa a pensar que todas aquelas qualidades consideradas divinas existem realmente. Voltemos ao filme *Matrix* e vamos perceber a existência de ódio em Smith. Como poderia existir ódio em imagens virtuais, ou emoções de Neal, de Trinity e das demais

imagens virtuais? Como o irreal pode apresentar qualidades reais? Quaisquer qualidades atribuíveis aos seres virtuais, tais como ódio de Smith – polaridade oposta ao amor – não era real, exatamente por serem manifestações na imagem virtual de Smith.

Em decorrência de uma imagem virtual, não poder servir de base para manifestações reais, então não tem sentido algum se falar de Amor Divino ou de tantas outras “qualidades” – Faces do Poder Superior – pois seriam expressões de existência no inexistente. Seria um tremendo paradoxo, algo existir no inexistente.

Diante das conclusões que se chega a uma análise elevada a respeito de Deus faz com que o Hermético evite tentativas de atribuir-lhe quaisquer conceitos, ou falar de qualidades de Deus pois sejam quais forem eles não são expressões da verdade. Não se pode de forma alguma fazer qualquer tipo de referência às qualidades divinas, porque todas elas são expressões no irreal, e disto advém que não são realidades. Não se pode realmente dizer que Deus é isto, ou aquilo, que Ele se manifesta como isto ou como aquilo, que tal condição é de natureza divina. Na verdade, de forma lata, em decorrência da unicidade, toda e qualquer condição pode ser considerada divina, mas não se pode particularizar qualquer sentimento se tendo como base a sua manifestação no mundo das formas e se dizer que ele é real. Onde é que se percebe o amor divino, por exemplo? Ele é percebido nos seres, nas coisas irreais. Então como pode existir algo real que se manifesta no irreal?

Por não se poder afirmar a realidade das coisas conseqüentemente também não se pode afirmar quanto à realidade das qualidades divinas. Disto resulta a condição de Inefabilidade de Deus. Muitos Lhe atribuem o nome de “Inefável”, outros de “Sou Quem Sou”. Pessoalmente preferimos usar a expressão: “O Deixa Pra Lá”. Isto sem qualquer conotação de menosprezo, mas sim pela incapacidade de dar nome a uma expressão de existência que sob nenhum conceito pode ser enquadrado. Se nada pode ser dito, então deixa pra lá. Deixa para um nível de compreensão que ainda não atingimos e nem sequer concebemos.

Muitas razões nos levam a duvidar de se mesmo em nível de consciência clara é possível entender Deus. Deus Consciência por certo não concebe Deus Inefável. A consciência já é um dos níveis de Deus abaixo da inefabilidade, então há um limite entre as duas condições. Neste caso deve existir “algo” separando a Inefabilidade da Consciência. Sendo assim o que é que existe para atender tal condição?.



DEUS E A ANDRÓGENIA

“O ACASO? É DEUS OCULTO

NO ANONIMATO”

E. PAILLERON



2004-3359

TEMA 1.442



Em muitas doutrinas Deus é considerado andrógino – masculino e feminino. Mas podemos entender isto de forma bastante simples tomando-se em consideração os Princípios Herméticos. É graças a eles que podemos entender assuntos de grande sutileza metafísica, como este que diz respeito ao sexo de Deus. Na Idade Média grandes discussões filosóficas foram estabelecidas a respeito do sexo dos anjos, especialmente entre os Teólogos da Igreja Bizantina. Mais sutil ainda foram as discussões sobre o sexo de Deus.

Nesta palestra vamos mostrar como o Hermetismo encararia isto, mesmo que não dê nenhuma importância a questionamentos dessa ordem. Mas o hermetista responde essa questão através do próprio Princípio do Gênero.

Como tudo é Deus então os Princípios Herméticos também fazem parte Dele, mas eles só se manifestam em nível do *Mundo de Maya*, mundo da ilusão. Em níveis transcendentais os princípios existem como potenciais, mas não como manifestações. É precisamente quando os P.H. se tornam perceptíveis que se configura a Ilusão da Imanência. Mas, enquanto estivermos imersos na “visão virtual” da existência, não temos como deixar de lado a presença dos P.H. e ficarmos livres de sua atuação. Na verdade é algo virtual em essência, mas muito real para o ser que estiver dentro do mundo dialético em que ele percebe existir.

Tudo nesse nível que o “ser” considera ser o mundo real, em grande parte, é fruto da ilusão da regência de Princípios Herméticos. Mas, eles só cabem em nível de dualidade, em nível de imanência, e não em nível da unicidade. No “É” não há lugar para vibração ou para qualquer um dos outros princípios. Isto nos é mostrado facilmente pela aplicação do Paradoxo de Zenão. Onde dois pólos se encontram, onde duas paralelas se encontram (Geometria Euclideana), onde o tempo e o espaço se unem (relatividade de Einstein), onde dois gêneros se fundem, assim acontecendo com qualquer um dos P. H, a não ser no Infinito?. Mas, os extremos quando se encontram na verdade eles se anulam, deixam de existir no espaço e tempo. Somente assim é que podem existir no “É”.

Duas polaridades vão se aproximando progressivamente, cada vez se tornando menor a distância entre os pólos, até chegar a um limite zero, contudo nesta condição elas deixam de existir, se anulam. Mas, já explicamos em palestra anterior, se anular não significa deixar de existir. Deixa de existir sob qualquer forma, de qualquer modo, passível de ser identificada, mas continua tal como na origem.

Vejamos como o Hermetismo responde à indagação sobre o sexo de Deus? Praticamente a resposta é impossível de ser dada pelas religiões. Se alguém perguntasse: Qual o sexo de Deus? – Muitas doutrinas elevadas responderiam que Deus é andrógino (masculino e feminino). O hermetista antes de responder indagaria sobre o nível de Deus a ser considerado. Determinadas religiões afirmam que Deus absoluto é andrógino, no que não está de acordo o Hermetismo. Andrógino é a união de duas condições, masculina e feminina, e não a anulação. Deus absoluto – níveis transcendentais – não pode ser andrógino. Isto só é possível ao nível de Deus Imanente.

Deus em níveis transcendentais, nem é uma coisa e nem é outra. Ele é totalmente neutro, em termos de gênero não é andrógino. Considerando-se o Princípio Hermético do gênero – masculino e feminino – e aproximando-se os extremos se chega a um nível zero, que ocorre no infinito. Portanto, em nível transcendental (que é o único nível real de existência), Deus não é nem uma coisa e nem é outra, pois ali não existe o Princípio do Gênero. Somente no nível de ilusão da imanência é que se pode conjecturar sobre o sexo de Deus.

Assim quando o hermetista indaga sob qual nível se estabelece a indagação ele precisa saber se a pergunta diz respeito a Brahmân ou a Brahmâ, à Força, ou ao Poder Superior; ao Deus Creador ou Deus Pai.

A Primeira pessoa da Trindade, Brahmâ pode ser considerado andrógino, masculino e feminino, Vishnu (masculino) e Shiva (feminino).

Ao nível mental, existe o mundo imanente, quando então se pode considerar que, no quinto nível mental, *Deus Pai – Kether - O Pai - Brahmâ* –²⁹ pode ser percebido como *andrógino*, pois em tal nível os gêneros estão unidos mas não estão totalmente anulados, o que não acontece no Mundo Transcendente em que os dois gêneros se anulam totalmente.

O que dissemos em termo de gênero (sexo) também pode ser estendido a todas as qualidades possíveis. Estas só existem em nível de imanência, pois em nível de transcendência há completa anulação. Todos os atributos, condições, qualidades, etc., no infinito se anulam, portanto ali, para o nosso nível de percepção, só existe o Nada. Isto é válido somente no tocante à percepção do ser, mas não de forma absoluta.

Quando se afirma Deus é isso ou aquilo, que Deus tem essa ou aquela qualidade, só é válido com referência a um dos níveis imanentes, e não transcendente, porque como Transcendente Deus é o próprio Nada. Mas, o Nada é Tudo, e como Tudo Ele é o que a mente nos revela.

Pelos próprios Princípios Herméticos se chega a compreender o porquê da afirmativa de que Deus (Transcendente) não tem quaisquer atributos ou sentimentos humanos. Isto só muda considerando-se a unicidade em que todos os atributos e sentimentos humanos são do próprio Deus, porque tudo é UM.



²⁹ Nomes da Primeira Pessoa da Trindade Cristã nas principais doutrinas básicas das religiões.

ANDRÓGINO DIVINO

“O ACASO? É DEUS OCULTO
NO ANONIMATO”
E. PAILLERON



2004-3359
TEMA 1.442



"O QUE É VISÍVEL NÃO É SENÃO
O REFLEXO DO QUE É INVISÍVEL"
Rabbi Abba

Em muitas doutrinas Deus é considerado andrógino – masculino e feminino. Podemos entender isso de forma bastante simples tomando-se em consideração os Princípios Herméticos. É graças a eles que podemos entender assuntos de grande sutileza metafísica, como este que diz respeito ao sexo de Deus. Na Idade Média, grandes discussões filosóficas foram estabelecidas a respeito do sexo dos anjos, especialmente entre os Teólogos da Igreja Bizantina. Mais sutil ainda foram as discussões sobre o sexo de Deus.

Nesta palestra vamos mostrar como o Hermetismo encararia isto, mesmo que não dê nenhuma importância a questionamentos dessa ordem. Mas o hermetista responde essa questão através do próprio Princípio do Gênero.

Como tudo é Deus então os Princípios Herméticos também fazem parte Dele, mas eles só se manifestam em nível do *Mundo de Maya*, mundo da ilusão. Em níveis transcendentais os princípios existem como potenciais, mas não como manifestações. É precisamente quando os P.H. se tornam perceptíveis que se configura a Ilusão da Imanência. Mas, enquanto estivermos imersos na “visão virtual” da existência, não temos como deixar de lado a presença dos P.H. e ficarmos livres de sua atuação. Na verdade é algo virtual em essência, mas muito real para o ser que estiver dentro do mundo dialético em que ele percebe existir.

Tudo nesse nível que o “ser” considera ser o mundo real, em grande parte, é fruto da ilusão da regência de Princípios Herméticos. Mas, eles só cabem em nível de dualidade, em nível de imanência, e não em nível da unicidade. No “É” não há lugar para vibração ou para qualquer um dos outros princípios. Isto nos é mostrado facilmente pela aplicação do Paradoxo de Zenão. Onde dois pólos se encontram, onde duas paralelas se encontram (Geometria Euclideana), onde o tempo e o espaço se unem (relatividade de Einstein), onde dois gêneros se fundem, assim acontecendo com qualquer um dos P. H., a não ser no Infinito?. Mas, os extremos quando se encontram na verdade eles se anulam, deixam de existir no espaço e tempo. Somente assim é que podem existir no “É”.

Duas polaridades vão se aproximando progressivamente, cada vez se tornando menor a distância entre os pólos, até chegar a um limite zero, contudo nesta condição elas deixam de existir, se anulam. Mas, já explicamos em palestra anterior, se anular não significa deixar de existir. Deixa de existir sob qualquer forma, de qualquer modo, passível de ser identificada, mas continua tal como na origem.

Vejamos como o Hermetismo responde à indagação sobre o sexo de Deus? Praticamente a resposta é impossível de ser dada pelas religiões. Se alguém perguntasse: Qual o sexo de Deus? – Muitas doutrinas elevadas responderiam que Deus é andrógino (masculino e feminino). O hermetista antes de responder indagaria sobre o nível de Deus a ser considerado. Determinadas religiões afirmam que Deus absoluto é andrógino, no que não está de acordo o Hermetismo. Andrógino é a união de duas condições, masculina e feminina, e não a anulação. Deus absoluto – níveis transcendentais – não pode ser andrógino. Isto só é possível ao nível de Deus Imanente.

Deus em níveis transcendentais, nem é uma coisa e nem é outra. Ele é totalmente neutro, em termos de gênero não é andrógino. Considerando-se o Princípio Hermético do gênero – masculino e feminino – e aproximando-se os extremos se chega a um nível zero, que ocorre no infinito. Portanto, em nível transcendental (que é o único nível real de existência), Deus não é nem uma coisa e nem é outra, pois ali não existe o Princípio do Gênero. Somente no nível de ilusão da imanência é que se pode conjecturar sobre o sexo de Deus.

Assim quando o hermetista indaga sob qual nível se estabelece a indagação ele precisa saber se a pergunta diz respeito a Brahmân ou a Brahmâ, à Força, ou ao Poder Superior; ao Deus Creador ou Deus Pai.

A Primeira pessoa da Trindade, Brahmâ pode ser considerado andrógino, masculino e feminino, Vishnu (masculino) e Shiva (feminino).

Ao nível mental, existe o mundo imanente, quando então se pode considerar que, no quinto nível mental, *Deus Pai – Kether - O Pai - Brahmâ* –³⁰ pode ser percebido como *andrógino*, pois em tal nível os gêneros estão unidos mas não estão totalmente anulados, o que não acontece no Mundo Transcendente em que os dois gêneros se anulam totalmente.

O que dissemos em termo de gênero (sexo) também pode ser estendido a todas as qualidades possíveis. Estas só existem em nível de imanência, pois em nível de transcendência há completa anulação. Todos os atributos, condições, qualidades, etc., no infinito se anulam, portanto ali, para o nosso nível de percepção, só existe o Nada. Isto é válido somente no tocante à percepção do ser, mas não de forma absoluta.

Quando se afirma Deus é isso ou aquilo, que Deus tem essa ou aquela qualidade, só é válido com referência a um dos níveis imanentes, e não transcendente, porque como Transcendente Deus é o próprio Nada. Mas, o Nada é Tudo, e como Tudo Ele é o que a mente nos revela.

Pelos próprios Princípios Herméticos se chega a compreender o porquê da afirmativa de que Deus (Transcendente) não tem quaisquer atributos ou sentimentos humanos. Isto só muda considerando-se a unicidade em que todos os atributos e sentimentos humanos são do próprio Deus, porque tudo é UM.

³⁰ Nomes da Primeira Pessoa da Trindade Cristã nas principais doutrinas básicas das religiões.



O ANDROGINO HERMÉTICO



DEUS CREADOR

“SE DESEJA ATINGIR O PONTO MAIS ALTO,

COMECE PELO MAIS BAIXO”

CIRO



2003 - 3356

TEMA 1.492



Segundo a Cabala e outras doutrinas, à primeira vista, faz crer que a descontinuidade – fragmentação – na representação da “Árvore da Vida” – teve início em *Binah*. Mas se sabe que isso é decorrência do Princípio da Descontinuidade. Em *Binah* se situam Sophia, na doutrina gnóstica; Osíris, na doutrina do Antigo Egito; Shiva, nas doutrinas védicas que são considerados os elementos em que ocorreu uma fragmentação. A Cabala fala da separação, mostra que a fragmentação – separação – começou após a criação do mundo. Mas, isso só tem validade se considerarmos um Mundo Imanente distinto de um Mundo Transcendente. Portanto isso se aplica somente tendo em consideração o Mundo Imanente, pois vamos ver que a descontinuidade, de certa forma, já teve início no Transcendente, contudo em tempo zero o aspecto transcendente se transformou no aspecto Imanente. A Transcendência se caracteriza pela continuidade e a Imanência pela descontinuidade, sendo assim, no mesmo instante em que surgiu o aspecto transcendente se converteu no aspecto imanente. Assim, em tempo zero ocorreu a manifestação do mundo mental criando-se a ilusão da Imanência, pois no “É” – condição única – não há lugar para qualquer descontinuidade.

Em gênesis – Bíblia Sagrada – Cap. VII – V 6. *E fez Deus a expansão, se fez a separação entre águas e águas. V 7 – E fez Deus a expansão, se fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. V 18 – E para governar o dia e a noite, e, para fazer separação entre a luz e as trevas.*

Desde a Antiguidade se comenta sobre a o momento em que ocorreu a separação, ou seja, o momento em que o Uno se manifestou em multiplicidade. Os mitos citam que a origem se situa como origem *Shiva*, na Trimûrti Indiana; ou *Sophia*, na Trindade Gnóstica; ou *Osíris*, na egípcia. Em nível de “Árvore da Vida” a multiplicidade teve início a partir de *Binah*. Contudo, podemos mostrar que a descontinuidade começou bem antes, pois a primeira manifestação do Inefável, de certa forma, já pode ser considerada uma fragmentação.

Na verdade não houve fragmentação alguma desde que fragmentação só existe em função da incapacidade da mente de perceber a totalidade do “É” – Registro Cósmico. Tudo é Um e nesse sentido não há lugar para a multiplicidade e nem para mais do que um Creador. Mas, como o objetivo desse estudo hermético não é o de conhecer a natureza íntima das coisas, mas sim o de saber como elas se nos

apresentam no campo da ilusão vamos então mostrar alguns pontos que merecem atenção especial. O objetivo básico do estudo hermético é fazer com que os seres deixem de ser escravo da mente, podendo assim se caminhar para um estado pleno de consciência. Não é relevante se saber se houve, ou se não houve, descontinuidade, o que importa é que, mesmo sendo ilusão se vivencia um mundo mental muito complexo ao qual estamos presos. Assim, é importante se dar conta dessa condição entendendo as peças que compõem a grande ilusão.

Na verdade o desdobramento teve origem muito aquém do nível de *Binah* desde que a condição do “É” se manifestou parcialmente já é indício de um desdobramento, de uma descontinuidade. Os estudos herméticos mais elevados mostram que no Transcendente já existia uma tríplice condição integrada por três aspectos: O *Ser* – querer –, a *Consciência*, e a *Mente*, além do meio em que ocorre a manifestação primordial – Fohat. Mesmo que essa divisão não seja real, que ela seja apenas uma forma da pessoa sentir a pré-existência em nível de Transcendência, ainda assim a indagação procede. Na verdade não existem coisas separadas, o que existe é um perceber limitado coma manifestação constitui a Mente. Não são três coisas distintas, mas sim três formas de manifestação.

Até mesmo o Inefável, incognoscível, ao se manifestar como cognoscível já envolve uma idéia de separatividade, é como se o desdobramento começasse em tal nível – de um lado o Incognoscível, e do outro o Cognoscível.

De todo este contexto surge muitas especulações, entre elas a de existir mais que um Creador? - Os grandes iniciados vêem o mundo como algo criado por um Ser ao qual é atribuído o nome de Creador e as religiões a existência de um Ser Creador. Citam que esse mundo foi criado e existe por um ato de vontade de Um Creador, mas surge a seguinte indagação: E se existirem mais do que um mundo, então cada um teria tido o seu próprio Creador?

A cosmologia científica vem questionando se apenas existe este universo, ou se existem outros, e se assim for quantos existem? – Metafisicamente já vimos que há uma infinidade de mundos. As doutrinas védicas, assim como a egípcia, reforçam essa idéia. As religiões indianas falam da Mônada como ponto básico de origem. Mas elas indagam quantas foram as Mônadas. Para uns foram apenas 72, para outros um número bem mais elevado, e até mesmo infinito. Quer se tratem de mundos estruturados, ou de mundos virtuais, - ilusões – tanto faz se indagar quantos mundos existem, ou quantas ilusões de mundos existem.

A Ciência tem admitido a possibilidade da existência de um indeterminado número de mundos, endossando assim a tese de algumas doutrinas, entre elas o Hermetismo, que afamam um infinito número de mundos. Assim como este que consideramos o nosso mundo tem um criador, então Ele seria comum a todos possíveis mundos? - A linha de pensamento dualístico permite se indagar quantos são seriam os Criadores. Apenas um para todos os universos ou uma para cada Universo em particular.

Este questionamento tem que ser respondido segundo um duplo conceito; o monista e o dualista. Segundo o Monismo, como tudo é UM, não há lugar para criadores, nem mesmo apara um único. Isto que chamam de Creador é tão somente uma forma – nível – da maneira do *ser* conceber Deus. Em outras palavras, apenas um dos níveis de Deus tal como Ele deve ser intelectualizado pelas pessoas. Mas, para aqueles que não levam em conta a Unicidade da existência, então cabe a indagação sobre quantos Criadores existem, desde que existam muitos universos.

Sem se considerar a multiplicidade de geratrizes de mundos, podemos dizer que a *mente criadora* é a fonte da ilusão de um, ou de múltiplos mundos. Cada mundo é um afloramento de parte do

conteúdo do “É” manifestado como mente. Como são incontáveis os afloramentos então são tantas as Mentes Criadores quanto sejam os mundos estruturados. Uma consequência da mente não ser uma é a condição da multiplicidade do existir. Quantas mentes existem? - Número talvez infinito, pois ela não é uma coisa e sim um nível de afloramento da Consciência. Cada mundo reflete um aspecto da mente, e como os mundos são incontáveis então não há somente uma Mente Criadora, na verdade de haver uma para a ilusão de cada mundo.

Trazendo para o nosso mundo o raciocínio exposto, ele teve um Creador – Mente Criadora – mas outros mundos têm cada uma a mente que o configura, ou seja, cada um tem o seu próprio Criador. Considerando Deus Creador como um dos níveis de Deus, então ao nível do Creador não há somente um, mas sim miríades deles, tantos quanto forem os mundos estruturados. Assim podemos sentir que os níveis de Deus não são divisões, mas apenas maneiras da pessoa senti-Lo e é isto o que leva à condição afirmada por algumas religiões de que só há um Deus, como com razão com razão o Maometanismo dá ênfase. Só Há um Deus, só há o Inefável, tudo o mais é apenas ângulos de entendimento de como as pessoas presas ao mundo da divisibilidade o vêem.

Quando falamos dos sete níveis de Deus não estamos falando de sete deuses distintos, e da maneira como as pessoas humanas o vêem. A distribuição sétupla diz somente respeito às formas básicas como o Inefável se manifesta. No conto do elefante, este embora ele seja único os cegos o viam em partes. Ver Deus em sete níveis é o resultado da compreensão humana – é como os cegos viram o elefante embora ele fosse um só.

Quando se fala de Deus segundo o conceito das religiões, apenas diz respeito segundo níveis de entendimento, mas não como divisões realmente distintas.

Tudo é ilusão, todos os deuses de todos os tempos e de todos os povos também foram e são meras ilusões. O que não é ilusão, aliás, a única realidade existente, é o Deus Inefável. Só Alá e Deus, todos os demais são ilusões dizem os Maometanos.

Deus como nível de criação de mundos são incontáveis, mas apenas manifestações de um único. Existe inconcebível número de Criadores, mas somente Um verdadeiro – O Inefável.



DEUSES CREADORES

“SE DESEJA ATINGIR O PONTO MAIS ALTO,
COMECE PELO MAIS BAIXO”

CIRO



2003-3356

TEMA 1.493



Segundo a Cabala e outras doutrinas, à primeira vista, faz crer que a descontinuidade – fragmentação – na representação da “Árvore da Vida” – teve início em *Binah*. Mas se sabe que isso é decorrência do Princípio da Descontinuidade. Em *Binah* se situam Sophia, na doutrina gnóstica; Osíris, na doutrina do Antigo Egito; Shiva, nas doutrinas védicas que são considerados os elementos em que ocorreu uma fragmentação. A Cabala fala da separação, mostra que a fragmentação – separação – começou após a criação do mundo. Mas, isso só tem validade se considerarmos um Mundo Imanente distinto de um Mundo Transcendente. Portanto isso se aplica somente tendo em consideração o Mundo Imanente, pois vamos ver que a descontinuidade, de certa forma, já teve início no Transcendente, contudo em tempo zero o aspecto transcendente se transformou no aspecto Imanente. A Transcendência se caracteriza pela continuidade e a Imanência pela descontinuidade, sendo assim, no mesmo instante em que surgiu o aspecto transcendente se converteu no aspecto imanente. Assim, em tempo zero ocorreu a manifestação do mundo mental criando-se a ilusão da Imanência, pois no “É” – condição única – não há lugar para qualquer descontinuidade.

Em gênesis – Bíblia Sagrada – Cap. VII – V 6. *E fez Deus a expansão, se fez a separação entre águas e águas. V 7 – E fez Deus a expansão, se fez separação entre as águas que estavam debaixo da expansão e as águas que estavam sobre a expansão. V 18 – E para governar o dia e a noite, e, para fazer separação entre a luz e as trevas.*

Desde a Antiguidade se comenta sobre a o momento em que ocorreu a separação, ou seja, o momento em que o Uno se manifestou em multiplicidade. Os mitos citam que a origem se situa como origem *Shiva*, na Trimûrti Indiana; ou *Sophia*, na Trindade Gnóstica; ou *Osíris*, na egípcia. Em nível de “Árvore da Vida” a multiplicidade teve início a partir de *Binah*. Contudo, podemos mostrar que a descontinuidade começou bem antes, pois a primeira manifestação do Inefável, de certa forma, já pode ser considerada uma fragmentação.

Na verdade não houve fragmentação alguma desde que fragmentação só existe em função da incapacidade da mente de perceber a totalidade do “É” – Registro Cósmico. Tudo é Um e nesse sentido não há lugar para a multiplicidade e nem para mais do que um Creador. Mas, como o objetivo desse estudo hermético não é o de conhecer a natureza íntima das coisas, mas sim o de saber como elas se nos apresentam no campo da ilusão vamos então mostrar alguns pontos que merecem atenção especial. O objetivo básico do estudo hermético é fazer com que os seres deixem de ser escravo da mente, podendo assim se caminhar para um estado pleno de consciência. Não é relevante se saber se houve, ou se não houve, descontinuidade, o que importa é que, mesmo sendo ilusão se vivencia um mundo mental muito

complexo ao qual estamos presos. Assim, é importante se dar conta dessa condição entendendo as peças que compõem a grande ilusão.

Na verdade o desdobramento teve origem muito aquém do nível de *Binah* desde que a condição do “É” se manifestou parcialmente já é indício de um desdobramento, de uma descontinuidade. Os estudos herméticos mais elevados mostram que no Transcendente já existia uma tríplice condição integrada por três aspectos: O *Ser* – querer –, a *Consciência*, e a *Mente*, além do meio em que ocorre a manifestação primordial – *Fohat*. Mesmo que essa divisão não seja real, que ela seja apenas uma forma da pessoa sentir a pré-existência em nível de Transcendência, ainda assim a indagação procede. Na verdade não existem coisas separadas, o que existe é um perceber limitado coma manifestação constitui a Mente. Não são três coisas distintas, mas sim três formas de manifestação.

Até mesmo o Inefável, incognoscível, ao se manifestar como cognoscível já envolve uma idéia de separatividade, é como se o desdobramento começasse em tal nível – de um lado o Incognoscível, e do outro o Cognoscível.

De todo este contexto surge muitas especulações, entre elas a de existir mais que um Creador? - Os grandes iniciados vêem o mundo como algo criado por um Ser ao qual é atribuído o nome de Creador e as religiões a existência de um Ser Creador. Citam que esse mundo foi criado e existe por um ato de vontade de Um Creador, mas surge a seguinte indagação: E se existirem mais do que um mundo, então cada um teria tido o seu próprio Creador?

A cosmologia científica vem questionando se apenas existe este universo, ou se existem outros, e se assim for quantos existem? – Metafisicamente já vimos que há uma infinidade de mundos. As doutrinas védicas, assim como a egípcia, reforçam essa idéia. As religiões indianas falam da Mônada como ponto básico de origem. Mas elas indagam quantas foram as Mônadas. Para uns foram apenas 72, para outros um número bem mais elevado, e até mesmo infinito. Quer se tratem de mundos estruturados, ou de mundos virtuais, - ilusões – tanto faz se indagar quantos mundos existem, ou quantas ilusões de mundos existem.

A Ciência tem admitido a possibilidade da existência de um indeterminado número de mundos, endossando assim a tese de algumas doutrinas, entre elas o Hermetismo, que afamam um infinito número de mundos. Assim como este que consideramos o nosso mundo tem um creador, então Ele seria comum a todos possíveis mundos? - A linha de pensamento dualístico permite se indagar quantos são seriam os Criadores. Apenas um para todos os universos ou uma para cada Universo em particular.

Este questionamento tem que ser respondido segundo um duplo conceito; o monista e o dualista. Segundo o Monismo, como tudo é UM, não há lugar para creadores, nem mesmo apara um único. Isto que chamam de Creador é tão somente uma forma – nível – da maneira do *ser* conceber Deus. Em outras palavras, apenas um dos níveis de Deus tal como Ele deve ser intelectualizado pelas pessoas. Mas, para aqueles que não levam em conta a Unicidade da existência, então cabe a indagação sobre quantos Criadores existem, desde que existam muitos universos.

Sem se considerar a multiplicidade de geratrizes de mundos, podemos dizer que a *mente creadora* é a fonte da ilusão de um, ou de múltiplos mundos. Cada mundo é um afloramento de parte do conteúdo do “É” manifestado como mente. Como são incontáveis os afloramentos então são tantas as Mentes Criadores quanto sejam os mundos estruturados. Uma consequência da mente não ser una é a condição da multiplicidade do existir. Quantas mentes existem? - Número talvez infinito, pois ela não é uma coisa e sim um nível de afloramento da Consciência. Cada mundo reflete um aspecto da mente, e

como os mundos são incontáveis então não há somente uma Mente Criadora, na verdade de haver uma para a ilusão de cada mundo.

Trazendo para o nosso mundo o raciocínio exposto, ele teve um Creador – Mente Criadora – mas outros mundos têm cada uma a mente que o configura, ou seja, cada um tem o seu próprio Criador. Considerando Deus Creador como um dos níveis de Deus, então ao nível do Creador não há somente um, mas sim miríades deles, tantos quanto forem os mundos estruturados. Assim podemos sentir que os níveis de Deus não são divisões, mas apenas maneiras da pessoa senti-Lo e é isto o que leva à condição afirmada por algumas religiões de que só há um Deus, como com razão com razão o Maometanismo dá ênfase. Só Há um Deus, só há o Inefável, tudo o mais é apenas ângulos de entendimento de como as pessoas presas ao mundo da divisibilidade o vêem.

Quando falamos dos sete níveis de Deus não estamos falando de sete deuses distintos, e da maneira como as pessoas humanas o vêem. A distribuição sétupla diz somente respeito às formas básicas como o Inefável se manifesta. No conto do elefante, este embora ele seja único os cegos o viam em partes. Ver Deus em sete níveis é o resultado da compreensão humana – é como os cegos viram o elefante embora ele fosse um só.

Quando se fala de Deus segundo o conceito das religiões, apenas diz respeito segundo níveis de entendimento, mas não como divisões realmente distintas.

Tudo é ilusão, todos os deuses de todos os tempos e de todos os povos também foram e são meras ilusões. O que não é ilusão, aliás, a única realidade existente, é o Deus Inefável. Só Alá e Deus, todos os demais são ilusões dizem os Maometanos.

Deus como nível de criação de mundos são incontáveis, mas apenas manifestações de um único. Existe inconcebível número de Criadores, mas somente Um verdadeiro – O Inefável.



SOBRE A UNICIDADE DA MENTE CREADORA

“TODAS AS FLORES DO FUTURO
ESTÃO NAS SEMENTES DE HOJE”
PROVÉRBIO CHINÊS

2006-3359-J.L.E.

TEMA 1.493



Esse mundo, que consideramos real e único, existe como se fosse um programa gravado – salvo – e arquivado. Podemos dizer que ele e outros são registros no “É”. Embora desconheçamos de que modo isso é feito, mesmo assim podemos usar uma metáfora para tender um tanto sobre isso. Compararemos a fonte creadora como um processador (computador) em que as unidades de informações são as unidades de consciência, contudo não se sabe nada a respeito da natureza íntima delas. A mente individualizada não tem como conceber o que essencialmente seja um conglomerado de informações, assim também como o arquivamento em espaço zero. Da mesma forma num computador sobre a maneira como as coisas se processam apenas se sabe que as informações são reduzidas a um sistema binário de SIM e NÃO - (0 e 1).

Nem ao menos podemos dizer se as informações contidas numa unidade de consciência dizem respeito a um conhecimento cognoscível ou incognoscível, e neste caso se constituirá um mistério perene. Seja como for, o que se sabe é que de alguma forma as informações para a criação do mundo, quer ele seja realidade ou ilusão, estão contidas em algo que chamamos de *consciência*. Usando-se a linguagem de informática: Não se sabe o que são tais unidades, desconhece-se sua natureza, não se sabe como e em que são arquivadas. Algumas doutrinas falam Fohat ³¹ – mera palavra – mas de alguma forma se sabe do que se trata em essência, assim como o modo como ocorre o processo de acesso. O que se sabe realmente é que elas são acessíveis, que as unidades de consciência são ordenadas como filamentos de luz – cordas – mas não se sabe muito mais além disso e nem ao menos como elas agem. Sabe-se que as coisas resultam da vibração das cordas, de suas aproximações ou afastamentos. A vibração das cordas estruturam e determinam as propriedades da matéria, e nada mais além disso. Indaga-se sobre os universos “fixos” – memória de disco – ignora-se que forma de mente os criou? Também não passa do nível de conjecturas se existem muitos universos fixos, e em caso afirmativo se todos foram criados por um Creador único ou se por mais de um. Diz-se que este mundo haver sido criado pelo aspecto de Deus Criador, Mente Cósmica, mas não se sabe se a Mente Cósmica é única, se o criador deste mundo é o mesmo dos demais. Todas as conjecturas são especulações cujo objeto, talvez, seja incognoscível.

Considerando que o máximo concebível seja a Consciência e que ela é única manifestando-se pela Mente, que é a própria manifestação da Consciência, logo existem tantas mentes quantas forem as expressões dela emanadas. Pode-se chamar Mente Cósmica a um somatório de manifestações da Consciência. Num sentido, portanto, ela é uma só – somatório – mas noutro sentido ela é incontável, desde que representa cada manifestação da Consciência única. Segundo essa análise não se pode dizer a rigor

³¹ Embora em nossas palestras usemos o termo Fohat ainda assim preferiríamos uma outra, porque ela tem sentido bem distinto em outros sistemas filosóficos. Os Sacerdotes do Antigo Egito falavam do meio de manifestação da consciência, mas o nome usado não tem tradução atual, talvez o que mais se aproxime se Luz Primordial, mas ainda assim pode haver confusão de sentido das palavras.

que só existe uma mente, a não se que reservemos esse termo para representar a manifestação da Consciência como totalidade – somatório.



CONCEITOS HERMÉTICOS SOBRE DEUS

“A DIVERSIDADE E A MULTIPLICIDADE
PROCEDEM DA ‘DIVISÃO’ DA UNIDADE”



2005-3358

TEMA 1.5.1
1



“*Deus está em todas as coisas como raiz e fonte de sua existência. Nada existe que não tenha uma origem, mas a fonte emana de si mesma desde que ela é a origem de tudo mais. Deus, então, é como a unidade dos números. Pois a unidade, sendo fonte e raiz de todos os números, contém em si todos os números, não sendo contida por nenhum deles. Ela gera todos os números, mas não é gerada por nenhum número. Ora tudo que é gerado é incompleto, divisível e sujeito a aumento e diminuição. Aquilo que é completo não está sujeito a nenhuma dessas coisas. Então, meu filho, acredita-me e encontrarás a senda que leva ao alto, ou melhor, a própria visão te mostrará o caminho.*”

Neste texto do diálogo de Hermes com Poimandres, Livro XI sublinhamos uma frase que merece algum esclarecimento. Evidentemente tudo o que é gerado é incompleto, divisível e sujeito a aumento e diminuição. Aquilo que é completo não está sujeito a nenhuma dessas condições. Tudo o que é gerado é parte então não pode ser completo porque se fosse completo seria o todo.

Jacob Boehme referindo-se à Unicidade diz “A Unidade eterna é a causa e o fundamento da terna Trindade”. O que significa essa eterna Trindade? - Por certo não àquela Trindades referidas nas distintas religiões expressas nas três Hipóstases dos Neoplatônicos:

Pai, Filho, Espírito	- No cristianismo
Sol, Lua, Terra	- Nas religiões naturalistas;
Osíris, Isis, Horus	- No Antigo Egito
Baal, Astarte, Mekkart	- Na Caldeia
Ozmud, Ahriman, Mithra	- Na Pérsia
Oddin, Frega, Thor	- Na Escandinávia
Brama, Vishnu – Shiva	- No Hinduísmo.
Pai, Mãe, Filho	- Mundo Biológico.
Zeus , Netuno, Plutão	- Mitologia Grega.
Aleph, Mem, Shin	- Hebraísmo

Diferentemente das religiões que conceituam Deus como uma *entidade*, como um *ser* governante de todo o Cosmos, o Hermetismo considera-o como a própria existência, a própria vida, o Nada

/Infinito/Um, o tempo, o número, e especialmente a Lei Cósmica Básica que gera e rege tudo quanto há. O Hermetismo não vê Deus como um ser dotado de mente e todos os seus atributos, incluindo até mesmo o *querer* e menos ainda algo dotado de vontade e de atos de decisão. Considera algo que está acima de qualquer conceito, mesmo o conceito de mal e de bem, desde que considera essas duas condições como coisas muito relativas. Considera que todos esses conceitos mencionados são partes do universo que basicamente é uma mera ilusão.

A mente é uma condição da natureza da Consciência que é Deus. A Tradição Hebraica, em especial a Cabala, define Deus como o “*Sou Quem Sou*”, pois qualquer tentativa de defini-lo mais afasta a pessoa do seu objetivo. Nem mesmo as expressões “Nada” ou “Inefável” são bem adequadas porque já dizem algo, são expressões que têm alguma significação, e isto é delimitá-lo. A Deus não cabe delimitação, nem mesmo a de chamá-lo de delimitado.

Segundo a Escola Pitagórica a Mônada, ou unidade é o primeiro princípio de todas as coisas e é o início dos números. O “Plano Divino” ou “Um”, e o “Plano Humano” (mundano) ou *muitos*, estão relacionados. Um se torna muitos e os muitos se unem outra vez no UM. Isto é simbolizado pela *tetractys*, que diz: $1 + 2 + 3 + 4 = 10$, sendo que o dez retorna à unidade, dá início a uma nova contagem.

A relação entre unidade e multiplicidade é comparada à queda do mundo cósmico de luz para as “trevas”, e pelos domínios do real e do material, ou seja, a união do cósmico com o material. A matéria é *quatro* e o cósmico é *três*. A união do *três* com o *quatro* gera o *sete*. Essa união é que se manifesta como criação. Isto muitas vezes é chamado de “casamento alquímico”.

Deus é comparado como o Um, que na verdade não é um número mas origem dos números. Hermes disse: “*Deus é como a unidade numérica, sendo raiz e fonte de todas as coisas. A unidade contém todos os números em si e não é contida por eles. Ela gera cada número, mas não é gerado por nenhum número*”.

“O Mestre Rosa-cruz Charles Vega Parucker em seu livro O Universo dos Números” diz: “*Os números não surgiram em da forma viva em da Mente. A potencialidade ou número existia no Absoluto. A Mente é um número auto-gerado; os seres são números manifestados. O número pré-existe aos seres e é o motivo de haver quantidade nas coisas. Um objeto tem unidade porque é patê da Unidade. O homem percebe o úmero de coisas que têm quantidade porque conhece os números e é capaz de enumerar, mas e necessário que haja números para que ele possa fazê-lo*”.

Deus, visto de fora, é uma unicidade e visto de dentro é uma multiplicidade. Como nós estamos “dentro” de Deus, então só podemos vê-lo como multiplicidade. Consideremos o exemplo da romã: Ela vista de fora é uma unicidade e de dentro uma multiplicidade. Acontece que em se tratando de Deus coisa alguma pode estar de fora para vê-lo como unicidade. O ser humano jamais pode ver, ou mesmo compreender a unicidade de Deus, só seria possível se estivesse de fora. Uma semente da romã jamais pode vê-la de fora, ou seja, vê-la como unicidade. A semente por estar dentro só pode vê-la como uma multiplicidade das sementes e algo mais. Embora não possamos perceber, e menos ainda, entender ou vivenciar, mesmo assim podemos sentir muitos dos seus atributos, pois convivemos com ela. Por constatar intimamente do Zero/Um não podemos entender o *zero*, ou mesmo o *um*. Não podemos conceber algo que não tem qualquer qualificativo que possa servir de analogia, algo existindo sem ocupar espaço, sem estar sujeito ao espaço tempo.

O Hermetismo nos leva a pensar muito sobre Deus, mas ao mesmo tempo quando o fazemos mais nos afastamos dele, pois analisaremos apenas sucessões de qualidades que são fragmentos, que são números. Para se conhecer o Um é preciso não se afastar dele, mas sim voltar a ele. Tudo o que existe provém do Um, mas é cada vez menos perfeito, idéia esta que foi expressão por Leibniz. Quanto

mais distante do Um mais o número é imperfeito e factível de erros por envolver maior quantidade de alternativas. O ser humano tanto mais se distancia de Deus mais ele se degrada.

Leibniz se refere a Deus: *“Deus é a Unidade Primordial. Todas as mônadas são produtos da mesma, delas são nascidas por emanções contínuas da Divindade. Em Deus está o poder que é a fonte de tudo, o conhecimento que contém a variedade das idéias, e a vontade que provoca mudanças ou produtos de acordo com o principio do que é melhor.”*



DEUS DE BONDAD

“TUDO QUE EXISTE PROVÉM DE UM, MAS
É CADA VEZ MENOS PERFEITO”

LEIBNIZ



2005-3358

TEMA 1.521



Quando se analisa a problemática do ser humano, e bem assim, a de todo o mundo que nos cerca, se é levado a por em dúvida a Justiça Divina, e até mesmo a Bondade de Deus. Esse questionamento é milenar, tanto é assim que os Gnósticos Valentinianos já duvidavam que o mundo houvesse sido criado por um Deus de Bondade e isso os levava a admitir que a criação se efetivara pela ação de um ser malévolo ao qual atribuíam o nome de Demiurgo.³²

Não é fácil se justificar o que disse Leibniz: “Deus é a Unidade primordial e é perfeito. Tudo que existe vem de Deus, mas as coisas que existem são cada vez menos perfeitas”.

No Tema 0.001 tentamos precisamente auxiliar pessoas no entendimento da justiça de Deus frente ao sofrimento humano. Sempre as religiões procuraram maneiras de conciliar o sofrimento humano com um Ser – Deus – cuja essência é o amor, a bondade, e a justiça. Naquela palestra inicial ainda não era possível chegar a uma análise mais profunda de tal problemática, pois se carecia de base sobre a natureza do Universo e do existir. Naquela fase as bases do Hermetismo ainda não haviam sido apresentadas aos discípulos desse estudo que estamos fazendo por vários anos. Em diversas palestras no curso dessa série de temas fomos progressivamente mostrando o lado predador da criação, mostramos que tudo no universo é destrutivo, desde a interação entre as partículas constitutivas dos átomos até os imensos sistemas siderais, e igualmente no relacionamento entre os seres vivos. Sempre nos defrontamos com uma forma de vida para que para subsistir tenha que destruírem outras e assim sucessivamente, chegando-se a nos darmos conta de que realmente vivemos no Mundo de Shiva³³, em que não há possibilidade de se construir seja o que for, sem que se destrua. Até mesmo para a “construção” de formas de existência a partir do “nada” ainda este tem que ser eliminado, destruído. A existência do *Tudo* implica na eliminação do *Nada*, a regra, portanto, é a mesma.

No Tema 0.001 abordamos mais o lado das encarnações, mostrando que a justificativa das religiões para justificar o sofrimento dos seres humanos reside naquilo que chamam de “carma”. A Lei do “carma” tenta justificar que os sofrimentos seriam devidos às ofensas cometidas em vidas passadas, portanto uma forma de pagamento inexorável de débitos. Aquilo que se faz numa vida inexoravelmente deve ser pago em uma outra. O processo de liquidação seria regido pela Lei do “carma”, ou Lei do Merecimento, que diz que não se paga sem que se mereça, que todo o sofrimento que um ser humano infli-

³² Esta palestra para ser bem compreendida requer que preliminarmente seja lida a 0.001 – A JUSTIÇA DIVINA

³³ Deus da destruição da “trindade” bramânica.

ge a um outro ser implica em uma dívida a ser paga, portanto que o sofrimento é uma forma de resgate de algum débito espiritual. Seria o cumprimento da Lei de Causa e Efeito.

A Lei do “carma”, tal como é descrita funciona como um bálsamo, uma forma de atender dirimir a dúvida de muitas pessoas quanto à razão do sofrimento, mas se ela for analisada com atenção se verá que a situação permanece a mesma, que há uma injustiça no sofrimento.

O Tema 0.001 já mostra que a Lei do “carma”, Lei do Merecimento, não é suficiente para justificar a causa do sofrimento, pois leva à admissão de que tem que ter havido uma vez primeira, uma vez em que um inocente sofreu sem merecer, dando tendo início, então, a série de encarnações ligadas a sofrimentos. Ela pode justificar o sofrimento em níveis intermediários, mas não em nível inicial. Alguém sofre porque fez outro sofrer, este por ter feito outro sofrer e assim sucessivamente, contudo essa seqüência, inexoravelmente chega a um nível em que alguém tem que haver sido vítima sem haver sido algoz, portanto que haja sofrido sem merecer, do contrário aquela cadeia tenderia ao infinito, nunca se chegar ao primeiro sofredor.

Algumas doutrinas, entre elas o Gnosticismo Cristão criador do Mito de *Sophia*, e outras com idêntico pensamento que usam distintos nomes substitutivos de *Sophia*, a colocam como sendo a primeira culpada. *Sophia* se viu dominada pela vaidade, orgulho, prepotência, que lhe condicionaram a queda, o “mergulho no mar dos espelhos” em busca do Pai, mas ali só encontrou com reflexos. Então todos os sofrimentos resultariam da “queda de *Sophia*”, ela seria a causa primeira do sofrimento, da natureza destrutiva, aparentemente inerente à criação. Concluímos aquela palestra levando a pessoa até esse nível da “criação” dos espíritos. Mas ele na verdade é apenas um degrau na escalada. Agora o discípulo já tem condições de entender que essa conclusão não basta, por surge uma outra indagação: Por que *Sophia* foi “punida” porque ela teve que enfrentar os sofrimentos inerentes ao “oceano de espelhos” que é a vida encarnada e sujei à ação da “roda das encarnações”? Ela que queria “ver o Pai” foi punida – Possivelmente alguém responda dizendo que o sofrimento não é decorrente de *Sophia* querer ver o Pai, mas que tal desejo não refletia uma decisão por amor, e sim por vaidade, por querer se colocar no mesmo nível do Pai, por ser egoísta. Mas, a indagação persiste: Que culpa teria ela em ser egoísta, em ser orgulhosa, em ser prepotente. Ser vulnerável a tais sentimentos? – Se ela foi criada com essas possibilidades, então tem que ser considerado o criador do egoísmo, da vaidade, e nesse caso *Sophia* sai do lugar de primeira causado do sofrimento passando então a ocupar o lugar de vítima. Desta forma a causa da natureza predatória criadora do sofrimento é afastada para um nível acima, para um causador situado em um patamar que precede ao de *Sophia*.

O estudo do Hermetismo ao nível da Segunda Câmara enfatiza a enorme importância que dos códigos desempenham no processo do desenvolvimento espiritual. Detendo-se nesse nível se poderia até dizer que as vicissitudes das encarnações não são devidas a uma punição, mas sim à violação de códigos aceitos, pois do infringir um código resulta a culpa, que por sua vez gera o remorso, e conseqüente o sofrimento, e o inferno de cada um. Por isso, vez se diz que o erro de *Sophia* foi a criação de códigos.

Em certo sentido a criação de códigos pode até ser usado como justificativa para a causa dos sofrimentos. Pode até justificar a causa do sofrimento humano, a causa daquilo que impropriamente é chamado de “carma”, mas isso não é tudo, pois não justifica a natureza predatória do universo, o sofrimento dos animais³⁴. Os animais não têm códigos pelos quais se julguem culpados, e menos ainda a maioria dos elementos constitutivos do universo que embora não tenham códigos ainda assim integram

³⁴ Algumas doutrinas admitem que os animais também sejam espíritos em desenvolvimento, os quais são descendentes de *Sophia*, portanto enquadram-se no mesmo contexto dos seres humanos. Outras doutrinas separam os animais em dois grupos distintos, um composto pelos animais que têm um espírito em desenvolvimento, e outros que não têm.

a natureza predatória do universo em que desde as partículas subatômicas até os gigantescos sistemas siderais, existem se destruindo mutuamente, portanto todos ligados à natureza predatória. Neste caso não existem códigos aceitos que possa ser violados pelo que um sistema destrói outro.

Pela *teoria dos códigos* se pode dizer que *Sophia* escolheu opções de sofrimentos, mas indaga-se porque ela não teve o discernimento necessário para separar as coisas, porque nela existia uma limitação que não era de sua escolha? Porque tomou decisões cujas implicações geraram sofrimentos. Ela fez uso da geração de códigos, mas não foi a criadora de códigos como fonte de culpa. Na verdade nada muda no tocante à causa primeira do sofrimento. Ela criou códigos, mas não foi a criadora da capacidade de gerá-los. Ela na verdade não criou códigos, mas apenas os tornou ativos, quando ainda não se apresentava nenhum. Com os códigos ocorreu a culpa, a condenação, o sofrimento, as decisões erradas, e daí a necessidade de se desenvolver (= tirar os envoltórios eliminando os códigos aceitos), etc. Certas doutrinas dizem que a queda de *Sophia* consistiu precisamente na criação de códigos seguido da violação deles. Os criou e neles se “emaranhou”. Até mesmo as partes dela que ainda não voltaram a integrar a Trindade continua ainda gerando códigos e seguidamente os infringindo. Continuam gerando códigos e os violando, e conseqüentemente se sentindo culpados e condenados por infringi-los. Neste caso, aparentemente Deus nada teria a ver com isso, pois o espírito seria vítima da culpa e não de um castigo. Mas novamente aflora a indagação: Então por que o Creador permitiu a existência dos códigos.

Vemos que a problemática que estamos analisando deve ser considerada sob dois modos, um que diz respeito ao sofrimento propriamente, e o outro que diz respeito à natureza predatória no universo.



DEUS DE JUSTIÇA E O CARMA

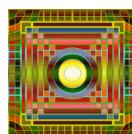
“O BEM QUEM SABE É QUEM
RECEBE”

M.G.



2005- 3358

TEMA 1.522



O conceito hermético de “carma” visto pela V.O.H. é bem diferente daquele ensinado pelos sistemas místicos com base nas doutrinas orientais. Para estas o “carma” é uma forma de punição, algo que acontece à revelia do desejo do espírito, sendo assim tratar-se-ia de uma punição ministrada através da Lei de Causa e Efeito. É curioso que, embora o Hermetismo seja o sistema que primeiro citou a existência dos Sete Princípios Básicos³⁵ (Princípios de Hermes), entre este o de *Causa e Efeito*, ainda assim ela afirma que não é este o responsável direto pelo “carma”.

Na visão oriental o “carma” é uma punição baseada na Lei de Causa e Efeito, enquanto que na visão Hermética se trata de uma opção de escolha, como veremos em outra palestra. Ao espírito que encarna não é diretamente imposta qualquer condenação, qualquer punição, por mais errado que o considerem, a não ser por ele mesmo e é ele quem escolhe essa condição que vem a ser conhecida como carma. Nesse sentido não existe o Deus que castiga.

Em muitas épocas da história, assim como atualmente em menor frequência, as religiões falavam de um Deus com um ser pessoal, vingativo, punitivo, irado. Esse conceito, com o tempo, foi sendo desfeito, vindo então a se falar de um Deus de Amor, de um Deus de bondade. Mas, essa nova visão, quando confrontada com o porquê do sofrimento cria o questionamento de como admitir um Ser Todo Poderoso e ao mesmo tempo um Ser de Amor e Bondade, permite o a manifestação do mal, especialmente no que diz respeito ao sofrimento dos seres. Como Todo Poderoso indaga-se então porque Ele criou um mundo predador, porque não um modelo diferente, um modelo de Luz, Paz e Amor, em que a vida não tivesse que se alimentar de vida, e as interações dos elementos da natureza se processasse de modo diferente.

Segundo a visão hermética a Lei de Causa e Efeito não está envolvida diretamente com o sofrimento das pessoas. Não é pelo ato de fazer, ou de não fazer algo, que a pessoa é punida por Deus. Ela é punida por ela mesma em decorrência da infrigência de códigos. Sempre que um código é violado o espírito se sente culpado, tem remorso, e conseqüentemente ele sofre.

As mazelas de vida das pessoas são consideradas resultantes do cumprimento do “carma” e que este independe do desejo do espírito. Na verdade não é assim. Quando o espírito desencarna levando uma grande quantidade de códigos, ele sente-se culpado pela infrigência deles. Toma ciência disso e quer reparar os possíveis danos, corrigir a causa que motivou aquela infrigência. Se ele prejudicou a

³⁵ Incluem-se mais cinco complementares.

alguém, então sente o peso da culpa porque algum dos seus códigos aceitos dizem que aquilo é crime, é pecado, ou coisas assim. Ele sente pesar sobre si a culpa oriunda de haver infringido um código aceito por ele, quer esse código seja de natureza pessoal, social, familiar e especialmente religioso, ou outros.

O espírito fora da matéria, ou seja, quando desencarnado tem uma visão bem mais ampla do que quando está confinado em um corpo material denso. Assim ele pode sentir que por ter agido mal, segundo algum dos seus códigos, tem que corrigir aquilo para poder se desenvolver, para ir para o “céu”, conquistar o paraíso, ou coisas assim. Ele ignora que o desenvolvimento não se processa por conta de se punir pelo código que infringiu, e menos ainda por castigo divino, mas sim pela eliminação dos códigos. Nesta situação ele pede para voltar em uma condição que considera poder saldar aquilo que ele considera culpa. Por exemplo, se abusou da riqueza ele tenta uma das duas condições, ou nascer muito pobre, até mesmo miserável para sentir o peso da pobreza, ou muito rico para tentar não fazer mal uso da riqueza. Nisto resulta a grande diferença do sentido de carma entre o conceito hermético e o bramânico.

Nas doutrinas orientais o carma é um castigo, algo que queira ou não o espírito tem que passar por ele. Num caso de negativo do exemplo dado no parágrafo anterior, o da pobreza e miserabilidade, as doutrinas orientais e derivadas, dizem que aquilo é resultado do carma que foi imposto àquela pessoa pela Justiça Divina. Enquanto isto, tal como é apresentado pela linha do Hermetismo V□O□H□ se diz que o carma é o atendimento a um pedido do espírito. É o desejo firme do espírito quem dita o tipo de encarnação que ele vai ter. Neste caso as vicissitudes em vez das serem uma penalidade, na verdade são uma benção, algo dado pela “misericórdia divina”. As leis de Deus dão margem a que o espírito atenda ao anseio originário da culpa que acredita ter. Se ele não sentir culpa não voltará a encarnar para resgatar coisa alguma. No carma dos orientais se faz presente um jugo punitivo, inexorável, enquanto que no hermético se faz sentir a misericórdia pelo atendimento a uma condição desejada pelo próprio espírito por acreditar ser justa. A diferença reside no fato de que, em um caso Deus é punitivo, no outro é misericordioso.

Surge um questionamento que pode ser levantado com base no conceito hermético de carma, conforme foi apresentado. Normalmente se vê grandes sofredores, pessoas que se desesperam com a própria vida, e sendo assim como dizer que aquilo foi escolha própria? - Para eles e para outros, aquilo parece um castigo, ou seja um terrível carma. Mas na verdade não é castigo e sim escolha pois o espírito só vivencia aquilo que ele pediu. O que acontece é que muitas vezes ele, na condição incorpórea, em que a escala de valores é um tanto diferente daquela presente na corpórea, pensa que pode suportar determinadas condições que julga que precisa passar, mas quando a pena pedida se apresenta ele se desespera, especialmente porque ao nascer o espírito esquece a quase totalidade de tudo o que vivenciou na vida extracorpórea. Mesmo aqui Deus não quer sofrimento algum, o espírito baseado na “cegueira” existencial é quem se condena e quem escolhe a forma de um resgate que não é imposto por Deus. O sofrimento existe como potencial, como polaridade oposta do prazer, mas isto não indica que seja para ser vivenciado.

Quanto àquilo que o espírito pediu em termo de vida para outra encarnação; aquilo que ele julga ser o preço a ser pago pelo que fez se apresenta, então faz sentir, o espírito que ao encarnar esquece muito de tudo (vazio ou vácuo do esquecimento) se desesperar e por não se lembrar que tudo aquilo pelo que está passando é tão somente fruto do atendimento de uma condição pedida por ele mesmo. Na existência, tudo aquilo que se pede ³⁶ firmemente, com fé, acontece, por isto no caso do carma tudo o

³⁶ M.G. disse: Tudo acontece pelo pedido.

que acontece é fruto do desejo espiritual. Muitas vezes o espírito no afã de se sentir livre da culpa, por iniciativa própria, pede meios de resgate, vezes um resgate muito alto sem saber que nada daquilo é necessário, que tudo resulta da violação de um código adotado por ele e não imposto por Deus. Nem o código, nem a culpa se faz por castigo de Deus. Todo espírito é liberto para fazer o que bem quiser, mas para isso ele precisa anular os códigos e isso evidentemente não é fácil, desde que o anular códigos significa o próprio desenvolvimento espiritual.

A gênese do carma reside na culpa, no assumir um débito que a rigor não deve existir. Assumida a dívida (culpa auto-imputada pela violação de algum código, vezes criado por ele mesmo) então o espírito se julga na obrigação de saldá-la. É como uma pessoa que contrai uma dívida e vai ao banco em busca de um financiamento, assumindo formas de pagamento que mais tarde se faz sentir impossíveis de efetivá-las. Para saldar compromissos vezes a pessoa assume formas de resgate que depois verá não ter condições de cumprir daquela forma. Vezes uma pessoa diante de lojas compra coisas que naquele momento acreditar poder pagar, mas que na hora do pagamento se desespera, sentindo que não tem como cumprir com o compromisso assumido. Resta ao comprador duas soluções: Ou “passar um calote” o que gerará mais culpa, ou conseguir dividir as parcelas. No caso de compromissos espirituais acontece o mesmo, o espírito pelas ações pode atenuar o sofrimento (semelhante a dividir o débito ou ser perdoado dele no todo ou em parte), acreditando que “queimou” parte do seu carma com ações que considera positivas, altruístas. Na verdade esse processo é basicamente pessoal, o que acontece em casos assim é que ocorre é uma diminuição da culpa, o espírito se sente um tanto menos culpado. Não acontece que alguém haja perdoado o carma dele, a não ser ele mesmo. Na a visão de carma oriental cabe o lugar de existir alguém fora do próprio espírito que atenuar o débito, cabe um perdão de Deus. Na verdade não existe perdão algum, desde que o perdão só existe pela admissão de culpa. Se Deus não condena, não impõe carma, Ele também não é quem perdoa. Quem impõe carma é o próprio ser, então é ele mesmo quem se perdoa. Se perdoa por tirar de si a culpa, por acreditar que já saldou um tanto da dívida que acredita ter.



O DEUS QUE NÃO CONDENA

“TODO O UNIVERSO ESTÁ
CONTIDO NO UM”
LEIBNIZ



2005-3358

TEMA 1.523



O Hermetismo facilita muito o entendimento dos atributos de Deus porque é uma das doutrinas que faz a pessoa entender o mundo, tanto como unicidade quanto como multiplicidade. Quando fala de Deus na unicidade, em que se situam todas as condições existentes o Hermetismo tal como ensinado na V□O□H□, fala do Ser, a forma absoluta e única de existência e que por sua condição de inefabilidade pode ser considerado destituído de todos os atributos inclusive os mentais.

Outro ponto muito significativo diz respeito à maneira de distribuição em sete níveis de todas as expressões da existência. Como tudo provém de Deus, então se pode “localizar” Deus em cada um dos sete níveis básicos, por isso o Hermetismo fala dos “sete níveis de Deus”. Partindo da premissa de que tudo provém do Um, portanto provém de Deus, então cada coisa, ou grupo de coisas deve refletir condições de manifestação Divina do nível que está sendo considerado. Por exemplo, Deus Creador diz respeito à criação e não precisamente às coisas já criadas, ao mundo imanente.

Quando se analisa coisas terrenas, condições próprias desse plano, não se pode dizer que elas sejam decisões diretas de Deus Creador, e sim manifestações, expressões de um patamar mais inferior. Não existe uma qualidade, uma lei, ou uma coisa que não esteja na esfera de um dos níveis de Deus.

Como tudo provém de Deus, de certa forma, tudo o que existe, e que diz respeito ao mundo material, não deixa de ser uma manifestação de Deus desde que tudo tem origem Nele. Como tudo provém de Deus direta ou indiretamente, coisas como sentimentos humanos, vingança, rancor, julgamento, punição, etc. não são manifestações Dele em nível de Criador e menos ainda em níveis superiores, mas sim de níveis inferiores de manifestação.

Quando se fala castigo de Deus, cólera divina, e coisas assim, na verdade não se está falando de Deus em manifestação transcendente, e sim em manifestações imanentes – Deus que é a própria essência da pessoa.

Não se pode negar que todos os sentimentos, tanto aqueles que as pessoas consideram inferiores quanto superiores, são atributos inerentes a Deus – UM –, pois não existe mais que essa origem para tudo quanto há. Então, Deus pode ser tido como vingativo, rancoroso, punitivo, destruidor, protetor, etc. em suma, um ser com todos os atributos do próprio ser humano. É verdade que sentimos certa dificuldade em ter que admitir um Deus malicioso, soberbo, orgulhoso, ciumento, vaidoso; portanto dotado de predicados que não aceitamos. Mas, se tais coisas não estivessem presentes em Deus, então que origem elas teriam, desde que tudo é Unicidade? O que podemos afirmar é que nos níveis acima da criação Deus é unificador, não tem qualidades emocionais, não sente pesar e nem qualquer outro aspecto próprios da mente. Na verdade em seu nível de inefabilidade, ele não tem mente e conseqüentemente

não tem sentimentos, tanto os que consideramos negativos, quanto os que consideramos positivos. Nesta condição não se pode dizer que Deus condene quem ou o que quer que seja. Se não tem sentimentos não pode condenar, e ainda mais como todos os seres são Deus, então qualquer condenação equivaleria a Deus condenar a Si mesmo. Deus em nível de seres humanos, e em níveis adjacentes pode condenar, mas não Deus em nível transcendente.

Quando se fala que deus pune ou coisa equivalente, se está falando Dele se manifestando e agindo no nível dos seres humanos. Jesus disse: Vós sois Deus, então é essa manifestação de Deus como seres quem tem capacidade de julgar e de condenar e de aplicar castigos. Fora da Imanência, Deus não julga, isso só tem lugar no nível humano de Deus. Já falamos que quem se pune, quem impõe carma, é o próprio ser e não Deus de nível transcendente. Mas, como os seres são manifestações de Deus, então nesse nível ele pune, tem ira, e todos os atributos dos seres humanos. O ser humano em essência não é algo distinto de Deus, apenas um dos Seus níveis, um dos Seus aspectos. Assim, quando dizemos que Deus não pune estamos falando do seu nível Transcendente.

As religiões que falavam de Deus como um ser colérico, como um ser raivoso, vingativo, cioso e coisas assim, estavam falando dos níveis mais inferiores da seqüência de sete – aspectos imanentes inferiores. Por seu turno, as doutrinas mais metafísicas quando falam a respeito de Deus geralmente indicam qual o nível que está sendo abordado. Quando falam de Deus geralmente isso diz respeito a um dos 4 níveis transcendentais. Neste caso Deus não é passional, na verdade se trata de um Ser sem paixões, sem sentimentos, conseqüentemente sem julgamentos, sem condenações. Porque se diz isso, algo que parece violentar os sentimentos humanos? Porque no Transcendente não há espaço, não há tempo, não são operantes os princípios herméticos, não há códigos geradores de culpa. Tudo simplesmente “É”, há somente o chamado *Eterno Agora* em que tudo está contido e presente, mesmo que em um estado que não podemos entender em profundidade. Mas podemos entender uma coisa; em uma condição em que tudo está presente, em que só existe Um, não há lugar para egoísmo, pois não existe o “esse é meu”, não existe sentido de posse pois tudo quanto existe está inerente ao próprio Ser sem que exista alguém de fora para disputar.

No Eterno Agora não há querer porque não há opção de escolha. Querer requer escolha, onde tudo está presente não tem o que ser escolhido, pois ali está a totalidade. Não tem como querer isso ou aquilo porque tudo já está, já pertence. Não tem passado nem futuro, pois tudo simplesmente é, assim não tem nem mesmo tempo seqüência para existir pensamento de desejo. Pensar em que se tudo está presente, sentir o que se nada existe que seja complexo e envolva condições ausentes?. Por tudo isso e muito mais se pode dizer que Deus ao nível do “É” não sente, não pensa, não imagina, não precisa de memória como todos os demais atributos da mente. Na verdade é um Ser demente (sem mente). Não tem ansiedade porque não existe o vir a acontecer – futuro. Tudo já é, não existe resultados, não existem esperanças. Esperar o que, se não existe o tempo linear para ditar o porvir.

Na seqüência sétupla de manifestações divinas, aquelas ligadas à Transcendência não tem como julgar e nem ser julgado. Como, se o que, ou o porquê de algo ou de qualquer condição inexiste daí que sentido tem condenar, ou punir?

Pelo que foi exposto se pode concluir que a Manifestação de Deus no nível do transcendente é totalmente impessoal, sem quaisquer dos atributos peculiares das da Imanência. Para manifestar qualidades da Imanência Ele deixa de se manifestar como Transcendente para se manifestar como Imanente. A imanência é apenas uma manifestação limitada da própria Transcendência. Por isso dizemos que não existe um “deus separado” que castigue a pessoa, que aplique carma, a não ser aquela expressão Dele que se manifesta como os próprios seres. Qualquer punição é imposta pelo próprio ser – Deus imanente

no próprio ser – e não por Deus transcendental. Só se pode dizer que Deus se Ele for visto como a partícula divina que existe em cada um. Jesus disse: Vós sois Deus. É esse o Deus que pune. Na verdade não deixa de ser o Deus único, porém em nível de manifestação individual.

Acreditamos que essa exposição do hermetismo responde pela incongruência que existe na admissão de Deus punitivo versus Deus de bondade. Quem se pune é o próprio ser por assumir a culpa por um ato que viole um dos seus códigos.

Conclusão: Não existe Deus que condene, fora de nós.

Todas as vicissitudes inerentes à encanação são fruto de auto-condenações e não punições impostas por Deus. Isso faz desmoronar todos os conceitos orientais de Carma. Para as doutrinas orientais carma é uma punição imposta por Deus, enquanto no Hermetismo ele é uma autopunição. A VOH encontra eco para tão afirmativa na própria cena da crucificação, quando disse a Dimas, um dos ladrões que juntamente com ele estava sendo crucificado; *“Senhor, lembra-te de mim quando estiveres no paraíso”* ao que Jesus respondeu: *“Hoje mesmo estará comigo no paraíso”*. Nesse caso Dimas não tinha carma como ladrão condenado, ou Jesus passou por cima das leis espirituais e o presenteou com o paraíso apenas por ele haver repreendido o outro ladrão?.

Deus Supremo não condena



EGRÉGORAS E FORMAS DE PENSAMENTO

“OS HUMANOS NÃO SÃO OS ÚNICOS
SERES COM MENTES PODEROSAS”

MIGUEL RUIZ



2000 - 3353
TEMA 1.866



M. NADA

A Mente humana não é confiável, mas, por outro lado, ela é poderosíssima, tanto que é capaz de gerar o mundo pessoal. Todas as coisas existentes no Mundo Imanente são susceptíveis de ser modificada pela Mente.

A mente impregna qualquer coisa com modelos energéticos, e dependendo daquilo que é gravado podem ocorrer objetos que caracterizam tanto a magia branca quanto a magia negra. Assim são construídos os fetiches, os talismãs e outros objetos de poder. São objetos impregnados de gravações de modelos energéticos.

As Doutrinas falam de mentores, de seres que dirigem, que atuam resolvendo problemas, mas isso não quer dizer que aquela expressão seja necessariamente a de um espírito que haja vivido encarnado na terra. Mesmo assim deixam de ter um poder e agir como se houvesse aqui habitado, e portanto nem por isso ser menos eficiente.

O Espiritismo fala muito das atividades de um médico – Bezerra de Menezes – que os opositores dessa doutrina afirmam jamais haver existido encarnado na terra. Mas, de uma ou de outra forma o efeito é sempre o mesmo, o ter vivido como pessoa humana não tem significação, pois o que importa é a capacidade dele poder agir ativamente, que seja um espírito desencarnado, quer um egrégora, quer uma forma de pensamento – criação mental.

De acordo com a tradição tolteca, “*Tudo o que existe é um único ser vivo, que se manifesta criando todas as coisas que podemos perceber e todas as coisas que não podemos perceber*”.

Assim não interessa o haver existido encarnado, como não, não há diferença básica.

Um ser cultuado por centenas de milhares de mentes, por mentes, às vezes muito poderoso, unido cria um egrégora e mesmo uma forma astral, que segundo a tradição tolteca, é algo vivo.

“*Alguns videntes conseguem ver a energia mental características de uma pessoa no campo energético que cerca o corpo...*”.

Mentes vibrando em uníssono têm um imenso poder criador.

Sabe-se que no Tibet é comum uma pessoa materializar uma forma etérea e identificá-la a um ponto em que aquela forma passa agir como se fosse um ser, humano ou mesmo um animal. *Alexandra*

Davi Neal quando viveu no Tibet, com auxilio de alguns Lamas, materializou uma forma de pensamento, um “guarda-costas” eu a acompanhada em suas caminhadas defendendo-a fisicamente. Sendo assim porque entidades com Bezerra de Menezes, Dr. Fritz e muitos outros seres, mesmo que não hajam tido vida carnal, não podem existir? Eles existem, são vivos e atuam normalmente. No Espiritismo é citado um médico chamado Dr. Fritz que age fisicamente em tratamentos de doenças, faz cirurgias e outras formas de tratamento médico em nível corporal. Na verdade ele existe porque a mente combinada de milhares de adeptos atua de forma a cristalizar uma forma etérea.

Assim também acontece com muitos Mestres Ascencionados, podem ser criações mentais, mas com isso não queremos dizer que eles não existem e não atuam. São como que egrégoras de onde determinadas qualidades emanam, qualidades essas que foram sendo impregnada por milhares de depts e de anos. Isso é uma forma de dar certa forma de vida a seres mentalmente criados.

Atualmente Saint Germain tem sido muito cultuado, e não tenham dúvida da existência de um estado de egrégora, futricando a imagem mental. Na verdade ele viveu encarnado na Europa, mas o seu poder cresceu à custa da devoção que lhes são atribuídas nos anos recentes. No meio se pode dizer de centenas de santos da igreja católica, Lourdes, Fátima, Maria Madalena e tantos outros que compõem o panteão de santos dessa Igreja. Mesmo os que não existiram fisicamente hoje existem como formas de pensamento, mas nem por isso merecem menos respeito. Não interessa que um dos “santos” haja ou não existido.

Muito maior numero são os seres cultuados pelas religiões orientais.

No Brasil, os cultos afro-brasileiros criaram uma série de entidades, que não existiram em carne. Mas, da forma como os santos eles têm a mesma capacidade de operarem, de atenderem pedidos, etc.

Um egrégora não se dissipa totalmente, ele pode permanecer inativo por tempo indeterminada, assim também as forma de pensamentos. Quando não cultuada uma forma de pensamento pode deixar de atuar, mas não desaparecer, a não ser através de uma ação mental com tal objetivo. Alexandra Davi Neal, que tinha uma forma mental cristalizada cuja função era protegê-la, afirma que bem mais difícil do que criá-la foi dissipá-la.

Praticamente miríades de deuses ou equivalente, cridos pelas incontáveis religiões, continuam existindo, mas de forma inativa – adormecidos – podendo voltar a atuar a qualquer momento desde que seja ativado pelo numero suficiente de mentes. Todo o Panteão do Egito, da Grécia e de Roma enquadram-se nessa condição. Zeus, Apolo, Netuno, Hermes e todos os componentes da cultura grega forma energeticamente bem reais. Com o ocaso da civilização grega eles deixaram de ser alimentados com a energia das miríades de mentes, e assim entraram em um estado de “stand by”. Naturalmente podem voltar à atividade desde o momento em que houver um abastecimento mental – energético – suficientemente forte. Nenhum dos deuses de inúmeras culturas desapareceu totalmente, todos continuam existindo, mas inativos temporariamente.

O que afirmamos se baseia no Primeiro Principio Hermético que diz: O Universo é Mental”, assim a mente tanto cria, quando dissolve incontáveis formas de existenciais incluindo aquelas que são aceitas como avatares, santos, mentores espirituais, e assim por diante. Mas mesmo assim tais formas cumprem fielmente o papel que lhe é conferido.



